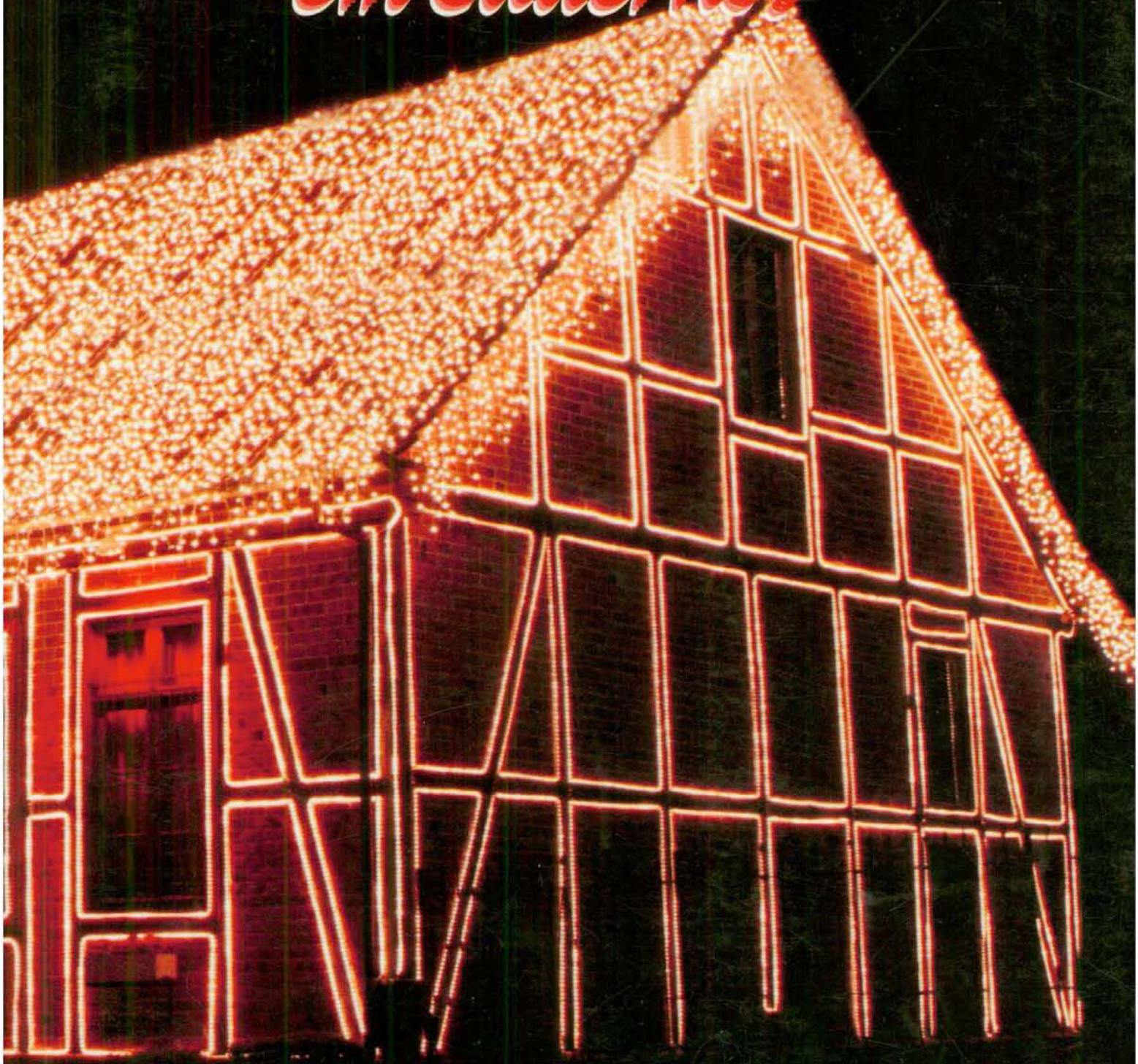


ISSN 0006-5218

# BLUMENAU

*em Cadernos*



FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU  
TOMO XLVI  
N.º 112  
NÚMERO 11/12

Digitizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

# BLUMENAU

*em Cadernos*

## PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU

João Paulo Kleinübing  
*Prefeito Municipal*

Edson Brunsfeld  
*Vice-Prefeito*

## FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Marion Bubeck Willecke  
*Presidente*

Iúry Bugmann Ramos  
*Diretor Administrativo-Financeiro*

Sueli M. V. Petry  
*Diretora Histórico-Museológica*

Dirceu Bombonatti  
*Diretor do Centro de Publicação, Documentação e Referência em Leitura*

Rafaela Hering Bell  
*Diretora do Museu de Arte de Blumenau – MAB*

## REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS

Fundada em 1957 por José Ferreira da Silva

Sueli Petry  
*Diretora*

### CONSELHO EDITORIAL

Annemarie Fouquet Schünke (*Presidente*)

Cristina Ferreira

Gervásio Tessaleno Luz

Ivo Marcos Theis

Marcos Schroeder

Roberto Marcelo Caresia

Urda Alice Klueger

Viegas Fernandes da Costa

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”



**Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,**  
na Área de História – edição 1998, concedido  
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina  
**Prêmio Destaque - 2002**  
concedido pela Academia Catarinense de Letras.

© 2001 by Fundação Cultural de Blumenau

**REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS**

Expediente: Alameda Duque de Caxias, 64 – Caixa Postal, 425 - 89015-010 –  
Blumenau (SC)

Fone (0\*\*47) 326-6990 - E-mail: [arquivohistorico@fcblu.com.br](mailto:arquivohistorico@fcblu.com.br)

**Capa:** Natal Luz: Museu da Família Colonial - Foto Studio Pedro

Silvio Roberto de Braga

**Revisão:** Valdir A. Petry

**Digitação:** Dayana de Cássia e Garperin Andrade

Secretária: Mirela Nolasco



**EDITORA CULTURA EM MOVIMENTO**

Rua XV de Novembro, 161 – Centro – Caixa Postal 425 - 89010-001 - Blumenau - SC

Fone (0\*\*47) 326-7511 - E-mail: [editora@fcblu.com.br](mailto:editora@fcblu.com.br)

<http://www.fcblu.com.br>

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Biblioteca Pública Dr. Fritz Müller - Blumenau – SC

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de  
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (06) 1957 -

II.

Bimestral

ISSN 0006-5218

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907  
© Reservados todos os direitos de publicação total ou parcial pela Editora Cultura em Movimento

“Impresso no Brasil / Printed in Brazil”

## SUMÁRIO

Apresentação ..... 007

### Documentos originais – Conto histórico

Fonso  
José Curi ..... 009

### Artigos

O desenvolvimento recente do sistema produtivo  
regional de Blumenau

*Ivo M. Theis e Carolina Bagattolli* ..... 030

Morar na periferia – localização e segregação espacial:  
as cores vívidas da realidade

*Ancelmo Schörner* ..... 048

Os Clubes de Caça e Tiro após a Segunda Guerra  
Mundial em Blumenau

*Cristina Ferreira e Anna Caroline Peixer Abreu* ..... 065

Locomotiva “Macuca”, Patrimônio Histórico do Vale do Itajaí

*Luiz Carlos Henkels* ..... 088

## Contos Natalinos

O apagão

*Anamaria Kovács*..... 102

## Símbolos de Natal

O Natal e seus símbolos..... 106

## Fragmentos da nossa história local

História de uma greve

*Luis Reis*..... 109

## Índice Geral

Índice geral da Revista Blumenau em Cadernos 2005 ..... 111

## Autores catarinenses

Passarelas amazônicas

Quem escreve o quê e onde

Moro onde não mora ninguém

*Enéas Athanázio*..... 114

## Apresentação

Ao fechar o bimestre de novembro/dezembro da revista **Blumenau em Cadernos**, encerra-se mais um ano de publicação. Um novo tempo se inicia. A Fundação Cultural de Blumenau, através do Arquivo Histórico, órgão responsável pela edição desta revista, bem como o seu Conselho Editorial, desejam a todos os assinantes, leitores, colaboradores e apoiadores de BLUMENAU EM CADERNOS um Feliz Natal e Próspero Ano de 2006.

A belíssima capa que ilustra a revista traz uma imagem iluminada com a temática natalina do complexo do Museu da Família Colonial. O sistema de iluminação utilizado valoriza a arquitetura do Museu, destacando contornos e detalhes do estilo enxaimel. Luzes, sombras e desenhos estilizados servem para realçar valores estéticos da arquitetura destas casas do Século XIX. Esta decoração faz parte do Projeto “*Natal Luz - 2005*”, da Eletrobrás em parceria com a Celesc e Prefeitura Municipal, que incentiva e patrocina a decoração natalina em prédios públicos, monumentos históricos e residências em diversas cidades do Brasil. Em Santa Catarina o Museu da Família Colonial foi escolhido como o monumento símbolo deste “Natal Luz”.

A coluna bilíngüe **Documentos Originais – Conto histórico**, intitulado “*Fonso*”, documenta um escrito no dialeto “talian”, que é uma koiné falada e entendida por todos os imigrantes italianos que vieram para Santa Catarina, e que com o tempo criaram este “talian” muito comum entre os descendentes de imigrantes moradores da região do Rio dos Cedros, do Vale do Tijucas e do Sul do Estado, principalmente em Urussanga, Criciúma, Nova Veneza.

Na sessão **Artigos**, o economista e doutor em Geografia Econômica, professor Ivo M. Theis, do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional/FURB e a economista Carolina Bagattolli publicam o texto “*O desenvolvimento recente do sistema produtivo regional de Blumenau*”. Os autores analisam o desenvolvimento recente do SPR de Blumenau, partindo da hipótese de que este tenha logrado superar as dificuldades enfrentadas nos anos noventa, sobretudo em vista da emergência de novas forças que passaram a impulsionar o processo de acumulação em nível regional.

Continuando com a coluna **Artigos**, o pesquisador e doutorando Ancelmo Schörner, publica “*Morar na periferia – localização e segregação espacia-*

*al: as cores vividas da realidade*". No seu texto, analisa as relações sociais dos aglomerados humanos e suas discriminações no que tange a sua localização urbana.

Com o artigo "*Os Clubes de Caça e Tiro após a Segunda Guerra Mundial em Blumenau*" as autoras professoras Cristina Ferreira, do Depto. de História e Geografia da Universidade Regional de Blumenau – Furb e Anna Caroline Peixer Abreu, graduada em História pela Universidade Regional de Blumenau – Furb, analisam o associativismo civil no município de Blumenau. Buscam analisar o associativismo civil no município, dando ênfase ao recorte temático "*Associações desportivas, recreativas, hobby, lazer e entretenimento*", detendo-se na tradição dos Clubes de Caça e Tiro. O recorte temporal está centrado na década de 50, tendo como marco inicial o centenário de Blumenau e como finalização um período que revela a preocupação com a chamada modernidade, discurso atuante no cenário político, social e econômico da cidade.

Aproveitando as festividades de final de ano, a escritora Ana Maria Kovács, na coluna **Contos Natalinos**, escreve o conto intitulado Apagão. Num segundo momento, apresenta-se um texto de autor desconhecido onde se comenta as simbologias natalinas.

*Luíz Carlos Henkels, por sua vez, com o seu texto: "Locomotiva Macuca, patrimônio histórico do Vale do Itajaí", deixa fluir a sua paixão pelo tema que diz respeito à Estrada de Ferro Santa Catarina, a qual foi de grande importância para o desenvolvimento regional.*

Ainda envolvendo o tema ferroviário, em **Fragmentos da nossa história local**, publica-se o artigo do jornalista Luis Reis, comentando a greve do ano de 1918.

Em **Autores Catarinenses**, Enéas Athanázio, com "*Passarelas Amazônicas*" reúne diversos comentários e interpretações sob a ótica de um catarinense em terras amazonenses. Discorre ainda sobre a literatura e uma crônica de sua autoria.

Finalizando, é apresentado o **Índice Geral**, que orienta o pesquisador com as indicações de textos e artigos publicados ao longo do ano 2005.

Deixamos aqui o convite para os memorialistas, historiadores e pesquisadores a escreverem textos para as colunas **Artigos, História & Historiografia, Memórias e Crônicas do Cotidiano**.

Sueli M. V. Petry

*Diretora da Revista Blumenau em Cadernos*

# Fonso

José Curi<sup>1</sup>

*Documentos  
Originais - Conto  
histórico*

Fumava o gentil Fonso e comia religiosamente a nicotina. Tinha no olhar uma estufa de tabaco. A testa já rugosa, dir-se-ia cosida por agulhas de tabaco. Os poucos cabelos, pés de tabaco secos numa coivara rala. A barba, folhas de tabaco bombardeadas pelo granizo. Os lábios, cor de tabaco “amarelinho”. As orelhas, tabaco fermentado, e o nariz, maço de tabaco “marrom”.

- Esta joça de linha costuma atrasar sempre?

Olhares devorando-o. Olhares não matam...Tira umas brutas baforadas do cachimbo. Levanta o chapéu e emporcalha as unhas nos fiapos suados.

- Não basta mais um sinal com o chapéu, Popowski?

(Tchau! Auf Wiedersehen! Baci al mama, dighe che ghe voi ben... Inté, inté, vô dizê)

- Depressa, pessoal, senão a linha se toca.



<sup>1</sup> Conto histórico - literário obteve o primeiro lugar no Terceiro Concurso Estadual de Contos, promovido pela FURB em 1978. Foi publicado (em português) no livro: Contos da FURB - Editora Acadêmica- Blumenau, 1978, pp.109 à 117.

FONSO

José Curi<sup>1</sup>

(Raconto stórico ma anca literario scrito in dialeto da José Curi).

El pipava sto gentil Fonso e engotia-dô religiosamente la nicotina. El gheva ntei oci na stufa de tabaco. La testa enrugá mpareva cusia da uce de tabaco. I pochi cavei, pei de tabaco sechi. La barba, foie de tabaco fulminae dala tempesta. I láori col color de tabaco zaldo. Le rece, tabaco fermentá, e el naso, en masso de tabaco castaign.

- Questo toco de linha el riva sempre atrasá?

Ociae a magnarlo. Le ociae no le copa. Cava for bele pipae dela bosca. Alsa el capelo e sporca le ongie ntei cavei suai.

- Nol basta pu en segnale col capelo, Popowsky?

(Ciao... Auf Wiedersehen...Baci ala mama, dighe che ghe voi ben. ...Inté, inté, vô dizê.)

- Súbito, súbito su, che la ligna la è drio a marciar.

- L'atrasa sempre e ncor, súbito su? Lissensa!

- Schifoso, vutu schissarme?

- Te si drio a ntupir la porta. El me capelo, no stá pestarghe su.

(Vegno de volta dopo el carnevale...Ciao, ciao... Vô dizê, vô dizê. Nein, nein...Küsse kleine, ja?)

Par fin en adio ala morte. Bah! Con na ligna cosí tuto l'è possibile.

Fumassa spussolenta de pipe, sigari e "charuti". Veciote a passar la lengoa su i láori. E ociae a magnarlo. Na zovenota a vardarlo e a ríder malissiosa. Elo fa finta de no veder, e el ghe dá na ociá a tuti nte la ligna. El pensa come l'è doloroso rivar a meda etá e no gaver nte le man i fruti de na vita de duro laoro. El pipa e nol ghe fá caso ala ligna che magna curve e chega pulver. En solavanco quasi el gá fato engotir la pipa. Allora, tuta la rabia taliana la ghe gen ala boca: Porca miseria! Orcocane! Sacraeva! El voleva levar-su, ma propio in questo momento l'ha cambiá el mi col nostro. Elo nol gheva colpa se tanti busi i spetava al'orlo la volta de ndar entro in medo ala strada. Ntel litorale la strada la è meio anca se la se vestisse de negro. Elo nol gheva colpa se la vita l'eva verto paradossalmente tante lusentine negre. La ligna la ciapá l'escuridon, rota ale volte con le machinete

---

<sup>1</sup> Conto histórico - literário obteve o primeiro lugar no Terceiro Concurso Estadual de Contos, promovido pela FURB em 1978. Foi publicado (em português) no livro: Contos da FURB - Editora Acadêmica- Blumenau, 1978, pp.109 à 117.

- Atrasa sempre, depressa, pessoal? Licença.
- Esquifoso, quer me esmagar?
- Fica aí a entupir a porta. Meu chapéu, não pise.

(Vegno de volta dopo el carnevale...Ciao, ciao... vô dizê, vô dizê...Nein, nein...Küsse kleine, ja?).

Até parece despedida para a morte. Bah! num ônibus destes tudo é possível. Fumaceira fedorenta de cachimbos, cigarros e charutos. Velhotas a lamber os lábios. E olhares devorando-o. Uma garotinha a flechá-lo com sorrisos suspeitos. Desvia o olhar e ventiladoreia o pessoal todo. Pensa como é chatíssimo chegar à meia-idade e não ter às mãos os frutos de uma vida de trabalho duro. Fuma, e parece não se incomodar com o ônibus a comer curvas e a defecar poeira. Um solavanco quase lhe fez engolir o cachimbo. E então, toda a raiva italiana lhe assume à boca: porca miséria! Orcocane! Sacraeva! Ia levantar-se mas neste momento transformou o eu em nós. Ele não tinha culpa se muitos buracos esperavam do lado de fora a vez de entrar na estrada. No litoral a estrada iria melhorar, embora se vestisse de preto. Ele também não tinha tanta culpa se a vida lhe abria paradoxalmente muitas clareiras escuras. O ônibus entrou na escuridão, rompida de quando em vez por um cigarro que se acendia. O ônibus pegou a estrada de preto e virou berço. Fonso roncava.

Ao descer na estação rodoviária, uma lufada de vento-sul despertou-o. Nossa Senhora! Enveredou pela rua do Palácio Rosado. O vento arrancava-lhe lágrimas. Sentou-se numa borda de calçada a fim de amarrar os sapatos e aliviar as costas. Nunca um saco tão leve alguns aipins, algumas batatas doces, uns chuchus, duas escrituras de terras e um pijama - lhe pareceu tão pesado. Ou seria o vento? Ou a consciência saltando nas chibatadas do vento? Ou o desespero? O cachimbo queimara-lhe o bolso do paletó. Seria tão só culpa do cachimbo? Ao dobrar o corpo para amarrar os sapatos, o vento arranca-lhe o chapéu e pendura-o num flamboyant. E havia necessidade de tirar os sapatos no ônibus? Ao jogar instintivamente o braço para apanhar o chapéu o vento abre-lhe o paletó e o cachimbo voa-lhe para o meio da rua e quebra-se todo. Ao tentar fechar o paletó o vento estufa-lhe a camisa e penetra em sua alma. Que queria o vento na alma de Fonso? Esconder-se na alma bonachã de um colono? Estaria o vento triste? O Beppi lhe havia escrito que de uns tempos para cá o vento-sul soprava mergulhado numa tristeza insofismável. Talvez fosse com uma es-

a mpissar sigári. La ligna mpareva na cuna e Fonso el roncava.

Al vegner-dô ntela stassion rodoviaria, na bruta slefa de vento el l'ha desmisiá. Madona! L'ha ciapá la strada del palasso rosá. El ventosul el ghe feva vegner lagrime ai oci. El s'ha sentá sula calçada per ligar le scarpe e tor-dô dela schena el peso. Magari, mai en sacheto liziero: qualche toco de alpi, alquante patete dolse, alquanti chuchu, doe scritture de tera e en pijama i ghe mpareva con tanto peso. Seria, forsi, el vento? Forsi la coscienza ntele ali del vento? Forsi la desesperassion? La pipa la gheva brusá la scarsela dela giacheta. Seria solo colpa dela pipa? Al piegar el corpo per ligar le scarpe el vento el ghe porta-via el capelo e lo pica- su s'un flamboyant. Ma bisognava propio cavar-se le scarpe sula ligna? Al voler col brasso drito ciapar el capelo in aria, el vento el ghe vérde la giacheta e la pipa la salta - via in medo ala strada e spáchese-su tuta. Al serar la giacheta el vento vaghe entro ntel'ánima. Ma che cosa el voleva el vento ntel'ánima de Fonso? Scônder-se ntel'ánima tanto bona d'en colono? L'era malinconico el vento? Bepi el gheva scritto che da qualche tempo in quá el ventosul el sofiava pien de malinconia. Forsi, na volta, el ventosul con en piasser sádico mpienia e tirava-su le saie ampie e rotonde dele done. Ncoi nol gá bisogno de tirarle-su perchê la moda la s'ha incaricá de farle vegner-su e tacarle a bei corpi ntela valorizassión del sesso, e la caressa geografica del ventosul la gá fato posto a bele ociae de una sesso pandemia. Rapsodo dele freste coloniali, con divine camene, strapava melopee e nênie. Ncoi el se spaca en edificissi de cemento armado e tristemente el pensa che lori i é le favele del futuro, senza pentagrami per far melodie. Prima el ventosul el cercava l'acoliensa, la caressa, el baso, l'indiscreSSION, la strada dele petegolesse, el nio dele piade e la machinassion dei sobrenomi. Ncoi, triste, sbufa scherni sul muso del progresso. No l'é pu con na contentessa ch'el ruina-su pétele de rose, cava-for gerani, sfrega boche-de-leon, enrissa petunie, magna dalie, paravia na mucia de zinzale, spiegassa le aque dela baiassul e saluta piante e zente col so passar frenético. El ventosul l'é triste.

- Ma, orcaputana, che vento! Nol me assa gnanca ligar le scarpe. Cramegna, che tera!

El ventosul el cerca l'ánima de Fonso e l'é per questo che l'é triste. Ma l'ánima de Fonso la é stessa a en coridor de scola ncoi pien de paroloni pelosi e... el ventosul el bina-su paroloni da far vegner el pel d'oca.

- "Bamo sambá, seo moço! É carnavá."

Fonso, vento e sacheto i riva a casa del cugná. Fonso el beve en góto

de sgnapa. L'ha domandá varie volte se elo l'era ombra o gente, perché gá mparesto de scoltar en vento lamentandose. L'ha abrassá el cugná e domandá per l'amor de Dio che lo scondesse del vento.

- Cossa gal po' sto vent, óm de Dio?

- L'é en sacraeva!

- Sen ntel carneval.

- Lo só, ma el desgrassiá del vento el ma porta-via en poco dela me vita, el ma porta-via la me pipa.

Fonso, allora, mete-se a far-su na sigareta de paia. Inquanto el canivet el taiava el fumo-de-corda, Fonso el brontolava: questo fumo spussa come ale de barate. Fumo bon se cata solo a Rio Cedro. Varda-vé come el diventa pôlver. Te giuro che con na pipá sola finisso el paliero. Nghenelo quá paie de sorgo? Porca pipa! I ghe cava-for el pelugin ale paie e me coign spuar-for per tacarle. Ma ndove heo visto pipar en paliero senza el pelugin colá?... Sacraputa! Fermé sto radio. Che musiche! Seo diventai mati in questa casa?

El radio strangolava n'alegria ciuca, sbalorditiva e matoide con na caterva de cansoni col ritmo de frevo, samba, marcie.

- Te devi sentir en poc l'anima brasiliana in queste músiche, car cugná.

- Sento l'é falta de la me pipa, e son drio a pipar ale de barate.

- Ndenti a far el carneval?

- E fantasia?... Me ricordo del negro: bamo sambá, seo moço! Mi gó l'impression che le persone de questa tera no le é nate per el laôro. Quá i vol solo divertirse. Che vergogna marsa!

Fonso no l'abú bisogno de fantasia. Che fantasia pu giusta che en pé de tabaco vivo? El cugná el s'ha metú la gravata e lori doe, democraticamente, e sa persi ntel carnevale in medo ala zente dela rua XV de Novembre.

El carnevale, tra noaltri, infatti, el ne une de Norte a Sul, en ne méscola, el ne sporca, el ne asciá lá narcotizai per le strade de Sodoma e Gomorra per destilar nte le nostre vene el soro carnevalesco. E i cugnai, ntela mucia de gente informe, medo nua, sacrificá ntei ángoli, emmuciá nele calsade, nciucá ntei bar, manipulá nei bali munissipali, dondolando, pareva che i eva verto la válvola dei sofocamenti. Fonso, medo ciuco, el credeva che i destini (imagineve!) no i se crosa; che la urna dele desilusioni la doveva nciucarse, non vérderse mai; che le guaiache le deveria svodarse, desbotonarse, e far saltar-for i soldi ntel paltan de...che i va tuti a farse ciavar! E dir che i gheva dito in cesa che l'omo el gá n'anima de sostansa

músicas! Estão ficando doidos nesta casa?

O rádio estrangulava uma alegria embriagadora, estonteante e amalucada numa caterva bestificante de modinhas em ritmos de frevos, sambas, marchas.

- Você precisa sentir um pouco da alma inoxidável brasileira nestas músicas, meu caro cunhado!

- Sinto é falta do meu cachimbo, e estou a fumar asas-de-barata.

- Vamos pular o carnaval?

- E fantasia? Gozado: bamo sambá, seu moço! Dá-me a impressão que o pessoal desta terra não nasceu para trabalhar. Aqui só querem se divertir. Que vergonha “marsa”!

Fonso não precisou de fantasia. Que fantasia melhor do que um pé de tabaco vivo? O cunhado pôs-se de gravata e ambos, democraticamente, perderam-se no carnaval no meio do povo da Rua XV de Novembro.

O carnaval, de fato, une-nos de Norte a Sul, embaralha-nos, enxovalha-nos e estende-nos narcotizados pelas avenidas de Sodoma e Gomorra para destilar-nos nas veias o soro carnavalesco. E os cunhados, na massa informe, seminua, sacrificada nas esquinas, apinhada nas calçadas, bêbada nos botecos, manipulada nos bailes municipais, gingando, desabafavam na válvula de escape todos os recalques. Fonso, quase pifado, achava que os destinos não se cruzam. Que a urna das desilusões deveria se embriagar, não abrir-se nunca. Que as guaiacas deveriam se esvaziar, desabotar, para que corressem céleres os níqueis no lamaçal do... E dizer que lhe haviam dito na Igreja que o homem possui uma alma de substância simples e espiritual. Bah! O soro carnavalesco é que vale, não interessando se o efeito dele é perdido na Quarta-feira de Cinzas. Fonso, entre pulos caprinos, em cordões de carnes bisnagadas não poderia ter tempo para reflexões. E o cunhado via sonhos-pompas de psiques sufocadas nos desfiles de fantasias, nas escolas-de-samba, nos afoxés, no próprio Rei Momo que lhe parecia seu velho avô paterno. Fonso, descamisado, já encuecado, estava no sacolejo da sensualidade num epicurismo espasmódico que desfraldava a bandeira dos bacos, dos pierrôs, das vênus, das colombinas, das pierretes, das sereias de nádegas redondas, das havaianas, dos arlequins, dos clowns, dos títeres, dos travestis, numa volúpia ardente, num rendez-vous no vale-tudo da folia. Fonso seminu, cantava roufenhamente: “tu pensa que catchiaça é água? Catchiaça no l'é água non...” Um soldado aproximou-se

semplice e spirituale! Bah! El soro carnealesco ha valor, anca se se pol pérderlo Mércoli de Cendre. Fonso con salti de cáora, in medo ale persone ciuche, mpareva che nol gheva tempo da rifleter. El cugná el vedeva ntele persone sogni sofocai, sogni de grandessa e gloria ntei desfili de fantasie, ntele scole de samba, ntei afoxés, ntel rê Momo che per elo mpareva el so nono paterno. Fonso, sensa camisa e solo con le mudande, ntela agitassión dela sensualitá, ntel epicurismo spasmódico che sventolava la bandiera del Baco, dei Pierrot, dele Veneri, delle Colombine, dele Pierreti, dele Sirene con culate tonde, dele Havaiane, dei Arlequín, dei clowns, dei paliassi, dei culatóni, in una volupia ardente, in un rendez-vous dela folia. Fonso quasi nuò, el cantava con vosse nasale: “ ti te credi che la sgnapa l’è aqua? La sgnapa no l’è aqua nó.”...en soldá riva vessin a Fonso, daghe na peá ntel culo e...l’alba la salutava le montagne. El café el fumegava sula tola ntela cosina.

- Cossa ghel sussedest po’ al cugná Fonso?

- No só, cara. El s’ha pèrs in més ala zente.

El telefone el sona: - Alô!

-...El dis ch’el vê cognosce. Che vu sê el so cugná.

- Chi?

- En tal de Fonso.

- En do el?

- Ntela prison e nol gá soldi per pagar la maleveria.

- Porca miseria! Maleveria?

- L’è drio a piander, vegnê súbito.

Che stratigrafia animica el ne porterá quest’ánima medo brasiliana del borgo carnealesco? Fonso l’era en Mércoli de Cendre: ntel idiograma del muso crose de cendre. Ntela testa scioca, tic, sdegno, íncubi, rimorsi, scrúpoli. Se podeva, però, giurar che ntei oci nol gheva en solo vestigio de arrendimento.

- Cugná!

- Sacoroto! Prima el vento e adesso la prison. Che cosa me speta ancor ntela capitale?

- El banco.

- Propio. Doman nden al banco.

- A tor-for soldi per piantar ortagi e invesse vérder na grangia. Non te par na locura, cugná?

- La tera la é fruá, e la sapa la m’ha stracá.

de Fonso, sentou-lhe um sonoro pontapé na bunda e... A madrugada já saudava os morros. O café fumegava na mesa da cozinha.

- Que aconteceu com o cunhado Fonso?

- Não sei, querida. Ontem à noite o perdi de vista.

E o telefone tocou.

- Alô!

- Diz ele que conhece o senhor. Que o senhor é o cunhado dele.

- Quem?

- Um tal de Fonso.

- E onde ele está?

- Na cadeia, só que ele não tem dinheiro para pagar a fiança.

- Porca miséria: fiança!

- Está chorando. Venha logo.

Que estratigrafia anímica nos poderá trazer esta alma semibrasileira da rua carnavalesca? Fonso era uma Quarta-feira de Cinzas. No ideograma da face: cruces de cinza. Na cabeça zonzas: tiques, pesadelos, remorsos, escrúpulos. Era de jurar, contudo, que os olhos não tinham nenhum traço de penitência.

- Cunhado!

- Sacorroto! Primeiro o vento, agora a cadeia. Que mais me espera na capital?

- O banco.

- É mesmo. Amanhã iremos ao banco.

- Tomar dinheiro emprestado para plantar hortaliças, e ao invés disto, abrir uma granja. Não te parece uma loucura?

- A terra está exausta, e a enxada me deixou cansado.

- Uma vez colono...Mudar agora de profissão? Aventura?

- Preciso de dinheiro. Tenho ainda bocas para sustentar.

Conheci Fonso nos seus vinte anos. Herdara do pai dois pedaços de terra: um pedaço de morro árido, cheio de pedras, e um belíssimo vale de terra fértil. Colono feliz, de índole boa e de idéias claras, pautava sua vida para um fim último, a bem-aventurança, na qual acreditava de coração, porque Fonso era visceralmente católico. Trabalhar e cantar, misturando o canto com a polenta com queijo ou galeto, com café – bendito café – plantado, colhido, secado, brustulinizado e piloneado por ele. Café que se tornara folclórico: - “Vegnê entro a beber el café”( entrem para tomar um

- Ma, na volta coloign... Cambiar adés de laor? Aventura?
- Gó bisogno de soldi. Gó ancora boche per darghe da magnar.

Mi ho cognossú Fonso quando el gheva vinti ani. So poro pare el gheva assá doe tochi de tera: na colonia su na colina seca, piena de sassi, e en belíssimo vale con tera bona. Colono felice, d'indole bona e idee chiare, el regolava la vita per en fin, ossia, per el paradiso al quale el ghe credeva con tuto el cor, perché Fonso l'era visceralmente católico. Laorar e cantar, mescolar el canto con la polenta, el formai o el galetto, col café – benedeto café- piantá, biná, secá, brustulinizá e pestá ntel pilon. Café folclórico: “vegnê entro a beber en café!” Fonso steva ben. La casa, anca se pícola e de breghe, la gheva l'orto davanti; i baiti sempre pieni de tabaco, de sorgo, de fasoi; bele vache con bon late per el formai, el botiro, la nata; bei porchi per le lugáneghe, el colá, el lardo, el toresmo; e dopo, ánitre, galine, perui, cavai zebruni per l'ará, per la slita, la petenela, la carossa e anca per montarli. Ntela garage improvisá dormiva en vecio Ford. Se Fonso comprava qualche roba l'era el sale e el petrolio. El petrolio doperá per la lume. El súchero, anca se mascavo, come anca la sgnapa, elo i li feva saltar for dela cana- de-zúcher. Fonso parlava en dialeto samonato che nol gheva le parole ossio e ferie. E eco che adesso el gen al banco per far en empréstito per cultivar ortagi. Saralo ch'el banco el ghe crede a questo? Quelo che Fonso el vol l'è meter-su na grangia. Ma, el dá da capir che en colono con le man piene de cali e el muso pien de rughe e magná dal sole el volesse meter-su na grangia?

- Per le garantie che vu ne dê in cambio: doe scritture dela tera, dô vache piene e dô cavai, podê ciapar otanta conti.

- Otanta conti? Propio?

Fonso l'ha assiná tuto ale sguelte, l'ha trato le scritture dela tera sula tola del gerente e en onda de caldo el gá fato suar.

- En casi cosí ghen bisogno d'en avalista. L'è solo per forma. El vostro cugná serve. Atento, però, l'avalista solo sará ricordá quando ghe bisogno. Se vu asê lá de pagar qualche duplicata, tute le vostre robe, conforme el laora el banco, le vá al'asta pública. Eo capí ben?

Fonso l'è restá mutu, e l'ha fato de sí con la testa. La ciapá le man del gerente e daghe en baso.

- Vegnê luni a tor i soldi.

- Madona mia! Come questa gente del banco la é bona! Posso star a to casa fin

luni, caro cugná?

café). O bem-estar vivia ao lado de Fonso: a sua casa ainda que pequena e de madeira, tinha a horta na frente; tinha seus ranchos sempre cheios de tabaco, milho, feijão; suas vacas para o leite, o queijo, a manteiga e a nata; seus porcos gordos para a lingüiça, a banha, o bacon, o torresmo. E mais seus: patos, galinhas, perus; seus pangarés e zebrunos para o arado, a eslita, a petenela, a carroça, e também para montaria. Na garagem improvisada dormia um velho Ford. Se Fonso comprava alguma coisa era o sal de cozinha e o querosene. O querosene para a lamparina. O açúcar, embora mascavo, assim como a cachaça ele os fazia saltar da cana-de-açúcar. Fonso falava o dialeto samonato que não possuía as palavras ócio e férias. E agora me vem ele ao banco fazer um empréstimo para plantar hortaliças! E será que o banco vai engolir esta trapaça? O que Fonso quer mesmo é construir uma granja. Mas tem sentido para um colono de mãos calosas e rosto enrugado e carcomido pelo sol, uma granja?

- Pelas garantias que o Senhor nos dá em troca: duas escrituras de terra, duas vacas prenhes, e dois cavalos, podemos lhe ceder oitenta contos.

- Oitenta contos? Mesmo?

- Fonjo assinou tudo às pressas, jogou as escrituras sobre a mesa do gerente do banco, e uma onda de calor o fez suar.

- Nestes casos precisamos de um avalista. Mas é pró forma. O seu cunhado serve. Advertimo-lo, contudo, que o avalista só será lembrado em último caso. Se o Senhor não pagar em dia as duplicatas, seus bens irão à hasta pública conforme o proceder do banco. O Senhor entendeu bem?

Fonso ficou-se mudo e fez um sinal de aprovação com a cabeça. Tomou das mãos do gerente e beijou-as.

- Passe segunda-feira para receber o dinheiro.

- Madona mia! Como essa gente do banco é boa...Posso ficar até segunda-feira em tua casa, cunhado?

- Claro que sim! Ainda é quente. Podemos ir à praia aproveitar um pouco de sol.

Fonso parecia um pagão a adorar o deus-sol. Tinha ouvido falar que o sol com seu calor, sua luz, seus raios ultravioletas, arrasa certas acnes, certas espinhas, certas infecções. Que ele propicia a vitamina D; estimula a circulação sangüínea; dá uma sacudidela sísmica em todos os músculos e órgãos do nosso corpo; que a praia é o altar onde o deus-sol é adorado. E Fonso, tirante o rosto carcomido, era pura alvaiade, pois nunca tirara

- Ma si che te pôdi. Fá ancor caldo, poden ndar ala praia ciapar en poco de sole.

Fonso mpareva en pagan a farghe adorassion al dio sole. L'eva scoltá dir che el sole col so caldo, la so luce, i soi raggi ultravioleta, i pol far ndar-via qualche acne, qualche fignol, qualche infession. Ch'el sole el ne dá la vitamina D, ativa la circolassion del sangue, el dá en scorlon a tuti i nervi e músculi del corpo. Che la praia l'é l'altar ndove el dio sole l'é adorá. E Fonso, for el muso, el gheva el corpo bianco come la neve. No l'eva mai tolto la camisa en público, tanta l'era la pudicissia! L'ha taiá en par de braghe vece del cugná e el s'ha fato en calson, e senza badar a nissuni, en dô di, tirando for el naso che lascava, quela bianchessa colona la feva rider e anca la feva vegner preocupassión. E Fonso a chi ghe rideva-for: ndê tuti a farve ciavar che mi me sento ben e pien de salute.

Luni, con la borsa piena de soldi la ciapá la ligna per ndar a casa. I otanta conti ch'el portava sula pansa no i l'ha lasciá dormir gnanca en minuto. Otanta conti! Na borsa piena de soldi! Cosa i vol dir ottanta conti? I vol dir: ovi, poiateri, gabie piene de poiateri zaldi, e sora tuto questo, monete e banconote de sinquessento, de mili fiorini a empieir me le man. E i coloni colmi de invidia a parlar me con cortesia e rispetto. No, però, per la me pora persona, ma per i soldi che i fá balar anca l'orso: - Bon dí, Dotor Fonso! Maledeti! Dotor Fonso! Mi Dotor! Con tuta la reson la diseva la nona; "sior senza soldi, lumin senza oio". Ma, disême, da quando mi ghe someio a en dotor? Ah! Bifolchi! Coloni gnoranti! Ndê tutti a farve... via, via! Ala Runi ghe compro en bel vestito de veludo azul con na borseta e scarpe col stesso color. Per le me trê fiole, che le é drio a sognar coi morosi, vestiti da cocktail. Per il Gualberto che l'é anca en toseton e el sá diriger el Ford, na camisa sportiva, o forsi en bandónio... Porca pipa! Questa ligna no la riva pu! ...E per mi che ho sempre laorá scalso, me mérito bei scarponi. Quante saudades de la me pipa!

La note la era bel che alta quando Fonso l'é rivá al so Rio Cedro. Al vegner-dô dela ligna struca fortemente al peto la borsa coi soldi, daghe ciao al chofer, e via pel camin de casa. I toseti e la sposa Runi i era drio a dir su el rosario ala Madona de Caravaggio.

- Viva a tutti! Fermê de pregar che Dio el n'ha vardá in dô.

Fonso l'ha svodá sula tola la borsa, e le banconote nove le luceva anca se la lume la vegnese de na lamparina a petrolio. E i toseti coi oci spalancai:- Dio mio! Quanti soldi!

sequer a camisa em público, tal a pudicícia. Cortou uma calça velha do cunhado, fez dela um calção e sem dar bolas a alguém em dois dias, tirando-se o nariz que lascava, aquela brancura colona provocava risos e preocupações. E Fonso para quem ria dele: vão todos pros quintos que eu me sinto feliz e cheio de saúde.

Segunda-feira, com a bolsa cheia de dinheiro tomou o ônibus de volta à sua casa. Os oitenta contos que trazia no colo não o deixaram dormir um minuto sequer. Oitenta contos! Um verdadeiro saco de dinheiro! E que querem dizer oitenta contos? Querem dizer: ovos, pintos, frangos, gaiolas cheias de pintinhos amarelos, e sobretudo, moedas tilintando, e notas de quinhentos vindo para a minha mão. E a colonada cheia de inveja a me tratar com cortesia e respeito. Não tanto por minha pessoa, mas pelo dinheiro “che fa balar anca l’orso” que faz dançar até o urso. Bom dia, Dr. Fonso!...Desgraçados! Dr. Fonso! Logo eu, doutor! Bem dizia a nona: “Sior senza soldi, lumin senza oio” (A pessoa sem dinheiro é tal qual a lamparina sem petróleo). Mas, desde quando eu tenho cara de doutor? Bem, mas para a Runi vou comprar um belo vestido de veludo azul acompanhado de bolsa e sapato da mesma cor. Para as três filhotas que já são grandes, umas blusas e cintas. Para o Gualberto, que já é um menino (o danado dirige até o fordeco!) um par de chuteiras e uma bola oficial. Porca pipa! Este ônibus não chega nunca! E para mim, que sempre trabalhei descalço, me mereço um par de botas. Que saudades do meu cachimbo!

Já era noite alta quando Fonso chegou ao seu Rio Cedro. Ao descer do ônibus apertou com mais força o dinheiro contra o peito, deu um tchau ao motorista, e dirigiu-se para casa.

As crianças e a esposa estavam recitando o rosário diante da imagem de Nossa Senhora do Caravaggio.

Viva a todos! Parem de rezar que Deus olhou para baixo.

Fonso virou sobre a mesa a bolsa, e as notas novinhas brilharam ainda que à luz de uma lamparina a petróleo. E os olhos das crianças, bem abertos: Meu Deus! Quanto dinheiro!

- Tirem as mãos de cima dele que dá azar.
- Papai, esta tarde três homens o estavam esperando.
- Então, já sabem que fui à capital buscar dinheiro. Desgraçados credores agiotas! Bem, a dormir que amanhã começaremos a faina.

Por que a gota de suor haveria de pesar mais que o grão de trigo? Ora,

- No stê tocarli che dá azar.

- Pupá, stassera trê ómini e ve spetava.

- Allora i sá che son ndá ala capitale a tor soldi. Disgrassiai credori agiotatori. A dormir tuti che doman ghen molto da far.

Ma, disême, perché la gossa de suor la deveria esser pu pesante che en gran de trigo? Perchê con el suor de la to testa te magnerai el to pan. Vero, giusto, se aceta, ma che balansa l'é questa che fá la gossa de suor tanto lisera, tanto senza senso, tanto imbecile? No ho mai letto ntela Biblia che na gossa de suor la se cambiasse en gossa de sangue. Ma i otanta conti i sá cambiá en otanta gosse de sangue. Fonso, a trar-su baiti, a pagar débiti, a comprar machine moderne per basnar la rassion, incubatrici ultimo tipo e americane, uniformi per i impiegati... e falegnami a sbaliar le misure dele gabie; muratori a far-su colone storte e for de posto, sporcacioni! E eletrissisti a laciar tuto maravilhosamente ben fato, spetando solo che la luce elétrica, lontana solo sinque quilómetri, l'arrivesse ala grangia. E camignoni pieni di rassion balansiata, i magna senza che nissuni i vedesse i otanta conti. Ma che importa? I otanta conti i frutificherá. Sacraeva! E questa luce che no gen! E le incubatrici colme de ovi! E questa maledeta luce che non riva! E Fonso su-e-zô coi scarponi rossi come el sangue. Questa maledeta forza elétrica che no la gen. Nol se pol negar: viven na epoca de desesperassion con misto de dúvide, alegria e ansetá. La luce la é rivá, e anca el mirácolo dela vita la é saltá-for zaldina da mile ovi. Che meraviglia! Trê mesi. Solo trê mesi e gaveró en milion de galeti... Ma cosa ghelo pó adesso? I supermercati no i vol comparame i galeti? I dis che gaveró de sportarli a l'éstero, forsi al'Italia? Sátana! Parlar de esportassion? Che cosa elo pó?...

Quela sera la era tanto calma, tanto calma senza vento, piena de nügule negre che da lontan se scoaltava i trovoni. Se spetava en bruto temporale. E el temporale l'é vegnú furioso, e gnanca na taoleta la é restá intera, e gnanca en galetto la podesto resistir ala tempesta con gelo grosso. Fonso el sá ngenochiá in medo a quella ruina e l'ha tacá a piander alto.

Fonso, però, con quella ansia de costruir, far, farse veder come en industrial grangiero, oltre no gaver fatto en seguro geral per proteger la grangia, el s'ha desmentegá anca dela colonia. Le vache le mugiva dolorosamente e con passo tardo le cercava la stala voda. I porchi famai i ha fatto na roina ntela piantassion. Le galine abandonae le feva i nii ntel bosco e i ligórdoli i ghe magnava i ovi e i gambai dopo i magnava le galine. La piantassion de café l'ha secá, e le erbe le ha fatto morir el sorgo, e la tiririca l'ha sofocá l'orto.

porque com o suor da tua fronte comerás o teu o pão. Certo, justo, aceitamos. Mas que balança é esta que faz a gota de suor tão leve, tão sem sentido, tão estúpida? Não me consta fale a Bíblia de a gota de suor se transformar em gota de sangue. Mas os oitenta contos se transformaram em oitenta gotas de sangue. Fonso a construir ranchos, a pagar dívidas, a comprar máquinas modernas para moer ração, chocadeiras último tipo e americanas, uniformes para os empregados... e marceneiros a errar as medidas das gaiolas...e pedreiros a colocar colunas fora de lugar (porcalhões)... e eletricitas a deixar tudo maravilhosamente bem instalado até que chegue a luz elétrica que dista cinco quilômetros da granja...e caminhões cheios de ração balanceada... devoraram rapidamente os oitenta contos. Mas que importa? Eles frutificarão. E esta luz que não chega! E chocadeiras abarrotadas de ovos...E esta luz que não chega! E Fonso sobe-e-desce com botas vermelhas como sangue. E esta luz que não chega! Não adianta negá-lo: vivemos uma época de desespero com um misto de dúvida, alegria e ânsia. E a luz chegou e com ela o milagre da vida, saltando amarelo e barulhento de milhares de ovos. Que maravilha! Três meses, só três meses e terei milhares de frangos... O quê? Os supermercados se negam a comprá-los? Falam que terei que exportá-los para o exterior? Talvez para a Itália? Diabos! Falar em exportação. Que é mesmo isto?...

E aquela tarde estava tão calma, tão calma e carregada de nuvens pretas que se ouviam os trovões ao longe. E a tempestade veio furiosa, e nem uma telha resistiu ao granizo, e nem um frango resistiu às balas de gelo. Fonso ajoelhou-se no meio daquela desgraça toda e chorou, chorou muito.

Mas Fonso, ocupado em construir, em fazer, em aparecer industrial granjeiro, além de não ter feito um seguro geral para proteger a granja, esqueceu-se também da colônia. As vacas mugiam dolorosamente e a passo tardo buscavam as mangueiras vazias de ração. Os porcos famélicos fizeram uma destruição nas plantações. As galinhas abandonadas fizeram seus ninhos no bosque e os lagartos lhes comeram os ovos, e os gambás as devoraram. O cafezal mirrou; o capim tomou conta do milho; e a tiririca fez questão de sufocar a horta. Ah! Os oitenta contos! Tanto dinheiro! Sumiram eles de minhas mãos como por encanto.

- Bem te disse eu - dizia a esposa Runi - cuida do dinheiro porque ele escoava entre os dedos como água.

Ah! I otanta conti! Tanti soldi! I me vegnui for dele man come un incanto.

- Te lo dito mi – diseva la so dona- tēdeghe ai soldi perchê i scoa fra i dei come l'aqua.

- Ma che colpa góti mi se la tempesta la ha copá e ruiná?

- Devi prossessar l'omo che t'ha vendú le taolete.

- Prossessar l'Áli per causa dele taolete? El gelo l'ha sbusá fin foie de zinco!

Dopo sei mesi riva na carta- aviso del banco. El gerente, pien d'amabilitá, el feva saer a Fonso che la prima quota dei otanta conti la vegneva-for en trenta dí.

Fonso l'ha vendu el vecio Ford, l'ará, i dô cavai, la carrossa e quello che é restá dei baiti. Con questo l'ha biná-su quindese conti, giustamente la quantia necessaria per liberar la prima quota. Fá-su el sacco con alquante camise, fassoleti, mudande, senza desmentegarse , peró, de portar al cugná alcoante patate dolse e alquanti alpi. Quando l'era per partir casca malá la toseta pu pícola: fever, rigidessa ala nuca, vómiti – miningite! E diese conti i è ndai dele so man ale man dei médichi e de l'ospedale. Fonso l'ha desfá el sacco e la scominsiá a diventar rabioso con tuti e con tuto. Ciapa en vivaio de poiateri zaldi e brúseli. Na vaca la casca-dô nten fosso e stófighe. Fonso ogni dí pu neurotico, e con le note passae en bianco; male ala boca del stómego; suori en tuto el corpo; el cor a voler saltar-for dal peto. Fonso el sentiva ódio e la miseria a vardarlo.

- Cerca en laoro e súbito – la gá dito la so dona.

Ah! Maledeti conti! Me mancava ancor questo: laorar soto ai altri. Che vergogna!

Tornar a esser mezzadrio come el pupá prima de imigrar? Tuti i coloni a rider dela me disgrassia. Nó, venderó la tera. Vender la tera? Ma la é hipotecá al banco! ...

Fonso el s'ha visto cercá, acuá. Storní el sá metu a vardar la ruina...Bison saer che i soldi i é la balanza che misura la passienza dei poretì. Non ve par, letori, na stupiditá vêdermi assalariá con i me cinquanta ani?

-Scolté, Signor Fonso, pu de diese fiorini al dí no posso pagar. Ve speto doman a taiar el riso.

La serla, la maledeta serla, no la taiava riso, la taiava lágrime de Fonso. Ma, che tormento elo questo? Che inquietassion elo pó? Fonso el

- Tenho culpa eu se a trovoada de granizo destruiu e matou?
- Processe o homem que te vendeu as telhas.
- Processar o Áli por causa das telhas? O granizo chegou a furar algumas folhas de zinco!

Passados seis meses chega-lhe às mãos uma carta-aviso do banco. O gerente, cheio de amabilidades, lhe comunicava que a primeira parcela dos oitenta contos estaria vencendo dentro de trinta dias.

Fonso vendeu o fordeco, o arado, os dois cavalos, a carroça, e o que restou de madeira das construções e conseguiu levantar quinze contos. Justamente a quantia necessária para pagar a primeira prestação. Arrumou o saco com alguns lenços, algumas camisas, cuecas e não se esqueceu dos aipins, das batas doces para o cunhado. Quando estava para partir caiu doente a filha menor: febre alta, rigidez na nuca, vômitos – meningite! E lá se vão dez contos para o médico e hospital. Fonso desfaz o saco e começa a ficar enraivecido. Pega uma ninhada de pintinhos amarelos e mete-lhes fogo. Uma vaca cai num fosso e morre afogada. Fonso cada dia mais neurótico e sem conseguir dormir: dor na boca do estômago, suores por todo o corpo, coração a querer saltar do peito. Fonso começou a sentir ódio de tudo, e a miséria espreitando-o.

- Procura um trabalho e bem depressa – disse-lhe a mulher.

Ah, malditos contos! Só me faltava ainda esta, trabalhar debaixo dos outros! Que vergonha! Voltar a mezzadrio como meu pai antes de imigrar? Todos os colonos a rir de mim. Não. Vou vender a terra. Vender a terra? Mas está hipotecada!

Fonso sentiu-se cercado, acuado. Basbaque contemplava a ruína. É que o dinheiro é o termômetro que mede o grau de paciência dos pobres. E não seria absurdo casular-me agora, nos meus mais de cinquenta anos, num salário mínimo?

- Entenda, Senhor Fonso, mais do que “diese fiorini” não lhe posso pagar. Espero o senhor amanhã para cortar o arroz.

A cerla, a maldita cerla, não cortava arroz, cortava lágrimas de Fonso.

Mas que tormento é este? Que inquietação é esta? Fonso esqueceu-se de rezar, e o tempo fazia questão de se arrastar com lama até aos joelhos. E o banco insistente, terrivelmente insistente com aqueles avisos: que a primeira parcela do empréstimo vencera, que a próxima estava pró-

s'ha desmentegá de pregar e el tempo el feva question de strascinarsse col paltan fin ai ginoci. E el banco insistente, terribilmente insistente con quei avisi: che la prima quota la era bele che cascá e che n'altra quota la venseria, e che lu el dovea pagar o almen rinovar el contrato. Fonso el s'há ricordá de so cugná che el ghe aveva dito: na volta coloign!... Ma perchê voler meterse a grangiero? Fonso, per la prima volta la scominsiá a intender che na pansa vòda no la stá in pé no stá in e la sonha lugubrememente: voi pan! E l'ódio e tuta la litania dela peste, fame e guerra – che le fá domandar a Dio: libera nos Domine! No le nasce del pan? Meio, dela mancansa de pan? Fonso el mpissava en paliero e el paliero l'era come en specio de lu: nicotina, fogo, fumassa, spúo. E el disgrassiato ventosul el ma porta-via la dolce pipa!

- Torna ala capitale e parla col gerente del banco – el gá dito el poreto ma sincero amico Toni-torna, óm de Dio, per tuto ghé en modo per resolver le dificultá dela vita.

- Tornar ala capitale?: Ma con che soldi? Con quel che guadagno mala dá da magnar!

El leto el s'ha cambiá en leto pien de spini. Fonso el sentiva en agudo male a stofegarghe la gola. Na note la spuá sangue. L'eva ricebú l'ultimo aviso del banco ch'el ghe diseva afetosamente che el juiz l'eva bel che marcá la venda al'asta pública dele so tere.

- Chissá el Signoredio, el n'ha abandoná, Runi!

- El Signoredio nol abandona nissuni. Preghen e speten.

Per otanta conti, o forsi per na soma de soldi che Fonso no l'ha mai saesto, el

Signor Matias, rispetabile om publico, la ciapá le tere de Fonso. Come, però, la política no la gá buele( ma la le cria) prima dele elessioni, el Signor Matias l'ha assá che Fonso el stesse ntela casa per alquanti mesi. El Signor Matias, al fin dei conti, el gheva en bon cor, en cor banco e en cor sufragio al stesso tempo. Fonso el gá basá le man: ma, che bon om el Signor Matias! Adesso, però, Fonso l'era ombra de ómo e i coloni de Rio Cedro i ciacerava: l'ha perso tuto! El banco el gá magná la tera. L'é sempre stá em ómo poltron. Senza studio e voler esser industriale! Fonseco o Fonsico? Ma perchê ipotecar le tere? Grassia a Dio che el Signor Matias, candidato ale prossime elessioni, el gá assá star ntela casa alquanti mesi. Endove ndar con la dona e fioi? Che vergogna marsa!

Le elessioni le é vegnue e el Signor Matias, candidato a vereador,

xima, que era preciso resgatar ou ao menos renegociar. Fonso lembrou-se do cunhado que lhe dissera: uma vez colono..Mas por quê meter-se a granjeiro? Fonso, pela primeira vez começou a compreender que um bandulho vazio não pára em pé, soa lugubrememente: quero pão! E o ódio e toda a ladainha da peste, fome, guerra, dos quais pedimos a Deus: libera nos Domine! não nascem do pão? Melhor, da falta dele? Fonso acendia um palheiro e já se via nele nicotina, fogo, fumaça, cuspe...E o desgraçado vento-sul levou-me o doce cachimbo!

- Volta à capital e fala com o gerente do banco – disse-lhe seu pobre mas sincero amigo Toni – volta, homem, para tudo há um jeito de se resolver as dificuldades da vida.

- Voltar à capital? Com que dinheiro? Com o que ganho mal dá para comer.

A cama virara um tálamo de abrolhos. Fonso sentia uma dor aguda a sufocar-lhe a garganta. Uma noite cuspiu sangue. Recebera o último aviso do banco, dizendo-lhe carinhosamente, que o juiz marcara o leilão de suas terras.

- Quicá Deus nos abandonou, Runi?

- Deus não abandona ninguém. Rezemos e esperemos.

Por oitenta contos ou por uma quantia que Fonso jamais soube a quanto montava, o Senhor Matias, respeitável homem público, resgatou as terras de Fonso. Como porém a política não possui entranhas (mas as cria antes das eleições), o Senhor Matias permitiu que Fonso permanecesse na casa por alguns meses. O Senhor Matias, afinal de contas, tinha um bom coração – um coração-banco e um coração-voto ao mesmo tempo. Fonso beijou-lhe as mãos – que bom homem o Senhor Matias! ... Mas a esta altura, Fonso era sombra de homem, e os colonos de Rio Cedro comentavam: Perdeu tudo! O banco tirou-lhe as terras! Sempre foi um homem preguiçoso! Sem estudo e querer ser granjeiro! Fonseco ou Fonsico? Onde se viu hipotecar a terra! Ainda bem que o Senhor Matias, candidato às próximas eleições, o deixou ficar na casa por algum tempo. E aonde iria com a mulher e os filhos? Que vergonha “marsa!”

As eleições vieram e o Senhor Matias, candidato a vereador, derrotado. Comentava-se que nem a própria mulher havia votado nele. Despeitado, deu um prazo de trinta dias a Fonso: “For de soto i me querti!” (Fora de minha casa)!

perde. Se ciacerava sotovoce a Rio Cedro che gnanca la so dona l'ha gá votá. Despeitá el gá dato trenta dí a Fonso e dopo: “for de soto i me querti!” (fôra)!

- Bison marciar-for dela casa, Runi!

- Chi elo stá a far l'empréstimo e ipotecar le tere? Dímelo: son stá forsi mi? Seto

na roba? Vao a parlar col Signor Matias.

En sciale negro el ghe squerdeva la testa. Runi l'ha ciapá la ligna e la s'ha sentá vecin an vecio barbuto che dormiva. No la gá badá a ociai malissiosi de alquante santone che la vardava. Con la corona tra i dei Runi pregava. Verso sera la é rivá a casa del Signor Matias.

- Vu quá?

- Podê asciarme veder le scritture dela nostra tera che vu he risgatá al'asta pública?

...

- Allora l'é propio vero quello che i dis, e vu sê el parón del nostro monte.

- Che monte?

- La colonia piena de sassi la é vostra adesso. Vu he risgatá el monte e con questo ne he liberai dai débiti. Dio ve benedica!

- Pian...

- Cosa ghelo, adesso?

- Gnente... gnente!

...

Fonso e Toni i ha organizá en balo: fugasse con café e late ale “none”; sciurraschi regai a caipirigne, bonicamp, birra e vin ala mossada, e ai “noni”; boli e pietanse ai toseti e ale “mame”. El grupo musicale Paeselo a far balar a tuti. Al'alba, Fonso l'é ndá for del salon del balo, e el s'ha inginochiá in medo al páscolo e l'ha tacá a basar la tera. Dopo, el s'ha levá -su e l'ha basá e acarissiá la sapa come se fuse na morosa. Anca se questi gesti i poderia far pensar en omo ciuco o mato, tuti i ha capí quello che Fonso ntela so simplissitá sublime l'era drio a far. En gesto de amor ala tera!

Dopo alquanti ani, Gualberto, allora scolaro del'universitá, mentre studiava ntela biblioteca del zio, al vérder na enciclopedia l'ha catá l'altra scrittura dela tera, e piandando la leto su en toco de carta giá zalda, tacá con stropescin ala scrittura: “de questa tera nissuni i tra-for me cara sorela. Fpolis, 15 de ag. milenovecent...Zacaria”

- Temos que abandonar nosso lar, Runi!

- Quem fez o empréstimo e hipotecou as terras? Dize-me: por acaso fui eu? Sabe de uma coisa? Vou falar com o Senhor Matias.

Um chale preto cobria-lhe a cabeça. Runi entrou no ônibus, sentou-se ao lado de um velho barbudo que dormia, e não se importou com os olhares maliciosos de algumas beatonas que lhe caíram em cima. Com o rosário entre os dedos rezava. À noitinha chegou à casa de Matias.

- A senhora aqui?

- Pode me mostrar as escrituras que resgatou?

- Então é mesmo verdade que o senhor é dono do nosso monte.

- Que monte?

- O pedaço de terra cheio de pedras pertence ao senhor. O senhor resgatou e pagou as nossas dívidas. Deus o abençoe.

- Calma!

- Que há agora?

- Nada...nada.

Fonso e Toni organizaram um baile: cucas com café com leite para as “nonas”; churrascos regados a caipirinhas, bonicamp, cerveja e vinho para a moçada e para “i noni”; bolos e quitutes para as crianças e as “mamas”; O conjunto musical “Paeselo” a fazer dançar a todos... Ao nascer da aurora, Fonso abandonou o salão, ajoelhou-se no meio do pasto e começou a beijar a terra. Levantou-se e começou a beijar e a acariciar a enxada como se fora uma namorada. Ainda que tais gestos pudessem fazer pensar um homem bêbado ou doido, todos entenderam o que Fonso, em sua simplicidade sublime, estava fazendo: um gesto de amor à terra.

Mas onde teria ficado a outra escritura? Aquela do vale fértil, do pedaço de terra mais nobre?

Passados uns anos, Gualberto, já aluno da Universidade, enquanto estudava na biblioteca do tio, ao abrir uma enciclopédia encontrou a outra escritura da terra, e comovido, leu num papelote amarelecido e preso por um alfinete à escritura: “Destá terra ninguém vai tirar minha querida irmã. Fpolis, 15 de ag. mil novecento e...Zacaria.”.

# O desenvolvimento recente do sistema produtivo regional de Blumenau

Ivo M. Theis\*

Carolina Bagattolli\*\*

Artigos

## Resumo

Este artigo resulta de uma pesquisa que teve por tema o desenvolvimento recente do sistema produtivo regional [SPR] de Blumenau. Assumiu-se a hipótese de que o SPR de Blumenau superou as dificuldades enfrentadas nos anos 1990 em vista da emergência de novas forças que impulsionam o processo de acumulação regional. O objetivo principal foi analisar o desenvolvimento recente do SPR de Blumenau; entre os objetivos específicos mais importantes estava a identificação das trajetórias dos ramos industriais mais importantes do SPR nos anos 1990. Entre os métodos de procedimento adotados incluíram-se levantamentos da documentação e da bibliografia pertinentes, bem como dos dados estatísticos sobre o tema. Entre as técnicas utilizadas estavam a *pesquisa bibliográfica* e a *documental*. Depois de tabuladas e agrupadas por categorias, as informações foram analisadas e interpretadas à luz dos objeti-

\* Economista e doutor em Geografia Econômica, é pesquisador do Núcleo de Pesquisas em Desenvolvimento Regional e professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional/FURB. E-mail: theis@furb.br

\*\* Economista, foi bolsista de pesquisa [CNPq] junto ao Núcleo de Pesquisas em Desenvolvimento Regional/FURB. E-mail: carolina.bagattolli@gmail.com



vos do trabalho, revelando que: a) todos os municípios do SPR de Blumenau têm a sua principal atividade econômica centrada na indústria têxtil, em alguns chegando esta atividade a representar mais de 50% dos empregos formais; b) a indústria têxtil perde participação no município de Blumenau, mas não na região como um todo; c) o crescimento do número de empregos no município de Blumenau fica abaixo da média microrregional, estadual e nacional.

**Palavras-chave:** Blumenau; desenvolvimento regional; indústria têxtil; sistema produtivo regional.

## 1. Introdução

O propósito central deste artigo é analisar o desenvolvimento recente do SPR de Blumenau, no Estado de Santa Catarina, partindo da hipótese de que este tenha logrado superar as dificuldades enfrentadas nos anos noventa, sobretudo em vista da emergência de novas forças que passaram a impulsionar o processo de acumulação em nível regional.

Neste ponto é importante advertir o/a leitor/a do que se entende por *sistema produtivo regional*: trata-se de uma adaptação do que certos autores *regulacionistas*, sobretudo Courlet (2001), designam por *systemes productifs locaux*. Com este conceito se compreende a inscrição de uma dada dinâmica socioeconômica num certo território; portanto, um SPR consiste numa organização produtiva territorializada, flexível e autônoma em face de outros SPR, que incluem atividades de inovação e trocas com o exterior. Tão importante quanto isso é esclarecer que o SPR aqui considerado cobre o território que compreende a microrregião de Blumenau, integrada pelos municípios de Apiúna, Ascurra, Benedito Novo, Blumenau, Botuverá, Brusque, Doutor Pedrinho, Gaspar, Guabiruba, Indaial, Luiz Alves, Pomerode, Rio dos Cedros, Rodeio e Timbó.

A pesquisa que deu origem ao presente artigo repousa em diversos métodos de procedimento. No levantamento da documentação e na coleta de dados secundários, recorreu-se à pesquisa bibliográfico-documental; na coleta de dados primários, recorreu-se à pesquisa estatística. Quanto à pesquisa bibliográfico-documental, efetuou-se uma revisão da literatura sobre

a reestruturação de SPR. Quanto à pesquisa estatística, foram levantados dados sobre a realidade socioeconômica dos municípios que integram o SPR de Blumenau. Para tanto, foram usados, basicamente, dados disponibilizados pelo Ministério do Trabalho e Emprego [MTE], pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] e pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada [IPEADData]. Quanto aos dados obtidos do MTE, eles são gerados pela RAIS<sup>1</sup> e se referem ao número de empregos por subsetor de atividade econômica, com base na classificação CNAE<sup>2</sup> – opção que se fez com vistas a abranger um período maior.

Isto posto, cabe indicar as seções de que se compõe o presente artigo; além desta (i) introdução, seguem ainda: (ii) breve contextualização histórica do SPR de Blumenau, (iii) o desenvolvimento recente do SPR de Blumenau, (iv) a relevância do SPR de Blumenau em âmbito estadual e nacional, (v) a relevância do subsetor têxtil para o SPR de Blumenau, e (vi) conclusões.

### 2. Breve contextualização histórica do SPR de Blumenau

Não se desconhece a magnífica base de estudos sobre a socioeconomia da microrregião de Blumenau, da qual se destacam, entre outros, aqueles realizados por Kohlhepp (1968), Mamigonian (1965), Renaux (1987), Singer (1968), Storper (1991) e Vidor (1995). Todavia, em vista dos propósitos que aqui se tem em mira, parte-se do processo de industrialização, que tem na fundação da empresa Gebrüder Hering, em 1880, o seu marco não apenas em âmbito regional, mas inclusive catarinense, simbolizando o início da substituição das atividades de transformação artesanal por métodos de produção industrial.

Praticamente, todos os estudos realizados sobre as regiões de coloni-

---

<sup>1</sup> O Programa de Disseminação das Bases de Dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) tem por objetivo divulgar à sociedade civil informações oriundas de seus dois Registros Administrativos: A RAIS, Relação Anual de Informações Sociais, e o CAGED, Cadastro Geral de Empregados e Desempregados [ver <http://www.mte.gov.br/EstudiososPesquisadores/PDET/registros.asp>].

<sup>2</sup> CNAE é a classificação de atividades econômicas adotada na produção e disseminação de estatísticas econômicas e na organização de cadastros da Administração Pública do país [ver [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/classificacoes/cnae1.0\\_2ed/default.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/classificacoes/cnae1.0_2ed/default.shtm)]. Para maiores informações e consultas ver <http://www.cnae.ibge.gov.br/cgi-bin/cnae-prd.dll/html/default>. Os subsectores, conforme a CNAE, são os que aparecem nas tabelas 1 e 2 a seguir.

zação européia no Brasil deixam evidente “a riqueza artesanal das regiões de colonização européia em oposição à pobreza no povoamento escravocrata predominante no Brasil” (MAMIGONIAN, 1965, p. 394). No caso de Blumenau, que, quando de sua fundação, ocupava uma área situada entre os atuais municípios de Itajaí e Lages, o processo de industrialização pode ser, em muito, explicado pelo que os imigrantes trouxeram consigo, uma vez que eles viviam numa condição semi-industrial na Alemanha na metade do século XIX.

O nascimento da indústria blumenauense dependia de contatos com outras regiões e outros países, principalmente com a Alemanha. Esta se tornaria a principal fornecedora de máquinas e matérias-primas. Em âmbito doméstico, a taxa de câmbio favorecia grandes investimentos no subsetor têxtil local até 1914, principalmente pela importação de bens de produção – o que faria com que este se tornasse cada vez mais autônomo.

Assim, a Primeira Guerra Mundial foi o momento em que se deu a consolidação da indústria têxtil blumenauense. A partir daí, Blumenau tornou-se pólo de pequenos industriais, produtores de tecidos, confecções, cadarços, móveis, etc. O início da Segunda Guerra Mundial, mais uma vez, fomentaria a indústria local: “a atração industrial da cidade aumenta sempre; verifica-se uma tendência para a independência técnica e novas indústrias se instalam: preparação de tabaco, balões de borracha, cristais, porcelana e, evidentemente, tecidos e confecções” (MAMIGONIAN, 1965, p. 395).

No que diz respeito ao financiamento das atividades produtivas, a maior parte dos empréstimos era destinada à aquisição de máquinas. O problema era que, “dados quase exclusivamente às grandes empresas, estes empréstimos contribuíram evidentemente para aumentar a distância entre grandes e pequenos negócios, com reflexos, sem dúvida, no quadro técnico da atividade industrial” (MAMIGONIAN, 1965, p. 425).

Uma explicação para a concentração da atividade têxtil em Blumenau foi a vinda de muitos tecelões dentre os imigrantes. Mas, além disso, outro fator foi deveras importante: o tamanho e a diversidade do mercado consumidor “o mercado de consumo dos produtos têxteis foi aumentado pela situação criada pela Primeira Guerra Mundial, e daí ser inteiramente normal que os únicos grandes estabelecimentos existentes em Blumenau até a

década de 1930-40 tenham sido têxteis” (MAMIGONIAN, 1965, p. 428). Cerca de 80% da produção de têxteis de Blumenau se destinavam ao mercado interno.

A indústria blumenauense era extremamente verticalizada, objetivando o maior grau de autonomia técnica possível. É compreensível tal preocupação, pois o setor industrial já havia sofrido com a falta de matérias-primas e máquinas. Contudo, se antes isso era um fator positivo, ao longo do tempo, com a melhoria do sistema de transportes (barateando o custo dos insumos), passou a ser um problema (CASTRO, 1980). No início, a maquinaria era basicamente de origem alemã; no entanto, com o passar dos anos, as máquinas começaram a vir também da Inglaterra, Estados Unidos e Japão, até que se chegou ao ponto de disponibilidade de quase toda a maquinaria necessária. Paralelamente, “a utilização por vários estabelecimentos de equipamentos fabricados nas suas próprias oficinas mecânicas é um dos fenômenos mais característicos” (MAMIGONIAN, 1965, p. 440).

A partir da década de 1950, Blumenau passa a ter a indústria de transformação como principal atividade econômica, sempre com predomínio do têxtil. Na década de 1960, o município já era o primeiro pólo têxtil do Estado e um dos maiores do país. Em 1970, 32% da mão de obra formal e 25% do faturamento de todo Estado estavam em Blumenau. Até o início da década de 1980, este município se manteve como o principal pólo industrial de Santa Catarina (THEIS, 2000). Algumas características importantes desta fase de desenvolvimento da microrregião são “o fortalecimento da indústria têxtil, baseada em unidades produtivas de médio e grande porte, a generalização do padrão de desenvolvimento regional e a urbanização crescente das cidades da região, consubstanciando essas duas últimas a tendência à *fordistização* do espaço socioeconômico regional” (THEIS et. al, 2001, p. 221).

Mas, a microrregião de Blumenau, com sua economia fortemente baseada na indústria têxtil, sofreu com a abertura de mercado ocorrida entre fins dos anos 1980 e início da década de 1990. Com a contração do mercado interno decorrente da crise econômica nacional, as empresas têxteis de grande porte da microrregião de Blumenau passaram a promover ajustes na sua estrutura produtiva, o que trouxe uma série de consequênci-

as negativas para a região, sendo a pior delas a redução brutal no nível de emprego (THEIS et. al., 2001). Pode-se dizer que impactos negativos da crise na região considerada foram agravados por outros fatores, como (THEIS et al., 2001):

- a) grande concentração de empresas têxteis;
- b) estrutura produtiva regional quase monoindustrial;
- c) elevada vulnerabilidade devido à baixa diversificação da atividade produtiva;
- d) renovação lenta do maquinário das empresas têxteis;
- e) migração de indústrias têxteis tradicionais da microrregião de Blumenau para outras regiões do país que ofereciam mão-de-obra a custos menores;
- f) perda de importância da indústria têxtil regional no mercado nacional devido à concorrência exacerbada pela abertura às importações.

Na crise dos anos 1990, verificou-se uma estagnação da economia regional. Houve nova queda considerável no nível de emprego na microrregião, dessa vez ocasionada pelos movimentos de terceirização de parte da cadeia produtiva e pela crescente preocupação com a competitividade dos bens produzidos localmente frente aos produtos importados.

Nas duas últimas décadas do século XX, a indústria têxtil passou por profundas transformações, saindo de uma situação de forte proteção na década de 1980 para uma situação de extrema exposição aos produtos importados no início da década de 1990. As tarifas de importação para os produtos da cadeia têxtil-vestuário foram reduzidas drasticamente sem acompanhamento de uma política industrial. Cabe lembrar que esse cenário recessivo, aguçado pela dolarização da economia brasileira, coincidiu com o período de expansão industrial dos “tigres asiáticos” na indústria têxtil-vestuário. Essa combinação de fatores dificultaria uma reação por parte

das empresas que se voltaram ao mercado interno, tendo sido levadas a se reestruturar num ambiente de concorrência acirrada, procurando, inicialmente, a sobrevivência, para depois buscar a modernização e a expansão da capacidade produtiva (CAMPOS; NICOLAU; CÁRIO, 2000).

As primeiras mudanças nesse quadro começaram a se esboçar na segunda metade da década de 1990, com a elevação parcial de algumas alíquotas de importação e redução das tarifas de importação para determinados bens de capital, concessão de crédito fiscal para a exportação e criação de linhas de financiamento específicas para o processo de reestruturação setorial. Esses fatores conjugados influenciaram os investimentos em modernização e expansão do parque fabril neste segmento. A maior parte dos investimentos [mais de 60%] foi empregada na aquisição de máquinas e equipamentos. Todo esse processo resultou na redução das unidades produtivas da cadeia têxtil em cerca de 25% e da cadeia do vestuário em cerca de 13%. Isso acabou por reforçar na microrregião de Blumenau a característica do padrão mundial de produção, mais intensivo em capital no início do processo produtivo e mais intensivo em mão-de-obra no final (CAMPOS; NICOLAU; CÁRIO, 2000).

### 3. O desenvolvimento recente do SPR de Blumenau

A tabela 1, a seguir, apresenta dados relativos ao emprego na microrregião de Blumenau, no período de 1985 a 2004, segundo os subsetores da atividade econômica. Inicialmente se pode observar que a variação média anual do número de empregos para os 26 subsetores de atividade econômica, entre 1985 a 2004, foi de 2,8%, pouco acima da média nacional, de 2,2%, abaixo, todavia, da média estadual de 3,3%. Os três subsetores com a maior variação percentual *positiva* no período foram o do ensino [1.475,2%], o da agricultura, silvicultura, criação de animais, extrativismo vegetal [285,0%], e o da indústria do material de transporte [189,5%]. Já as maiores variações percentuais *negativas* no mesmo período se deram nos seguintes subsetores: indústria de calçados [-81,8%], indústria da borracha, fumo, couros, peles, similares e indústrias diversas [-33,9%], e instituições de crédito, seguros e capitalização [-19,5%].

Em termos de variação absoluta, houve um acréscimo de 78.602

empregos no período (1985-2004) para os 26 subsetores, o que dá uma variação média de 4.137 empregos por ano, correspondendo a 12,3% da variação total do número de empregos formais em Santa Catarina. Os subsetores que apresentaram as *maiores variações absolutas* positivas na microrregião de Blumenau no período foram: indústria têxtil, do vestuário e artefatos de tecidos [19.416 empregos], comércio varejista [15.765 empregos] e comércio e administração de imóveis, valores mobiliários, serviços técnicos [6.501 empregos]. Já os *piores desempenhos em termos absolutos* foram os dos seguintes subsetores: instituições de crédito, seguros e capitalização [-9.736 empregos], extrativa mineral [-8.928 empregos], e indústria de calçados [-5.619 empregos].

Convém lembrar que, em 1985, os subsetores da microrregião de Blumenau que detinham a maior *participação relativa* no total de empregos formais eram: a indústria têxtil, do vestuário e artefatos de tecidos [43.918 empregos, perfazendo 39% do total], o comércio varejista [9.740 empregos, correspondendo a 8,7% do total de empregos], e serviços de alojamento, alimentação, reparação, manutenção, redação [6.572 empregos, equivalendo a 5,9% do total]. Já em 2004, os subsetores da microrregião de Blumenau que detinham a maior *participação relativa* no total de empregos formais eram: a indústria têxtil, do vestuário e artefatos de tecidos [63.334 empregos, perfazendo 33,1% dos empregos formais], comércio varejista [25.505 empregos, correspondendo a 13,3% do total], e comércio e administração de imóveis, valores mobiliários, serviços técnicos [11.989 empregos, equivalendo a 6,3% dos empregos formais na microrregião].

Percebe-se, claramente, a alta concentração dos empregos no subsetor têxtil em 1985. A crise econômica regional, desencadeada pela abertura de mercado ocorrida em fins dos anos de 1980 e na transição dos anos 1980-1990, levaria a uma queda de 5,9% na participação relativa do setor têxtil no total de empregos formais na microrregião de Blumenau. Contudo, indústria têxtil e comércio varejista permanecem responsáveis por 46,4% dos empregos formais na microrregião de Blumenau em 2004 – 20 anos antes eram por 47,7%.

Cabe atentar para o fato de que, dentre os 26 subsetores de atividade econômica, quatro apresentaram *variação percentual negativa* na microrregião

entre 1985 a 2004: indústria de produtos minerais não metálicos [-1,4%, representando uma perda de 45 empregos], indústria da borracha, fumo, couros, peles e similares [-33,9%, o que corresponde a uma perda de 771 empregos], indústria de calçados [-81,8%, significando uma redução de 619 postos de trabalho], e instituições de crédito, seguros e capitalização [-19,5%, representando uma perda de 685 empregos formais].

**Tabela 1 - Número de empregos formais na microrregião de Blumenau por subsetores, 1985-2004**

Subsetores	1985	1990	1995	2000	2004	% no período	% média anual	% absoluta
Extrativa mineral	212	261	266	426	380	79,3	3,1	168
Indústria de produtos minerais não metálicos	3.149	3.494	2.446	2.258	3.104	-1,4	-0,9	-45
Indústria metalúrgica	3.490	3.812	4.387	4.653	6.712	92,3	3,5	3.222
Indústria mecânica	2.348	4.052	3.391	2.733	4.236	80,4	3,2	1.888
Indústria do material elétrico e de comunicações	1.079	1.598	1.392	1.981	2.596	140,6	4,7	1.517
Indústria do material de transporte	647	877	1.135	1.234	1.873	189,5	5,8	1.226
Indústria da madeira e do mobiliário	4.621	4.096	3.919	4.897	6.634	43,6	1,9	2.013
Indústria do papel, papelão, editorial e gráfica	2.221	2.446	2.399	2.688	3.273	47,4	2,1	1.052
Ind. da borracha, fumo, couros, peles, similares, indústria diversas	2.278	1.274	867	976	1.507	-33,9	-2,2	-771
Ind. química de produtos farmacêuticos, veterinários, perfumaria.	3.077	4.090	2.774	3.723	4.434	44,1	1,9	1.357
Indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos	43.918	47.796	52.005	54.188	63.334	44,2	2,0	19.416
Indústria de calçados	757	217	56	183	138	-81,8	-8,6	-619
Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	2.990	3.099	3.797	3.004	4.459	49,1	2,1	1.469
Serviços industriais de utilidade pública	866	967	992	1.080	1.149	32,7	1,5	283
Construção civil	2.016	3.674	5.098	4.535	4.098	103,3	3,8	2.082
Comércio varejista	9.740	11.489	14.897	19.768	25.505	161,9	5,2	15.765
Comércio atacadista	2.421	3.057	3.285	4.435	6.006	148,1	4,9	3.585
Instituições de crédito, seguros e capitalização	3.512	2.975	2.597	2.555	2.827	-19,5	-1,1	-685
Com. e administração de imóveis, valores mobiliários, serviços técnicos	5.488	9.179	4.520	9.738	11.989	118,5	4,2	6.501
Transportes e comunicações	3.577	4.358	5.309	5.375	6.597	84,4	3,3	3.020
Serviços de alojamento, alimentação, reparação, manutenção, redação	6.572	8.494	6.887	8.004	9.519	44,8	2,0	2.947
Serviços médicos, odontológicos e veterinários	1.579	2.084	3.084	3.726	4.422	180,1	5,6	2.843
Ensino	278	424	2.711	3.443	4.379	1475,2	15,6	4.101
Administração pública direta e autárquica	5.523	6.233	8.484	8.539	11.273	104,1	3,8	5.750
Agricultura, silvicultura, criação de animais, extrativismo vegetal	213	337	882	582	820	285,0	7,4	607
Outros/ignorados	90	6.561	259	0	0	-	-100,00	-
Total	112.662	136.944	137.839	154.724	191.264	69,8	2,8	78.602

Fonte: Dados da RAIS

A análise dos dados municipais destaca a predominância da atividade têxtil no ano de 2004, visto que dentre os 15 municípios da microrregião de Blumenau, em apenas dois, o subsetor de atividade econômica que mais emprega não é o têxtil (Benedito Novo, com 42,3% da mão-de-obra formal empregada na indústria da madeira e do mobiliário; e Doutor Pedrinho, com 44% da mão-de-obra formal empregada neste mesmo subsetor). Dois dos 15 municípios possuem, inclusive, mais de 50% da sua mão-de-obra

formal concentrada no subsetor têxtil neste ano [Apiúna, com 57,9%; e Guabiruba, com 52,9%]. A microrregião como um todo emprega 63.334 trabalhadores neste subsetor, o que, como se viu, perfaz 33,1% da mão-de-obra formalmente empregada.

Com base na tabela 2, observa-se que, no município de Blumenau, o maior da microrregião, a variação média anual do número de empregos para os 26 subsetores de atividade econômica, entre 1985 e 2004, foi de 1,5%, ficando abaixo da média nacional (2,2%), da estadual (3,3%) e da microrregional (2,8%). Os três subsetores de atividade econômica que apresentaram a *maior variação percentual positiva* no período (1985-2004) foram a indústria de calçados [7.000%<sup>3</sup>], ensino [1.272%] e serviços médicos, odontológicos e veterinários [167,1%]. Já as maiores *variações percentuais negativas* se deram nos seguintes subsetores: extrativa mineral [-81,8%], indústria da borracha, fumo, couros, peles, similares e indústrias diversas [-59,1%] e indústria química de produtos farmacêuticos, veterinários, perfumaria [-45%].

Em termos absolutos, houve uma variação positiva de 22.342 empregos no mesmo período para os 26 subsetores, o que representa uma variação média anual de 1.176 empregos – ou seja, a variação do número de empregos no município de Blumenau corresponde a 28,4% da variação total do número de empregos formais da microrregião. Os subsetores que apresentaram as *maiores variações em termos absolutos* foram: comércio varejista [6.803 empregos], comércio e administração de imóveis, valores mobiliários, serviços técnicos [5.385 empregos], e administração pública direta e autárquica [3.152 empregos]. Já os piores desempenhos em termos *absolutos* foram os dos seguintes subsetores: indústria têxtil, do vestuário e artefatos de tecidos [-2.803 empregos], indústria química de produtos farmacêuticos, veterinários, perfumaria [-1.138 empregos], e indústria da borracha, fumo, couros, peles, similares e indústrias diversas [-1.070 empregos].

## Tabela 2 - Número de empregos formais no município de Blumenau por subsetores, 1985-2004

<sup>3</sup> Cabe chamar a atenção para o fato de que este subsetor apresentava, no ano base (1985), apenas 1 empregado registrado. Isto explica por que, com 71 empregos registrados em 2004, este seja o subsetor que tenha apresentado a maior variação percentual no período.

Subsetores	1985	1990	1995	2000	2004	% no período	% média anual	% absoluta
Extrativa mineral	116	90	75	63	44	-62,1	-5,0	-72
Indústria de produtos minerais não metálicos	1.735	2.065	1.365	865	1.264	-27,2	-1,7	-471
Indústria metalúrgica	2.022	2.110	1.826	1.720	2.682	32,6	1,5	660
Indústria mecânica	553	964	879	893	1.453	162,8	5,2	900
Indústria do material elétrico e de comunicações	719	1034	917	993	1.234	71,6	2,9	515
Indústria do material de transporte	73	104	155	170	162	121,9	4,3	89
Indústria da madeira e do mobiliário	881	580	465	580	640	-27,4	-1,7	-241
Indústria do papel, papelão, editorial e gráfica	1.876	1.992	1.853	1.929	2.104	12,2	0,6	228
Ind. da borracha, fumo, couros, peles, similares, indústria diversas	1.812	980	682	543	742	-59,1	-4,6	-1.070
Ind. química de produtos farmacêuticos, veterinários, perfumaria.	2.531	3.097	1.050	1.503	1.393	-45,0	-3,1	-1.138
Indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos	26587	23786	25524	22278	23784	-10,5	-0,6	-2.803
Indústria de calçados	1	7	18	59	71	7000,0	25,2	70
Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	1202	1327	1484	1.260	2.030	68,9	2,8	828
Serviços industriais de utilidade pública	718	797	617	796	729	1,5	0,1	11
Construção civil	1.497	3.144	3.030	2.555	1.924	28,5	1,3	427
Comércio varejista	6.820	7.731	9.358	11.194	13.623	99,8	3,7	6.803
Comércio atacadista	1.482	1.780	1.976	2.236	3.087	108,3	3,9	1.605
Instituições de crédito, seguros e capitalização	2.416	2.276	1.970	1.876	2.131	-11,8	-0,7	-285
Com. e administração de imóveis, valores mobiliários, serviços técnicos	3.493	6.297	3.503	7.271	8.878	154,2	5,0	5.385
Transportes e comunicações	2.574	3.187	3.789	3.772	4.396	70,8	2,9	1.822
Serviços de alojamento, alimentação, reparação, manutenção, redação	4.546	6.075	4.794	5.170	6.025	32,5	1,5	1.479
Serviços médicos, odontológicos e veterinários	1095	1504	2.052	2.526	2.925	167,1	5,3	1.830
Ensino	207	381	2.023	2.420	2.840	1270,0	14,8	2.633
Administração pública direta e autárquica	3248	3126	4407	4829	6400	97,0	3,6	3.152
Agricultura, silvicultura, criação de animais, extrativismo vegetal	67	106	163	129	125	86,6	3,3	58
Outros/ignorados	73	4.027	148	0	0	-100,0	-100,0	-73
Total	68.344	78.567	74.123	77630	90686	32,7	1,5	22.342

Fonte: Dados da RAIS

Cumprir lembrar que, em 1985, os subsectores que detinham a *maior participação relativa* no total de empregos formais em Blumenau eram: a indústria têxtil, do vestuário e artefatos de tecidos [26.587 empregos, perfazendo 38,9% dos empregos formais], comércio varejista [6.820 empregos, correspondendo a 10% do total de empregos], e serviços de alojamento, alimentação, reparação, manutenção, redação [4.546 empregos, perfazendo 6,7% do total]. Já em 2004, os subsectores que detinham a *maior participação relativa* no total de empregos formais em Blumenau eram: ainda a indústria têxtil, do vestuário e artefatos de tecidos [mas agora com 23.784 empregos, perfazendo 26,2% do total], comércio varejista [13.623 empregos, o que equivale a 15% do total], e comércio e administração de imóveis, valores mobiliários, serviços técnicos [8.878 empregos, equivalendo a 9,8% dos empregos formais].

Apesar da considerável queda na participação relativa, o subsector têxtil ainda é o maior empregador no município de Blumenau. O comércio varejista continua sendo o segundo maior empregador, apresentando, inclusive, crescimento no período. Juntos, estes dois subsectores são responsáveis por 41,3% dos empregos formais em Blumenau em 2004, num total de 37.407 postos de trabalho.

#### 4. A relevância do SPR de Blumenau em âmbito estadual/nacional

O número de empregos formais no setor têxtil, no Brasil, era de 744.208 em 1985. Daquele ano até 2004 houve um encolhimento do mercado de trabalho em 5,7%, caindo o total para 702.089 empregos. No mesmo período, porém, o número de empregos têxteis em Santa Catarina cresceu 74,2%, passando de 71.215 para 124.085 postos de trabalho. Assim, a participação de Santa Catarina nos empregos deste subsetor no Brasil passou de 9,6%, em 1985, para 17,7%, em 2004. Entretanto, o crescimento do número de empregos não aconteceu apenas no setor têxtil. O total de empregos formais no Estado passou de 743.443, em 1985, para 1.383.158, em 2004 – um crescimento de 86,1%, bem maior do que a taxa nacional, de 28%, no mesmo período; cumpre lembrar que, em 1985, havia 20.492.131 empregos formais no país, enquanto em 2004 contabilizavam-se 26.227.829 postos de trabalho. Em geral, a População Economicamente Ativa [PEA] no Brasil cresceu 86,8%, passando de 37.347.660 trabalhadores, em 1985, para 69.805.574, em 2004.

A participação da microrregião de Blumenau no número total de empregos do Brasil aumentou de 0,6%, em 1985, para 0,7%, em 2004 – de 112.662 postos de trabalho para 191.264. Dos atuais 17,7% de participação de Santa Catarina no total dos empregos têxteis do Brasil, a microrregião de Blumenau é responsável por 9%, com 63.334 empregos; e o município de Blumenau responde por 3,4% do total de empregos formais da indústria têxtil nacional, com 23.784 postos de trabalho. Em 1985, a representatividade microrregional no contexto nacional era de 5,9% [43.918 empregos] e do município de Blumenau era de 3,4% [26.587 empregos]. Portanto, *entre 1985 e 2004 cresce a participação do subsetor têxtil da microrregião, mas estagna a do município de Blumenau.* Uma explicação deste fato está no deslocamento das atividades têxteis de menor valor agregado, mais intensivas em trabalho e menos intensivas em conhecimento, para os demais municípios que compõem a microrregião. Analisando-se o número de empregos como um todo, observa-se um crescimento de 69,8% em nível microrregional, mas um crescimento de apenas 32,7% nos empregos formais no município de Blumenau.

Em 1985 a microrregião de Blumenau [com 112.662 empregos formais] era responsável por 15,2% dos empregos totais em Santa Catarina, que contava 743.443 postos de trabalho. Já o município de Blumenau, com 68.344 empregos, respondia sozinho por 9,2% dos empregos no Estado. Em 2004 a participação da microrregião no total de empregos no Estado caiu para 13,8% [mesmo com o aumento de 69,8% de empregos formais na microrregião, que passaram de 112.662 postos de trabalho em 1985 para 191.264 em 2004]. Porém, ainda maior foi a queda da participação do município de Blumenau, passando de 9,2% [68.344 empregos] em 1985 para 6,6% [901.686 empregos] em 2004 – mesmo com o crescimento no total de empregos no município de 32,7% no período.

Com relação ao subsetor têxtil, a microrregião, com 63.334 empregos formais, é responsável, em 2004, por 51% dos empregos formais da indústria têxtil de Santa Catarina – que apresenta um total de 124.085 empregos. Isso não é de surpreender, já que, em 1985, com 43.918 postos de trabalho, a microrregião de Blumenau já empregava 61,7% de toda a mão-de-obra formal do subsetor têxtil de Santa Catarina. Já o município de Blumenau, responsável, em 1985, por 37,3% dos empregos da indústria têxtil do Estado, veria sua participação relativa cair, em 2004, para apenas 19,2%.

A participação do município de Blumenau nos empregos em outros subsetores na microrregião caiu nas duas últimas décadas. Em 1985, 60,7% dos empregos da microrregião se concentravam em Blumenau. Em 2004, essa participação caiu para 47,4%. A participação relativa do subsetor têxtil blumenauense na microrregião caiu ainda mais: em 1985, com 26.587 empregos, Blumenau era responsável por 60,5% dos empregos formais do subsetor têxtil na microrregião; em 2004, com 23.784 empregos, Blumenau respondia por apenas 37,6% dos empregos formais deste subsetor na microrregião. Em síntese: enquanto na microrregião os empregos formais do subsetor têxtil cresceram 44,2% no período, no município de Blumenau eles sofreram uma queda de 10,5%.

Dentre os 26 subsetores analisados, a participação relativa do município de Blumenau no total de empregos da microrregião aumentou em apenas cinco subsetores entre 1985 e 2004: indústria mecânica, que passou de 23,6% do total de empregos da microrregião para 34,3%; indústria de calçados, que passou de 0,1% para 51,5% no mesmo período; indústria de

produtos alimentícios, que aumentou a sua participação de 40,2% para 45,5%; instituições de crédito, que passou de 68,8% para 75,4%; e comércio e administração de imóveis, que passou de 63,7% para 74,1% no período.

### 5. A relevância do subsetor têxtil para o SPR de Blumenau

Em nível nacional, o número de empregos gerados pelo subsetor têxtil em nenhum momento chegou a 4% do total. O ponto máximo observado foi de 3,6%, em 1985. Em números absolutos, o município de São Paulo é o que detém o maior número de empregos formais no subsetor têxtil. Mas, a participação relativa dos empregos deste subsetor no total de empregos formais de São Paulo não passou de 5,7% em 1985, o que mostra que a atividade têxtil não é “o forte” da capital industrial do país.

Blumenau era, em 1985, o terceiro município brasileiro com maior número de empregos no subsetor têxtil, sendo responsável, como se viu, por 38,9% dos empregos formais no município. No ano de 1990, Blumenau, enquanto pólo têxtil, regrediu para a quarta posição neste *ranking*, permanecendo assim até o ano 2000 (último ano analisado). A concentração dos empregos no subsetor têxtil em Blumenau era de 30,3% em 1990 e de 28,7% em 2000.

Dentre os dez municípios com maior número de empregos no subsetor têxtil, poucos têm uma participação relativa tão grande. Todavia, cabe destaque para Americana/SP que, em 1985, concentrava 50,8% dos seus empregos formais no subsetor têxtil. Em 1990, esse percentual cairia para 43,6% e, no ano de 2000, cairia novamente, chegando a 30,5%. Este é o único município que tem uma participação relativa maior do subsetor têxtil no total de empregos em comparação com Blumenau nos anos de 1985 e 1990. Em 2000, eram três os municípios que possuíam participação relativa maior que Blumenau no subsetor têxtil: em primeiro lugar, Brusque/SC, sexto município com maior número de empregos no subsetor têxtil, com 10.482 empregos formais [correspondendo a 42,5% da mão-de-obra daquele município]; depois, Maracanaú/CE, oitavo município, com 9.756 empregos [39,6% dos postos de trabalho formais]; e, por fim, Americana/SP, quinto município, com 75.705 empregos [30,5% do total de empregos formais].

Não custa lembrar que, em 2000, dentre os 10 municípios brasileiros com maior número de empregos no subsetor têxtil em relação ao total de empregos por município, três deles eram catarinenses: Blumenau (4°); Brusque (6°) e Joinville (10°).

### 6. Algumas conclusões

Este artigo teve por objetivo analisar o desenvolvimento recente do sistema produtivo regional de Blumenau. Especialmente, o tema tomou o conjunto dos 15 municípios que integram a microrregião de Blumenau. O artigo se concentrou nos dados e condições da etapa mais recente do processo de acumulação regional, com ênfase no período de 1985 a 2004. Contudo, também se procedeu a uma pequena revisão histórica, que visou compreender as origens e motivações do desenvolvimento recente do SPR.

Com base nos dados levantados, observou-se uma nova dinâmica da atividade produtiva no SPR de Blumenau no período recente. O subsetor têxtil ainda é predominante em toda a microrregião, mas ao longo das duas últimas décadas passou por mudanças significativas.

Dentre os 15 municípios da microrregião de Blumenau, apenas dois não tem o subsetor têxtil como principal empregador. Em outros dois municípios, contudo, a sua participação nos empregos formais chega a mais de 50%. Entretanto, verifica-se uma migração de empregos do município pólo da microrregião, Blumenau, para os outros municípios. Em Blumenau, o subsetor têxtil ainda é a maior fonte de empregos formais, mas perdeu significativamente na participação relativa da economia municipal. Em contrapartida, observa-se em Blumenau a ascensão de outros setores antes inexistentes, como a informática (Bercovich; Schwanke; Theis, 2003). Além deste, houve um aumento importante da participação relativa do comércio varejista na geração de empregos formais no município.

A “migração” de empregos têxteis de Blumenau para os municípios do entorno pode indicar que Blumenau “perde” para estes municípios os postos de trabalho de menor valor agregado – em geral, os do final da cadeia produtiva, mais intensivos em mão-de-obra do que em capital ou conhecimento. Esse movimento ocorre pelas vantagens fiscais oferecidas pelos municípios vizinhos, bem como menores custos de mão-de-obra.

Outra descoberta importante: Blumenau não foi e não é a “capital

nacional do têxtil”. Do ponto de vista do número de empregos formais no subsetor, São Paulo (SP) é de longe o município que mais emprega. Do ponto de vista da participação relativa do subsetor, Blumenau também não é o principal município: nesse caso, o município de Brusque (SC) aparece, em 2000, em primeiro lugar.

Dentre as demais atividades econômicas, cabe destaque para o setor de ensino, que apresentou um crescimento surpreendente ao longo dos últimos 20 anos na microrregião: uma variação de 1.475,2% no período, o que equivale a uma variação de 15,6% ao ano.

A principal causa da crise do SPR nos anos 1990, que resultou na nova dinâmica da atividade produtiva antes referida, foi a “abertura” da economia brasileira promovida pelo Governo Collor e os “esforços” para inserir o sistema produtivo nacional na economia capitalista globalizada – o que acabou por antecipar o esgotamento do padrão de acumulação baseado nas tradicionais empresas têxteis verticalmente estruturadas (Theis; Zeni, 2000). A combinação da abertura de mercado com inflação e juros altos, que acabaria desestimulando a renovação do parque fabril, foi desastrosa, impactando fortemente a economia regional.

Para superar a crise, o subsetor têxtil, claramente o mais importante da microrregião, deu início a um processo de reestruturação, baseado na incorporação de novas tecnologias no processo produtivo e, sobretudo, com base numa brutal precarização das relações de trabalho. Dentre as principais medidas adotadas, cabe destacar: a redução do quadro de funcionários, a terceirização do processo produtivo, e a migração de parte da estrutura produtiva para outros municípios da microrregião, ou outras regiões do país, em que se encontrassem incentivos fiscais e/ou menores custos de mão-de-obra.

Com relação aos processos de inovação no SPR de Blumenau, pode-se dizer que a sua relevância é crescente. Além de a incorporação de novas tecnologias ter sido um dos meios encontrados para superar a crise, percebeu-se, no período de 1985 em diante, a ascensão de alguns subsetores intensivos em conhecimento, como a informática, antes inexistentes.

No entanto, nessa quadra da história, são dois os desafios que se apresentam para a sociedade regional: primeiro, reincorporar todas e todos que as políticas liberais e as reestruturações excludentes expulsaram do

mundo do trabalho; e, segundo, converter os ganhos resultantes dos processos de inovação e conversão do conhecimento em riqueza social em melhorias efetivas para parcelas crescentes de mulheres e homens que vivem neste canto do planeta.

### Referências

BERCOVICH, N.A.; SCHWANKE, C.; THEIS, I.M. Inovação, desenvolvimento regional e cooperação: o caso da indústria de software de Blumenau. XIII Seminário Nacional de Parques Tecnológicos e Incubadoras de Empresas e XI Workshop ANPROTEC. *Anais...* Brasília, 20 a 24 de Outubro de 2003, p. 343-357.

CAMPOS, R. R.; NICOLAU, J. A.; CÁRIO, S. A. F. **Arranjo produtivo têxtil-vestuário do Vale do Itajaí/SC**. Florianópolis: UFSC, 2000. 110p.

CASTRO, A. B. **7 ensaios sobre a economia brasileira**. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1980, p. 112-120.

COURLET, C. Les systèmes productifs locaux: de la définition au modèle. In: DATAR (org.). **Réseaux d'entreprises et territoires: regards sur les systèmes productifs locaux**. Paris: La documentation Française, 2001, p. 17-61.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **CNAE**. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/classificacoes/cnae1.0\\_2ed/default.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/classificacoes/cnae1.0_2ed/default.shtm)>. Acesso em: 15/02/05.

KOHLHEPP, G. **Industriegeographie des nordöstlichen Santa Catarina [Südbrasilien]: Ein Beitrag zur Geographie eines deutschbrasilianischen Siedlungsgebietes (= Tese de Doutorado)**. Heidelberg: Selbstverlag des Geographischen Instituts der Universität Heidelberg, 1968.

MAMIGONIAN, A. Estudo Geográfico das indústrias de Blumenau. Separata da **Revista Brasileira de Geografia**, v. 27, n° 3, 1965, p. 389-481.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **RAIS**. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br/EstudiososPesquisadores/PDET/registros.asp>>. Acesso em 15/02/05.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Relação anual de informações sociais**. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br/EstudiososPesquisadores/PDET/Acesso/RaisOnLine.asp>>. Acesso entre outubro de 2004 e agosto de 2005.

RENAUX, M. L. **Colonização e indústria no Vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento**. Blumenau: Edifurb, 1987.

SINGER, P. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. São Paulo: Nacional, 1968.

STORPER, M. **Industrialization economic development and the regional question in the third world**. London: Pion Limited, 1991, 149p.

THEIS, I. M. O processo de acumulação em Blumenau: uma interpretação crítica. In: THEIS, I. M. et al. (org.) **Nosso passado (in)comum**: contribuições para o debate sobre a história e a historiografia de Blumenau. Blumenau, Ed. FURB & Ed. Cultura em Movimento, 2000, p. 165-180.

THEIS, I. M. & ZENI, G. A. Manus manum lavat? Dilemas do desenvolvimento do Médio Vale do Itajaí. In: THEIS, I. M. et al. (org.) **Novos olhares sobre Blumenau**: contribuições críticas sobre seu desenvolvimento recente. Blumenau: Cultura em Movimento & Edifurb, 2000, p. 17-48.

THEIS, I. M. et al. Globalização e planejamento do desenvolvimento regional: o caso do Vale do Itajaí. In: SIEBERT, C. (org.) **Desenvolvimento regional em Santa Catarina**: reflexões, tendências e perspectivas. Blumenau, Codesc & Edifurb, 2001, p. 213-244.

VIDOR, V. **Indústria e urbanização no nordeste de Santa Catarina**. Blumenau: Ed. da FURB, 1995.

# Morar na periferia

Ancelmo Schörner<sup>1</sup>

Artigos

Localização e  
segregação  
espacial: as cores  
vivas da realidade.

“Desculpa se tudo isso é uma coisa óbvia: mas para muitos, que tu conheces, ainda não é; mostra-lhes, pois, estas linhas”. (Mário Quintana).

“Desconfiai do mais trivial,  
na aparência singelo.

E examinai, sobretudo, o que parece habitual.

Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural,

pois em tempo de desordem sangrenta,

de confusão organizada,

de arbitrariedade consciente,

de humanidade desumanizada,

nada deve parecer natural,

nada deve parecer impossível de mudar”.

(Bertolt Brecht).

“Nas listras horizontais e verticais, nos traçados paralelos com inclinações, larguras e tonalidades variáveis e distintas, avista-se uma espécie de rede, colocada sob perspectiva. Um mosaico de cores harmoniosas sugere ao fundo um horizonte indefinido que parece aguardar o(s) caminhante(s). Familiar e, ao mesmo tempo desconhecida, eis a



<sup>1</sup> Professor e aluno do Programa de Pós-graduação Doutorado em História da UFSC.

metáfora da paisagem que parece se delinear, pensada em seus múltiplos destinos, fluxos e percursos, leque de possibilidades para conceber e reinventar a vida, onde se diversifica o mundo de cada um e onde se encontra o mundo de todo mundo. (Revista PerCursos, do Núcleo de Estudos em Políticas Públicas da UDESC. Florianópolis, vol. 2, nº. 2, setembro de 2001, contracapa).

Este trabalho integrou o processo de avaliação da disciplina Movimento Sociais e Experiências<sup>2</sup>, do Programa de Pós-graduação em História da UFSC, ministrada pelo Professor Paulo Pinheiro Machado no primeiro semestre de 2003, e tinha como objetivo fazer uma resenha do livro **Espaço intra-urbano no Brasil**, de Flávio Villaça, editado pela Studio Nobel, São Paulo, em 2001.

O livro trata, essencialmente, de um estudo da localização urbana, apresentada como o grande valor de uso produzido pelas aglomerações, embora não específico delas. Assim, podemos dizer que esse valor de uso se caracteriza pelas possibilidades que as diferentes classes sociais apresentam de comandar os deslocamentos intra-urbanos e mostrar que o espaço regional é estruturado pelo controle do tempo de deslocamento das mercadorias e capitais, e que o espaço intra-urbano<sup>3</sup> é estruturado pelo controle do tempo de deslocamento dos seres humanos enquanto consumidores.

Em grande parte, Flávio Villaça pretende investigar como se dá a apropriação diferenciada do espaço urbano enquanto produto do trabalho humano, sabendo que toda cidade é um entrelaçamento histórico de várias estruturas sociais e de toda sociedade ser contraditória, ou seja, fruto da ação de várias forças atuando em diferentes direções.

Nas cidades, as possibilidades desse controle fazem com que as classes sociais disputem as localizações e isso se dá tanto por ocasião da sua produção como de seu consumo. “Nasce” então a segregação sócio-espacial como um mecanismo necessário ao controle, pela classe dominante, pela

---

<sup>2</sup> Conforme combinado com o Professor Paulo Pinheiro, a “resenha” não tratou, como seria óbvio, de nenhum texto referente à matéria, mas sim de algo ligado à minha tese, inscrita da linha de pesquisa Migrações, Construções Sócio-culturais e Meio Ambiente. Jaraguá do Sul, Maio de 2003.

<sup>3</sup> “A expressão *espaço urbano*, bem como “estrutura urbana”, “estruturção urbana”, “reestruturação urbana” e outras congêneres, só pode se referir ao intra-urbano. Tal expressão deveria ser, pois, desnecessária, em face de sua redundância. Porém, espaço urbano está hoje de tal forma comprometido com o componente urbano do espaço regional que houve necessidade de criar outra expressão para designar o espaço urbano; daí o surgimento e uso de intra-urbano”. (VILLAÇA, 2001, p. 18).

produção e consumo das localizações, ou seja, ao controle dos tempos de deslocamento dos componentes das diferentes classes sociais. Esse controle se apresenta então como uma forma de dominação necessária para que haja a apropriação diferenciada das vantagens do espaço, que podem ser vistas no fato de as cidades terem, de um lado, uma área central (mais) bem atendida por equipamentos urbanos e onde mora uma minoria que participa dos frutos do trabalho social, e de outro, uma enorme periferia<sup>4</sup>, onde mora a maioria excluída dessa participação.

Diante disso, podemos partir da idéia de *estrutura*, que aqui será entendida como um todo constituído de elementos que se relacionam entre si, de tal forma que a alteração de um elemento ou de uma relação altera todos os demais elementos e todas as demais relações, num verdadeiro movimento dialógico.

São considerados elementos dessas estruturas o centro principal da metrópole (a maior aglomeração diversificada de empregos, ou a maior aglomeração de comércio e serviços), os subcentros de comércio e serviços (aglomerações diversificadas de comércio e serviços, réplicas menores do centro principal), os bairros residenciais, ou melhor, os conjuntos de bairros residenciais segundo as classes sociais e as áreas industriais, às quais estão imbricadas outras estruturas territoriais, como os sistemas de transportes e de saneamento. Em outras palavras, uma determinada estrutura territorial é socialmente produzida e ao mesmo tempo reage sobre o social. Ou seja, as cidades e seus espaços são constituídos de processos históricos de constituição das estruturas territoriais, onde a segregação espacial das camadas de alta renda surge como o elemento mais poderoso que determina a estruturação do espaço intra-urbano.

Podemos dizer, também, que a cidade possui, assim, dois espaços que se inter-relacionam: o dos objetos em si (produzidos ou não pelo trabalho humano) e aquele determinado pelos locais onde estes são produzidos e consumidos. É aqui que aparece a questão da localização, como sendo os

---

<sup>4</sup> A periferia reuniria habitantes de áreas "longínquas", dentro de uma perspectiva de distância definida não exatamente pela extensão medida em metros, uma vez que a periferia pode se situar, muitas vezes, dentro ou próxima às áreas centrais. Aqui, a periferia não é somente espacial, mas econômica, social. A "distância" é, sobretudo, uma imagem que considera o sentido dessas áreas como periféricas ou marginais aos limites da cidade, esta última sendo tomada como um espaço onde predomina uma determinada sociabilidade que exclui essas áreas. Periferia é tudo aquilo que está fora do centro, mas não necessariamente longe dele.

locais onde os produtos são produzidos e consumidos. A localização é relação com outros objetos ou conjuntos de objetos e a localização urbana é um tipo específico de localização: aquela na qual as relações não podem existir sem um tipo particular de contato: aquele que envolve deslocamentos dos produtores e dos consumidores entre os locais de moradia e os de produção e consumo. Sobre isso é preciso salientar que tanto para o exercício imediato do trabalho como para a reprodução da força de trabalho, a localização urbana é determinada então por dois atributos: a) uma rede de infra-estrutura: vias, redes de água, esgotos, pavimentação, energia etc; b) possibilidades de transporte de produtos de um ponto a outro, de deslocamento de pessoas e de comunicação.

Dessa afirmação pode-se concluir que a produção do espaço é, na verdade, a produção de localizações. As diferentes localizações apresentam diferentes valores, associados não somente ao valor dos elementos urbanos aí existentes, mas também a maior ou menor acessibilidade aos bens e serviços existentes na cidade. Essa diferenciação entre valores das localizações explica a diferença de valor das áreas urbanas.

A produção dos “objetos” urbanos no espaço urbano só pode ser entendida e explicada se forem consideradas suas localizações. A localização é, ela própria, também um produto do trabalho e é ela que especifica o espaço intra-urbano. Está associada ao espaço intra-urbano como um todo, pois refere-se às relações entre um determinado ponto do território urbano e todos os demais. Por exemplo: não basta explicar a abertura de uma determinada avenida ou loteamento como fruto da especulação imobiliária apenas, mas é preciso explicar por que isso ocorreu naquele espaço e não em outro, ao mesmo tempo que é preciso entender as implicações e as consequências dessas localizações<sup>5</sup>.

O território é, pois, neste sentido, parte de uma extensão física do espaço, mobilizada como elemento decisivo no estabelecimento de um poder. Ele é assim uma parcela de um terreno utilizada como forma de expressão e exercício do controle sobre outrem. Por meio deste controle é possível a

---

<sup>5</sup> As diversas localizações urbanas, resultantes do processo de produção da cidade, assumem diferentes preços, estabelecidos pelo mercado imobiliário. As áreas melhor localizadas são mais caras e serão ocupadas pela população que têm renda para arcar com esses custos. A população de menor poder aquisitivo tende a ocupar áreas desvalorizadas no mercado imobiliário, como a periferia urbana, precária de serviços, e regiões ambientalmente frágeis – fundos de vale, encostas, áreas sujeitas à inundações, áreas de proteção ambiental.

imposição de regras de acesso, de circulação e a normatização de usos, de atitudes e comportamentos sobre este espaço. Este controle do território é a expressão de um poder, ou seja, ele é aquilo que está em jogo em grande parte das disputas sociais, aí incluídas aquelas que disputam a cidade. Assim, o “nós” e “os outros” se transformam na imagem de uma oposição entre dos territórios mutuamente excludentes, embora, em princípio, ambos façam parte e constituam aquilo que denominamos, por exemplo, a cidade de Jaraguá do Sul.

A demarcação de territórios, de fronteiras físicas pretende delimitar formas diferentes de comportamentos espacial e social. Dessa maneira, a exclusão social deixa de ser apenas um estatuto abstrato; ela ganha a forma de um território.

Colado a esse processo, está a produção “hegemônica” de um modelo de espaço urbano segregado e diferenciado, isto é, a moderna produção de espaços residenciais para as classes médias no centro e conseqüentemente a expulsão das camadas populares para a periferia. Esses argumentos oferecem fértil material para a investigação dos processos de estruturação espacial intra-urbana, particularmente para o que julgamos ser fundamental: o da segregação, que aqui está sendo entendida como um processo necessário para o exercício da dominação social por meio do espaço urbano, decorrendo, portanto, da luta de classes em torno das vantagens e desvantagens do espaço construído, bem como da produção de “produtos desejáveis” e “produtos indesejáveis”<sup>6</sup>.

Ao produzir o espaço urbano, a sociedade se apropria da natureza e a transforma, criando mercadorias desejáveis e indesejáveis. As mercadorias desejáveis fazem parte do ideário do desenvolvimento: objetos, serviços, equipamentos, que vão desde automóveis e casas até serviços telefônicos e de infra-estrutura. As mercadorias indesejáveis são aquelas que não foram planejadas como mercadorias, são consideradas desvios do modelo de de-

---

<sup>6</sup> O processo de produção da cidade produz ao mesmo tempo mercadorias-territórios desejáveis e indesejáveis. A mercadoria “solo” é desejável quando permite auferir valor na sua comercialização; o solo é mercadoria quando é “legal”, ou passível de ser legalizado. A mercadoria indesejável, que não interessa ao mercado, é o terreno que não pode ser legalizado, geralmente por estar em área ambientalmente frágil. Quem tem renda suficiente, adquire a mercadoria legal, desejável: o solo bem localizado. Para quem não tem, resta a mercadoria indesejável: as piores localizações. O processo de produção do espaço cria localizações e a qualidade de uma área é a medida indireta (oculta) da má qualidade de outras áreas da cidade. Mesmo a cidade legal só é legal em contraposição à ilegalidade de outras áreas.

envolvimento: alimentos deteriorados, automóveis poluidores e também sub-habitações, “lixões”. Os produtos pensados para o desenvolvimento, ao se transformarem em problemas, demonstram as contradições do processo de produção. Decorre daí a necessidade de que os “produtos indesejáveis” têm que ser escondidos, ocultados nos morros, na periferia. Contudo, esse pretendo ocultamento contrasta com a viva visibilidade desses espaços, que teimam em se mostrar, que teimam em se fazer presentes mesmo atrás das encostas, nos aterros, nos casebres ao pé dos morros...de qualquer maneira, é “uma visibilidade presente”.

Então, a mobilização do espaço para permitir sua produção tem exigências, que começam pelo solo, que, de início, precisa ser arrancado da propriedade do tipo tradicional, da estabilidade, da transmissão patrimonial, não sem dificuldades e concessões ao proprietário (as rendas fundiárias). A mobilização se estende, a seguir, ao espaço, subsolo e volumes acima do solo. O espaço inteiro deve receber *valor de troca*, troca esta que implica intercambiabilidade, isto é, o mundo da mercadoria com seus traços se estende às coisas e bens produzidos no espaço e, de suas circulações e fluxos, ao espaço inteiro que toma assim a realidade autônoma (na aparência) da coisa, do dinheiro, dos objetos, dos produtos.

A produção do espaço é ação cotidiana do homem e aparece na forma de ocupação de um determinado lugar em um momento histórico, onde a produção da cidade aparece como manifestação espacial dos conflitos de interesses dos diversos agentes presentes nesse processo, associado ao desenvolvimento capitalista.

Os diferentes valores (traduzidos em preços) assumidos pelas áreas urbanas implicam em uma distribuição espacial da população de acordo com a capacidade desta em arcar com os custos de localizações específicas. Essa é a razão da existência na cidade de áreas onde predominam grupos sociais homogêneos sob o ponto de vista da renda. As áreas melhor localizadas e, portanto, com maior valor, são ocupadas pela população de maior renda, restando à parcela de menor poder aquisitivo a ocupação das áreas de menor valor, com restrita acessibilidade a bens e serviços urbanos. Tal processo se expressa na segregação social do espaço e vai, dialogicamente, estabelecendo um “ciclo vicioso da informalidade”, que compreende urbanização da pobreza - necessidades sociais excedendo a base tributária ⇔

ausência de recursos públicos para financiar provisão de serviços ⇔ escassez de terras servidas/urbanizadas ⇔ supervalorização de terras servidas ⇔ preços não acessíveis ⇔ ocupações de terra ilegais/irregulares ⇔ custo de vida mais alto ⇔ aumento da pobreza urbana ⇔ urbanização da pobreza.

O mecanismo essencial de produção da cidade capitalista baseia-se no princípio econômico da busca do máximo benefício, segundo o qual o solo, bem escasso e de uso necessário para todos, é convertido em valor de troca, ao aplicar-se capital e trabalho mediante a urbanização e a construção. Os elementos da cidade (solo, edifícios, habitações) convertem-se em mercadoria, comercializada como qualquer outra, com preços fixados pela lei da oferta e demanda. Desta maneira, a propriedade privada, fundamento do modo de produção capitalista, se beneficia do valor de troca e se apropria dos valores que a coletividade cria na cidade através da urbanização. As contínuas transformações da paisagem urbana também são consequência da busca do máximo benefício pelo capital.

As características do espaço produzido dentro da lógica capitalista refletem as desigualdades geradas por essa lógica. Num processo de produção do espaço que se baseia na maximização do lucro que o solo pode gerar e na exigência de uma renda mínima para ter acesso a esse solo, a exclusão social e estrutural. A população de maior renda tende a beneficiar-se do processo de produção da cidade e os mais pobres permanecem à margem, por não disporem de recursos financeiros que permitam sua inserção nesse processo.

A cidade é expressão, ao mesmo tempo, de um processo de produção e de uma forma de apropriação do espaço produzido. Como parte de um processo de produção, ela é condição e meio para que se instituem relações sociais diversas, essas relações, por sua vez, se materializam nas diversas formas de apropriação do espaço urbano, ou seja, nos padrões de uso do solo urbano.

O uso do solo ligado a momentos particulares do processo de produção das relações capitalistas é o modo de ocupação de determinado lugar da cidade, a partir da necessidade de realização de determinada ação, seja a de produzir, consumir, habitar ou viver. O ser humano, necessita, para viver, ocupar um determinado lugar no espaço. Só que o ato em si não é meramente o de ocupar uma parcela do espaço; ele envolve o ato de produzir o lugar.

Todo espaço urbano é produzido pelo trabalho social gasto na produção de algo socialmente útil. Logo, esse trabalho produz um valor. Uma pergunta fundamental que poucos se fazem é: qual é o produto desse trabalho? Há aí dois valores a considerar. O primeiro é o dos produtos em si – os edifícios, as ruas, as praças, as infra-estruturas. O outro é o valor produzido pela aglomeração, cujo valor é dado pela *localização* dos edifícios, ruas e praças, pois é essa localização que os insere na aglomeração. A localização se apresenta assim como um valor de uso da terra. Tal como qualquer valor, o da localização também é dado pelo tempo de trabalho socialmente necessário para produzi-la, ou seja, para produzir a cidade inteira da qual a localização é parte. Como acontece com todos os produtos do trabalho, o capitalismo faz o possível para transformar esse produto do trabalho em mercadoria. Exemplo emblemático disso é a idéia de “ponto” (táxi, bar), pois quem adquire um espaço adquire um valor de uso, mas ele é também detentor de uma distância, aquela que interliga sua habitação a lugares, aos centros de comércio, ao trabalho, aos lugares de lazer e cultura, de decisão. Avançando sobre isso, podemos sustentar que “passar o ponto” significa pagar algo, não pelo terreno, não pela edificação, não pelas suas instalações. Não é também um aluguel. Paga-se o quê? Paga-se a localização, sem adquiri-la, porém. É uma espécie de adicional de localização para quem não vai comprar o terreno.

De acordo com o autor, Milton Santos<sup>7</sup> revela toda a riqueza da localização e a importância da acessibilidade quando diz que “cada homem vale pelo lugar onde está; o seu valor como produtor, consumidor, cidadão depende de sua localização no território. Seu valor vai mudando incessantemente, para melhor ou para pior, em função das diferenças de acessibilidade (tempo, frequência, preço) independentes de sua própria condição. Pessoas com as mesmas virtualidades, a mesma formação, até mesmo o mesmo salário, têm valor diferente segundo o lugar em que vivem: as oportunidades não são as mesmas. Por isso, a possibilidade de ser mais ou menos cidadão depende, em larga proporção, do ponto do território onde se está”.

Desse modo, o que escrevemos até aqui já começa a revelar a segregação como um processo fundamental para a compreensão da estrutura

<sup>7</sup> SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987, p. 81.

espacial intra-urbana, onde a especulação imobiliária deriva, em última análise, da conjugação de dois movimentos convergentes: a superposição de um sítio social ao sítio natural e a disputa entre atividades e pessoas por dada localização. Criam-se, com isso, sítios sociais, uma vez que o funcionamento da sociedade urbana transforma seletivamente os lugares, afeiçoando-os às suas exigências funcionais. É assim que certos pontos se tornam mais acessíveis, certas artérias mais atrativas e, também, uns e outros, mais valorizados.

Há segregações das mais variadas naturezas nas cidades brasileiras, principalmente de classes e de etnias ou nacionalidades. Vamos nos deter nesse trabalho na segregação das classes sociais, que é aquela que domina a estruturação das cidades, sendo que o que determina, em uma região, a segregação de uma classe é a concentração significativa dessa classe mais do que em qualquer outra região geral da cidade.

A “oposição” centro **versus** periferia é o mais conhecido padrão de segregação das cidades brasileiras. O “centro”, dotado da maioria dos serviços urbanos, públicos e privados, é ocupado pelas classes de mais alta renda; a “periferia”, subequipada e longínqua, é ocupada predominantemente pelos excluídos. Diante disso, pode-se dizer que a segregação é uma manifestação da renda fundiária urbana, um “fenômeno” produzido pelos mecanismos de formação dos preços do solo, que são, por sua vez, determinados pela divisão social e espacial do trabalho<sup>8</sup>.

Assim, a aceitação da hipótese que a sociedade é (ou tende a ser) urbana, a tal ponto de ser essa expressão uma categoria científica, implica em reconhecer que quando nos referimos ao espaço que o homem precisa para sobreviver estamos nos referindo ao espaço urbano e quando falamos da produção do espaço, estamos falando de produção do espaço urbano. Por outro lado, não tratamos de um espaço abstrato, mas da cidade que é fruto do processo de desenvolvimento capitalista que, em essência, é desigual e demonstra essa desigualdade na contraposição entre “ilhas” de riqueza, e áreas urbanas miseráveis, desprovidas de qualquer benefício.

---

<sup>8</sup> As indústrias também entram nessa disputa. Suas localizações dentro do espaço intra-urbano, entretanto – e ao contrário de suas localizações no espaço regional – são determinadas pelos interesses de deslocamento dos capitalistas, dos trabalhadores e pelos interesses das atividades terciárias e da habitação. No espaço intra-urbano, as indústrias disputam suas localizações por meio de uma luta totalmente diferente daquela que travam quando se trata do espaço regional.

Há, contudo, outro tipo de segregação: a ecológica, que procede do fato de os habitantes da cidade serem diferentes entre si e, ao mesmo tempo, interdependentes. Assim, na luta pela posição social e por uma conveniente implantação espacial dentro da cidade, tais diferenças e interdependências contribuem para determinar que espaço as pessoas consideram desejável e até que ponto lhes é possível obtê-lo. O resultado é a segregação ecológica, ou seja, a concentração, dentro de uma mesma área residencial, de pessoas que reúnem características semelhantes entre si, não se tratando de um processo que envolve pessoas ou indivíduos, mas classes sociais<sup>9</sup>.

Disso podemos reter duas questões. Em primeiro lugar, a segregação deriva de uma luta ou disputa por localizações, que se dá entre grupos sociais ou entre classes<sup>10</sup>. Em segundo lugar, pode-se refletir sobre o porquê da luta, que, nesse caso, seria pela posição social e por uma conveniente implantação espacial dentro da cidade. Conjugando as duas, sustentamos que a segregação urbana ocorrerá em zonas de forte homogeneidade social interna e de forte disparidade social entre elas, entendendo-se essa disparidade não só em termos de diferença como também de hierarquia. Ou seja, a questão que nos persegue é: como se dá a apropriação diferenciada do espaço urbano enquanto produto do trabalho humano?

É preciso, sobre isso, discutir a idéia de que a segregação pode estar eventualmente comprometida com a idéia de homogeneidade total, estática e não de processo. Essa comparação é radical e incorreta, pois pressupõe um limite rígido, arbitrário e falso, que divide o estado de segregação do estado de não-segregação<sup>11</sup>.

É preciso que se faça, então, reparos à essa colocação. Num primeiro

<sup>9</sup> Em que condição os indivíduos entram nesta luta? Eles o fazem enquanto classes sociais lutando pelas condições materiais de sua sobrevivência, embora tais condições sejam definidas na esfera da produção. As classes sociais disputam aquele domínio e as burguesias são as classes que mais conseguem exercê-lo. A luta de classes pelo domínio das condições de deslocamento espacial consiste na força determinante da estruturação do espaço intra-urbano. Nem sempre as burguesias procuram o "perto" em termos de tempo e distância. Às vezes, elas se afastam na busca de grandes lotes e ar puro, por exemplo, mas mesmo quando isso ocorre há limites para esse afastamento. Nesses casos, elas procuram trazer para perto de si seu comércio, seus serviços e o centro que reúne os equipamentos de comando da sociedade – e isso não por razões simbólicas ou de status, mas pela razão muito prática de que elas o freqüentam intensamente e nele exercem muitos de seus empregos.

<sup>10</sup> Os que ocupam a área central estão, por exemplo, impedindo que ela seja ocupada pelos mais pobres, que estão na periferia ou nas favelas afastadas. A segregação entre centro e periferia pode ser considerada uma segregação por classes.

<sup>11</sup> A tônica dos estudos sobre segregação incidem ou no mecanismo de defesa, ou na busca de prestígio e de status, mas ela é, antes de tudo, um processo necessário à dominação social, econômica e política por meio do espaço.

momento seria necessário fixar (congelar) o tempo e depois relativizar a colocação, ou seja, não se trataria, por exemplo, de indagar se em São Paulo há ou não segregação, mas saber se ela é maior ou menor que no Rio ou em Salvador. De qualquer maneira, independentemente disso, não há diferença significativa de segregação entre Rio, São Paulo e Salvador. Em segundo lugar, destacamos a segregação por região geral ou conjunto de bairros da metrópole, em oposição à segregação por bairro. O importante é entender por que os bairros das camadas de mais alta renda tendem a se segregar numa mesma *região geral da cidade*, e não a se espalhar aleatoriamente por toda a cidade.

Quanto aos bairros residenciais das camadas populares no espaço dos mais ricos, o fato é que a grande maioria dessas camadas ocupa o “lado de lá” da cidade e as periferias afastadas. O “longe” para elas é produzido por vários processos: pelas dificuldades de acesso, inclusive econômico, a um sistema de transportes satisfatório; pelas crescentes distâncias, em tempo e em quilômetros, a que são impelidas suas casas e, finalmente, pelo deslocamento dos centros de emprego e subemprego terciários para a direção oposta à de seus bairros residenciais.

Frisamos: os centros não são centros porque neles se localizam os palácios, as catedrais ou os bancos. A centralidade é outra e está expressa na possibilidade de minimizarem (as classes altas) o tempo gasto e os desgastes e custos associados aos deslocamentos espaciais dos seres humanos. Dominar o centro e o acesso a ele representa não só uma vantagem material, concreta, mas também o domínio de toda uma simbologia. Os centros urbanos são pontos altamente estratégicos para o exercício da dominação<sup>12</sup>.

É importante que não percamos de vista a idéia de que a tessitura do espaço urbano é feita de fios que tecem, ao mesmo tempo, a cidade e a segregação, onde além de imprimir a uma determinada região geral da cidade um padrão ambiental e estético inexistente no restante do espaço urbano, através da aparência das ruas e edifícios, da arborização, da presença maior de praças etc., as burguesias implantam nessa região a melhor infra-

---

<sup>12</sup> Entende-se por *dominação* do espaço urbano o processo segundo o qual a classe dominante comanda a apropriação diferenciada dos frutos, das vantagens e dos recursos do espaço urbano. Dentre essas vantagens, a mais decisiva é a otimização dos gastos de tempo despendido nos deslocamentos dos seres humanos, ou seja, a acessibilidade às diversas localizações urbanas, especialmente ao centro urbano.

estrutura da cidade. Com isso, o espaço urbano é tecido de tal forma que todo o cotidiano daquelas camadas se desenrola predominantemente nessa região. Cada vez mais, o próprio Estado<sup>13</sup> para ela se transfere e, ideologicamente, essa região começa a se identificar com “a cidade” e o restante passa a ser encarado como subúrbio ou periferia e considerado longe, por mais central que seja sua localização. Na verdade torna-se longe mesmo.

A natureza e a localização dos investimentos, governamentais em primeiro plano e privados em segundo, regula quem e quantos terão o direito à cidade e influenciando nas características da segregação territorial e na qualidade de vida de cada bairro. Contudo, esse padrão de qualidade depende, prioritariamente, de quem controla os benefícios resultantes dos investimentos públicos e a história de nossas cidades tem demonstrado até agora a soberania absoluta do mercado, confirmando o espaço urbano como uma instância da dominação econômica. De fato, as áreas onde predomina a população de baixa renda nas cidades brasileiras caracterizam-se pela deficiência dos serviços urbanos básicos, precária situação sanitária e habitações inadequadas, na maioria das vezes em situação ilegal. Além disso, o processo de estruturação do espaço urbano que, ao gerar a segregação social, contribui para a degradação ambiental, cuja mediação entre estruturação do espaço e degradação ambiental passa pelos padrões segregacionistas de uso e ocupação do solo decorrentes do processo de produção da cidade.

O espaço urbano é produzido e consumido por um mesmo e único processo. A sua estruturação interna, entretanto, se processa sob o domínio de forças que representam os interesses de consumo das camadas de mais alta renda. Tal estruturação se dá sob a ação do conflito de classes em torno das vantagens e desvantagens do espaço urbano, ou em torno da disputa pela apropriação diferenciada do espaço urbano enquanto produto do trabalho. Contudo, é preciso deixar claro que esse processo se pretende linear, sem conflitos, “isento de responsabilidades”.

A produção e a apropriação do espaço urbano não só reflete as desigualdades e as contradições sociais, como também as reafirma e reproduz,

---

<sup>13</sup> O controle sobre o Estado se dá através de três mecanismos: o primeiro é a localização de seus equipamentos, que seguem os percursos territoriais das camadas de mais alta renda, da mesma maneira que o comércio e os serviços privados. O segundo é a produção da infra-estrutura propriamente dita. Em terceiro lugar, o Estado atua através da legislação urbanística. Esta, é sabido, é feita pela e para as burguesias. Isso se revela pelo fato de se colocar na clandestinidade e na ilegalidade a maioria dos bairros e das edificações das cidades.

sendo que o ambiente construído não existe independentemente das relações sociais. Não reconhecer isso nos leva à manutenção do padrão contraditório, desigual e predatório com que tem evoluído nas cidades, cuja gestão tem se caracterizado pela localização de investimentos obedecendo à lógica da extração da renda imobiliária, pela confirmação de espaços exclusivos e segregados e pela aplicação arbitrária da legislação, beneficiando parte da cidade<sup>14</sup>.

Nesse momento da obra, Flávio Villaça passa a se preocupar com a questão da ideologia e seu papel nesse processo. Para ele, o real não se apresenta claramente aos nossos sentidos. Por isso, ele comporta diferentes versões ou interpretações; *ideologia* é aquela versão da realidade social dada pela classe dominante com vistas a facilitar a sua dominação. Essa versão tende a esconder dos homens o modo real de produção de suas relações sociais. Por intermédio da ideologia, a classe dominante legitima as condições sociais de exploração e dominação, fazendo com que pareçam verdadeiras e justas. A ideologia surge, no seio da classe dominante, através do descolamento das idéias da realidade social e consiste na transformação das idéias da classe dominante em idéias dominantes em uma sociedade, em determinado período histórico. Em outras palavras, quem está no poder é obrigado, quanto mais não seja para atingir seus fins, a representar o seu interesse como sendo o interesse comum a todos os membros da sociedade ou a dar a seus pensamentos a forma de universalidade, a representá-los como sendo os únicos razoáveis, os únicos verdadeiramente válidos. A ideologia é o processo pelo qual a classe dominante representa seu interesse particular como o interesse geral. Nesse caso, o espaço, a cidade, está acima de tudo.

A cidade deve estar acima de tudo, sendo que as diferenças entre seus “diversos” habitantes devem ser ocultadas, naturalizadas e indicando sempre a direção do futuro, ao mesmo tempo em que essa associação deve garantir, resguardar e proteger determinados direitos e liberdades que constituem os maiores benefícios supostos nessa cooperação.

A cidade vem acima de tudo, seus interesses são os da cidade como

---

<sup>14</sup> A correlação entre segregação socioespacial e pobreza, de tanto repetir-se, passou a ser “natural” ao espaço urbano, e os morros de Jaraguá do Sul espelham a realidade que discutimos, demonstrando as contradições da produção do espaço que se baseia em um conceito de “progresso” urbano que contém em si mesmo sua negação: a qualidade de uma área é medida em contraposição à precariedade de outras.

um todo e estão acima de seus interesses particulares, que devem se submeter aos primeiros sem questionamentos. Essas imagens conceituais são, na verdade, sempre simplistas; nenhum grupo social pode ser visto sob o ponto de vista de uma totalidade coerente, uma vez que pode despir os atores sociais de toda iniciativa.

A idéia da cidade “acima de tudo” traduz-se sobre o território por um discurso sobre a diferença. O território próprio ao grupo é concebido como um terreno onde as regras que fundam a identidade gozam de uma absoluta e indiscutível validade. A predominância do nível coletivo é total, e a oposição e a diferenciação são estabelecidas em relação à figura de um outro, que é exterior ao grupo; espaço como objeto de conflitos, pois estabelecer um território de domínio de um grupo significa a afirmação de sua diferença em oposição aos demais.

Para isso, a ideologia lança mão de alguns mecanismos, entre eles o da naturalização dos processos sociais<sup>15</sup> e o da universalização de seus interesses particulares. A conjugação desses dois mecanismos constitui parte integrante da tendência de fazer passar *a cidade como aquela parte da cidade que é de interesse da classe dominante*. Ou seja, se o centro de uma cidade é vital para a dominação e controle por meio do espaço urbano, não é de se surpreender que essa parte importante da cidade seja objeto de intenso tratamento ideológico. E mais: como ela é área importante da cidade, a classe dominante não pode assumir esse fato e precisa ocultá-lo, formulando uma versão que não comprometa sua posição de classe dominante. Subliminarmente, a ideologia<sup>16</sup> inculca nas mentes da maioria a idéia de que a cidade é aquela parte constituída por onde estão os dominantes. Essa ideologia facilita a ação do Estado, que privilegia essa parte. Ao investir nela, ele está investindo *na cidade*; ao protegê-la através da legislação urbanística, o Estado está protegendo *a cidade* e ajudando a se construir localizações.

A localização, então, é relação (a outros objetos ou conjuntos de objetos), e a localização intra-urbana é um tipo específico de localização: aquela na qual as relações não podem existir sem o contato físico direto que envol-

<sup>15</sup> Qual a causa da miséria no Nordeste? O clima, responde a ideologia dominante, transferindo assim a causa dos homens para a natureza.

<sup>16</sup> A ideologia do espaço urbano atinge seu nível mais estúpido e perigoso nos condomínios suburbanos de alta renda, quando pretende opor a cidade da minoria burguesa a uma outra cidade: a da maioria pobre. Julgam os moradores desses condomínios ser esta última “outra cidade”, violenta, pobre, atrasada e com a qual elas nada têm que ver.

ve deslocamentos dos produtores e dos consumidores entre os locais de moradia e os de produção e consumo. O estudo do espaço territorial não se preocupa com a produção do espaço do objeto em si, da praça ou do edifício, mas com suas localizações.

Os diferentes pontos do espaço urbano oferecem diferentes possibilidades de contato com todos os demais pontos, fazendo dele um espaço intrinsecamente desigual. Entretanto, o tipo de desigualdade mais freqüentemente considerado é a disponibilidade de equipamentos e infraestrutura e a qualidade das edificações, entre o centro e a periferia, por exemplo. Porém, há outra desigualdade, tão ou mais importante como força estruturadora do espaço intra-urbano, pois ela domina também a polarização centro versus periferia, e vai além dela, que é a desigualdade fruto das diferenças de acessibilidade a todos os pontos do espaço urbano. A segregação das classes dominantes é um mecanismo necessário para otimizar a apropriação, em proveito delas, das vantagens do espaço desigual.

Assim, é necessária uma determinada *configuração espacial* (a segregação) para viabilizar a dominação através do espaço. Sem essa configuração, seriam talvez impossíveis, ou extremamente difíceis, a dominação e a desigual apropriação dos frutos do trabalho despendido na produção do espaço. Um dos objetivos do autor foi demonstrar a tese segundo a qual é por meio da segregação que a classe dominante controla o espaço urbano, sujeitando-o aos seus interesses. Serão, sem dúvida, diferentes os poderes de domínio sobre o espaço urbano, de duas sociedades urbanas com as mesmas características sociais, culturais, econômicas e políticas, se suas espacialidades forem diferentes, mas a segregação é um processo necessário para que haja esse domínio.

O ordenamento jurídico-institucional que, ao desconhecer a realidade socioeconômica da maioria, nega o acesso a benefícios básicos para a vida nas cidades; a condição da subcidadania abre espaço, por outro lado, a que se construa no imaginário social o diagnóstico da periculosidade: o morador do cortiço, da favela ou do loteamento clandestino – por aí residir – fica reduzido à condição de um marginal ou bandido. Nesse sentido, discriminação, segregação e controle social são processos que juntos promovem a condição de subcidadania. Em outras palavras, se o espaço é marginal, seus habitantes também o são.

Da mesma forma que os “direitos” de certos grupos sobre o território, onde eles desfrutam de privilégios, objetiva manter a reprodução das relações formais e a manutenção do controle social sobre esse território, esse discurso nega o acesso de elementos estranhos à associação fundada nesse espaço<sup>17</sup>, sendo ele também objeto de regulamentações e coerção. Tudo isso, é bom que se diga, acontece sob a perspectiva da preservação do bem comum dos membros privilegiados, signatários do contrato social original e emanados das leis que regem esse território.

O discurso que funda a identidade comunitária é o da diferença. Em outras palavras, a diferenciação se faz exagerando os traços distintivos daquele grupo de pessoas diminuindo a importância de todas as outras características comuns compartilhadas com os outros grupos. Sublinhar um nível de diferença significa que, a despeito do infinito patamar de diferenciação teoricamente possível, um limite será privilegiado, aquele que distingue o grupo dos demais.

Como o grupo se define pelo mecanismo de exclusão, tendo em vista uma característica demarcadora qualquer, ele sempre se vê ameaçado pelos elementos oriundos de fora dele, e essas fronteiras, ainda que fluidas, são território de conflitos, reivindicação e reprodução da ideologia central da diferenciação. Os migrantes, por exemplo, são marcados, identificados pelos “loteamentos” onde moram. Segregar, nesse caso, é uma forma de poder identificá-los.

O espaço tende a ser lido a partir das categorias absolutas “nosso” e “deles”, aliás, como os demais valores associados a essa dinâmica. Ao se definir pela diferença e pelo contraste, esses movimentos têm êxito em apagar todas as outras fraturas internas virtualmente expostas pelo grupo, criando uma forte unidade, coesa e monocromática, de forma que a sociedade seja, ela também, coesa, uniforme e harmônica.

A demarcação espacial (e social) se faz sempre no sentido de uma gradação ou hierarquia entre centro e periferia, dentro e fora; aquilo que está fixado, dado; quem é e quem não é. Para verificar isso, basta conferir a expressão “centro da cidade”. O resto é a periferia: geográfica e social.

<sup>17</sup> Os signos de delimitação territorial são inequívocos, assim, o espaço delimita os comportamentos, classifica as ações sociais, ordena a dinâmica social e hierarquiza práticas e instituições.

Os discursos oficiais, ao “naturalizar” este processo, omitem justamente os ingredientes históricos e geopolíticos dessas construções, ou seja, fazem com que desperdiçamos aquilo que é seu material analítico mais rico, os elementos e o contexto de sua produção, e os processos particulares que individualizam tais representações. É, pois, um discurso que congrega, imprime a idéia de consenso e representa um determinado grupo, classificando as coisas como “nossas” ou estranhas a “nós”.

Assim, o lugar físico é um lugar de conflitos, de problematização da vida social, mas, sobretudo é o terreno onde esses problemas são assinalados e significados. Ele é uma arena onde há debates e diálogo; é o lugar das inscrições e do reconhecimento dos diversos grupos que habitam a cidade num verdadeiro “espetáculo da tensão”.

# Os clubes de caça e tiro

*Cristina Ferreira<sup>2</sup>*

*Anne Caroline Peixer Abreu<sup>3</sup>*

## Artigos

Após a Segunda  
Guerra Mundial em  
Blumenau<sup>1</sup>

## Considerações iniciais

O presente artigo busca analisar o Associativismo Civil no município de Blumenau, com ênfase no recorte temático “Associações desportivas, recreativas, hobby, lazer e entretenimento”, predominantemente compostas por Clubes de Caça e Tiro. O recorte temporal está centrado na década de 50, tendo como marco inicial o centenário de Blumenau e como marco final, um período que revela a preocupação com a chamada modernidade, discurso atuante no cenário político, social e econômico da cidade.

Os Clubes de Caça e Tiro, também conhecidos como Sociedade de Atiradores, concentravam praticamente todas as atividades de sociabilidade da comunidade local, tornando-se um espaço de conagração dos associados, cumprindo a função de preencher as necessidades sociais daquela região e promovendo a união e cooperação da co-

1 Pesquisa intitulada “Associativismo Civil: mudanças e tendências. Um estudo das Associações desportivas, recreativas, hobby, lazer e entretenimento”, realizada no período de agosto/2003 a dezembro/2004, através do PIPE-Art. 170 - Furb.

2 Professora do Depto. de História e Geografia da Universidade Regional de Blumenau - Furb (cris@furb.br).

3 Graduada em História pela Universidade Regional de Blumenau - Furb (historiane@ig.com.br).



munidade. Inclusive exerceram fundamentalmente o papel de elemento aglutinador da cultura germânica, buscando preservar os aspectos culturais herdados dos colonizadores.

Importante esclarecer que esta pesquisa não pretende discutir a influência cultural dos Clubes de Caça e Tiro, mas sim, problematizar a maneira como estas associações, representantes legítimas do processo de Associativismo Civil no Vale do Itajaí, passam a se apresentar e a reestruturar suas atividades após a Segunda Guerra Mundial, com o propósito de recompor uma nova dinâmica social, calcada nas tradições e costumes de seus antepassados, porém revestida por outros rituais que emitiam sinais de modernidade e renovação.

A proposta metodológica fundamenta-se nas fontes pesquisadas em cartório, cujas informações reveladas dizem respeito aos estatutos oficiais das Associações estudadas. A fonte cartorária, por se tratar de documento oficial, inclui informações consideradas padronizadas e institucionalizadas, pois pretende cumprir com o objetivo de formatação de um estatuto. Por isso, para verificar as práticas cotidianas dos integrantes das associações estudadas, tornou-se necessário buscar o auxílio de fontes alternativas de pesquisa, visando estudar o associativismo civil através de outras falas e dar voz ao conjunto de componentes do grupo, não apenas à sua diretoria.

Por isso, diante da natureza oficial dos estatutos, a presente investigação partiu para uma pesquisa documental (jornais de circulação local, atas das Associações e outros documentos pertinentes) no Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva” e utilização da técnica da História Oral, através de entrevistas. Posteriormente, procedeu-se à análise dos dados através do método comparativo, operacionalizando-se assim a confrontação das fontes estatutárias e de outros documentos, permitindo maior elasticidade na análise. Esta comparação forneceu múltiplas possibilidades de interpretação, porque permitiu confrontar elementos que mostram vários âmbitos do processo associativo, viabilizando uma compreensão não “total”, porém mais abrangente e conseqüentemente mais complexa e interativa do associativismo civil desportivo e recreativo em Blumenau.

### **1 Associativismo Civil: questões conceituais**

Analisar o Associativismo Civil Desportivo e Recreativo em Blumenau

significa investigar um processo que norteia a região do Vale do Itajaí desde sua colonização. A associação ocorrida entre os imigrantes alemães visa reforçar os laços culturais com a terra de origem, buscando implantar um espaço de convivência e integração entre os colonos. As formas de sociabilidade exercidas através de uma associação proporcionam oportunidades de lazer específicas, partilhadas exclusivamente por seus membros, “grupos que se escolheram por afinidades, em função dos desejos de cada um”<sup>4</sup>.

Para definir as associações entre diversos atores sociais, pode-se incorporar a idéia de “rede”, pois a mesma é “formada por pequenos grupos e indivíduos que compartilham de uma identidade coletiva e de uma cultura de movimento, comportam mensagens simbólicas”<sup>5</sup>.

Instaurado em Blumenau na segunda metade do século XIX, o Associativismo seguia uma tendência verificada em várias partes do mundo, como um mecanismo capaz de fornecer uma estrutura de integração, solidariedade e organicidade administrativa. A partir de então, estruturou-se um “...tempo de lazer e de distração, por sua vez previsto, organizado, cheio, agitado, baseado em novos valores”<sup>6</sup>.

As associações cumpriam a função de controlar os lazeres através de mecanismos de organização interna, como os regimentos e estatutos, que também se refletiam fora do espaço associativo, na medida em que o associado deveria manter uma postura idônea para ser aceito na associação. As regras de funcionamento procuravam impedir as bebedeiras, os botequins, a pura e simples ociosidade, atividades consideradas promíscuas e que levam à improdutividade que o capitalismo renega<sup>7</sup>. Assim, começou-se a estruturar o discurso contra o “mau lazer”, que passa a ser dominante e sem limites ideológicos ou nacionais.

Jean-Claude Farcy compara as associações com a igreja e a escola, no que diz respeito à institucionalização, além de argumentar que seu modelo foi o exército. Isso porque as associações também buscam a “civilização

---

<sup>4</sup> FARCY, Jean-Claude. O tempo livre na aldeia (1830-1930). In: CORBIN, Alain (org.). **História dos tempos livres: o advento do lazer**. Portugal: Teorema, 1995. p.312.

<sup>5</sup> MELUCCI apud SCHERER-WARREM, Ilse. **Cidadania sem fronteira: ações coletivas na era da globalização**. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 15.

<sup>6</sup> CORBIN, Alain (org.). **História dos tempos livres: o advento do lazer**. Portugal: Teorema, 1995, p.6.

<sup>7</sup> CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Epoque**. 2ª edição. São Paulo: Editora da Unicamp, 2001.

dos costumes', como testemunham os seus regulamentos. Multas e exclusões sancionam a postura desbragada, os insultos e a violência entre camaradas, bem como a indisciplina"<sup>8</sup>.

No século XIX e na era totalitarista, o treinamento do corpo e a noção do exercício estavam ligados a uma esfera militar, permitindo que os indivíduos exigissem do corpo sua máxima potência, através de exercícios seqüenciais e padronizados, por isso, a ginástica converteu-se em dever nacional.

A partir desta concepção ocorre o delineamento daquilo que hoje entende-se por esporte moderno. Aquele que age sobre os comportamentos, favorecendo e definindo formas específicas de se lidar com o corpo; dominado pela perseguição de um resultado satisfatório e pela exaltação de um campeão que derrota outros competidores.

Paralelo a esta finalidade de controle, o associativismo surge como a forma de "sociabilidade mais democrática"<sup>9</sup>, isso porque propicia para o indivíduo que agora possui um tempo pessoal, possibilidades de escolhas, na medida em que surgiam variadas opções para preencher o tempo livre, já que tempo vazio era sinônimo de ociosidade e malandragem.

O fenômeno associativo adquire amplitude em Blumenau, criando espaços restritos e favorecendo o surgimento de diversos grupos, onde os indivíduos se envolvem em torno de interesses em comum. Isto gera uma fragmentação e compartimentação dos divertimentos, levando ao "empobrecimento dos grandes espaços públicos bem como ao triunfo dos espaços fechados e privados"<sup>10</sup>.

Ao longo do tempo os Clubes de Caça e Tiro tornam-se predominantes em relação à prática associativa na região do Vale do Itajaí. Isto se deve à grande aceitação por parte da comunidade envolvida, que participava ativamente das atividades de sociabilidade promovidas pelas Sociedades, demonstrando que "muitas vezes um tipo particular de sociedade domina no plano regional..."<sup>11</sup>.

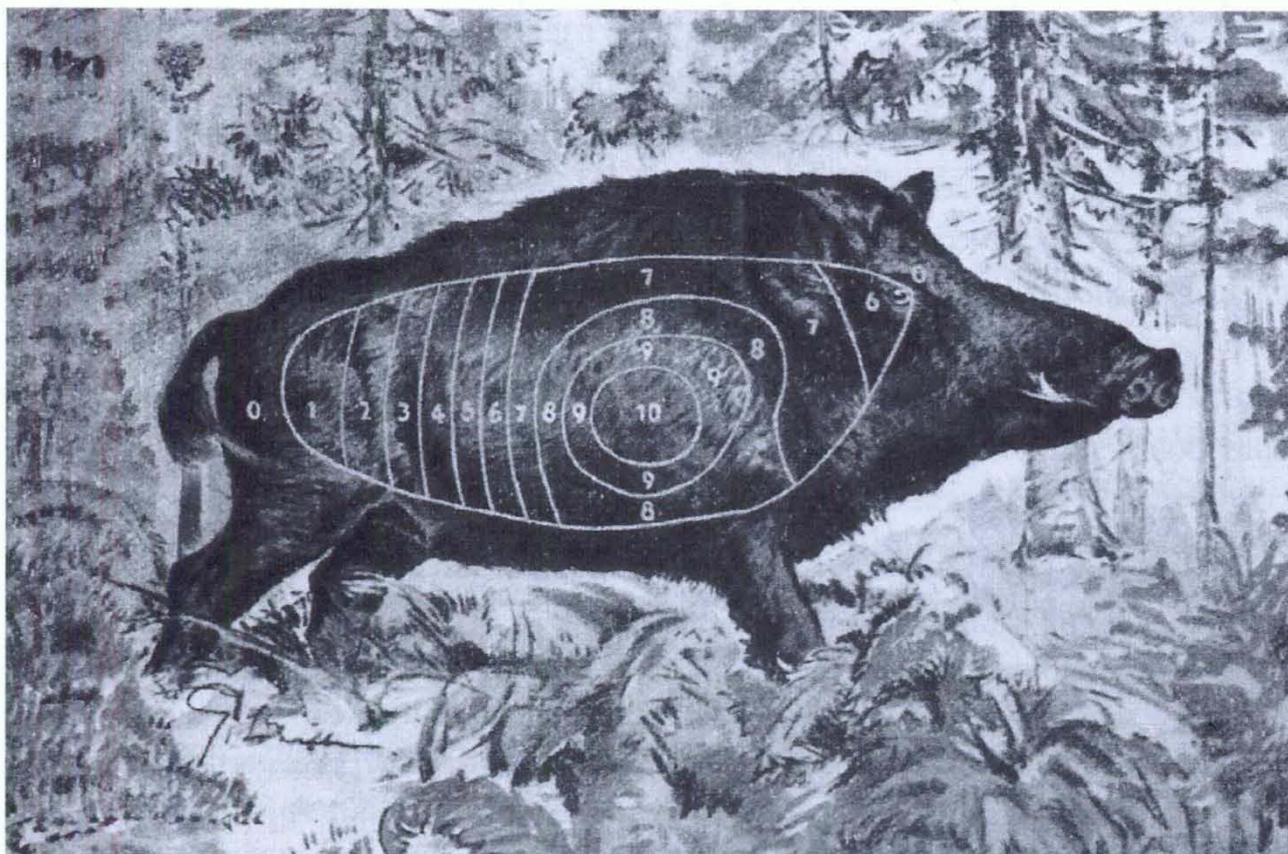
---

<sup>8</sup> FARCY, Jean-Claude. Op. cit., p. 323.

<sup>9</sup> VIGARELLO, Georges. O tempo do desporto. In: CORBIN, Alain (org.). **História dos tempos livres: o advento do lazer**. Portugal: Teorema, 1995, p.237.

<sup>10</sup> TURNATURI, Gabriella. As metamorfoses do divertimento citadino na Itália unificada (1870-1915). In: CORBIN, Alain (org.). **História dos tempos livres: o advento do lazer**. Portugal, 1995, p.213.

<sup>11</sup> FARCY, Jean-Claude. Op. cit., p.305.



Representação de um Javali, usado como Alvo em Clubes de Caça e Tiro (AHJFS)

Sendo assim, o Associativismo Civil tornou-se um mecanismo para estabelecer a “coesão grupal”<sup>12</sup> dos imigrantes alemães, com base em um elo da cultura germânica que estimulou o espírito associativo em novas terras. Esse elemento cultural foi o tiro ao alvo, prática executada pelos colonos alemães desde quando chegaram ao Vale do Itajaí, propiciando o desenvolvimento e a ampliação do movimento associativo em Blumenau e “esculpindo os contornos da identidade étnica dos teuto-brasileiros”<sup>13</sup>.

## 2 Atiradores: Grupo étnico-cultural predominante

No início, a prática do tiro ao alvo não possuía a configuração que atualmente se conhece, visto que não havia uma normatização para realização desta atividade. Frederico Kilian descreve o cenário das muitas disputas entre os colonos, que desejavam mostrar suas façanhas como bons

<sup>12</sup> Expressão utilizada por Norbert Elias em seu estudo de campo numa comunidade inglesa no final da década de 50 e início de 60, intitulado “Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade”, para caracterizar a ligação existente entre os antigos moradores da comunidade.

<sup>13</sup> FLORES, Maria Bernardete Ramos. **Oktoberfest**: turismo, festa e cultura na estação do chopp. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997, p.39.

atiradores: “cada qual julgava sua arma mais eficiente e sua pontaria mais certa. Aos debates sucediam-se os desafios e o primeiro pássaro que aparecera nas proximidades dos que se diziam bons ‘atiradores’, estava condenado a lhes servir de alvo”<sup>14</sup>.

A formação das Sociedades de Atiradores, chamadas de *Schützenverein* na língua alemã, constituiu-se através de uma dinâmica organizacional. As associações civis costumam envolver características ligadas a “formas organizadas de ações coletivas, empiricamente localizáveis e delimitadas, criadas pelos sujeitos sociais em torno de identificações e propostas comuns, como para a melhoria da qualidade de vida, defesa de direitos de cidadania, reconstrução comunitária, etc”<sup>15</sup>.

Assim, já bem cedo, seguindo a um período de desenvolvimento social, onde as reuniões eram feitas mais em caráter particular e em virtude de simpatias pessoais, sem imposições de estatutos ou regulamentos, aquelas tornando-se periódicas e regulares, foram-se desdobrando segundo os assuntos principais nelas tratados, dando origem a formações de entidades distintas, com nomes próprios e finalidades definidas numa ata de fundação<sup>16</sup>.

Os comentários de Frederico Kilian apontam para uma organização das relações sociais na colônia Blumenau, considerado pelo autor como um “desenvolvimento social”, instaurado por intermédio do Associativismo Civil para mostrar aquilo que ele considera um estágio de “evolução social”.

Os Clubes de Caça e Tiro concentravam praticamente todas as atividades de sociabilidade das comunidades a que pertenciam, realizando em suas dependências festas de casamento, reuniões, bodas de prata e ouro, festas de aniversário, bailes, competições de tiro ao alvo, bolão e outras. Sendo assim, o Clube era um espaço de conagração dos associados, cumprindo a função de preencher as necessidades sociais daquela região, promovendo a união e cooperação de cada localidade. Neste sentido, a associação dos descendentes germânicos através dos Clubes de Caça e Tiro tornou-se a principal tradição cultural da região.

Sociedade Treze de Maio, localizada próxima à Estrada da Cachaça

---

<sup>14</sup> KILIAN, Frederico. Sociedades e Associações em Blumenau. In: **Centenário do Blumenau: 1850 – 2 de setembro - 1950**. Edição da Comissão de Festejos, 1950, p.339.

<sup>15</sup> SCHERER-WARREM, Ilse. Op. cit., p.15.

<sup>16</sup> KILIAN, Frederico. Op. cit, p.338.



(Itoupavazinha). Orquestra Penzlin, no início do século XX. (AHJFS)

Portanto, pode-se afirmar que o tiro ao alvo construiu em torno de si um caráter simbólico e, ao longo do tempo, tornou-se elemento fundamental na elaboração da memória coletiva dos imigrantes alemães, mesmo em momentos onde revestiu-se de outras significações. Isto significa que esta prática pode ser considerada como um “ponto de referência”, à medida que “os monumentos, ...as tradições e costumes, certas regras de interação, e a música, e, por que não, as tradições culinárias”<sup>17</sup> podem ser concebidas enquanto responsáveis pela estruturação da memória, introduzidas na memória coletiva a que pertencem.

## 2.1 Clubes de caça e tiro em números

Esta importância dos Clubes de Caça e Tiro pôde ser reafirmada através da análise documental cartorária acerca do Associativismo Civil Desportivo e Recreativo de Blumenau na década de 50, que revela uma supremacia das associações ligadas à prática do tiro ao alvo. Ao todo neste período foram registradas um total de 36 associações pertencentes ao município de Blumenau, sendo que 16 demonstram em suas atividades o tiro.

<sup>17</sup> POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989, p.3.

Através do estudo dos estatutos apenas 12 associações apresentam claramente em seus objetivos a recreação por intermédio da prática do tiro ao alvo e, em algumas delas (7) também da caça não-profissional.

O exercício da caça era praticado em mais da metade das associações, no entanto, em todos os estatutos deixava-se evidente o tipo de caça realizada. Segundo o Código de Caça, aprovado pelo presidente Getúlio Vargas em 20 de outubro de 1943, em vigor na década de 50 e revogado apenas em 1967, “caça é o ato de perseguir, surpreender ou atrair os animais silvestres, a fim de apanha-los vivos ou mortos”<sup>18</sup>. Quem realiza esta atividade é “a pessoa que se entrega ao exercício da caça”<sup>19</sup>, o caçador, “considerado profissional ou amador: a) profissional é o que procura auferir lucros com o produto de sua atividade; b) amador é o que visa fim exclusivamente esportivo”<sup>20</sup>. Em nenhum momento o código trata do prazer pessoal ou coletivo de caçar, considerando especificidades culturais.

Algumas associações mencionam em seus estatutos “a cinegética não profissional”<sup>21</sup>, ou seja, a caça não-profissional, no entanto, a expressão cinegética tem um sentido de prazer, de satisfação, da realização de uma atividade artística. De forma objetiva a caça é vista como uma via de lucro ou como um esporte, sendo que a questão esportiva ganha muita força no código aprovado em 1967, quando a caça profissional é proibida, restando apenas a caça esportiva, norteadas ainda mais de regras e licenças. Este mesmo código coloca que o poder público pretende estimular “a formação e o funcionamento de clubes e sociedades amadoristas de caça e de tiro ao vôo”<sup>22</sup>, objetivando alcançar o espírito associativo para a prática desse esporte”, o que demonstra a importância do Associativismo na estruturação de práticas desportivas.

---

<sup>18</sup> Decreto-lei nº 5.894, de 20 de outubro de 1943. Aprova e baixa o Código de Caça. Capítulo I, art. 3º.

<sup>19</sup> Idem.

<sup>20</sup> Idem, inciso 1º.

<sup>21</sup> Banco de dados do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Movimentos Sociais – Nepemos, constituído em 2000, após coleta do material estatutário registrado no cartório de Registro Civil “Braga Varella” de Blumenau. Recorte temático: Associações Desportivas, Recreativas, Hobby, Lazer e Entretenimento, referente as associações registradas em 1950 e 1960.

<sup>22</sup> Algumas Associações mencionam esta prática no que diz respeito à caça de animais que voam, a qual pode ser executada dentro de stands apropriados.

A prática do tiro ao alvo era predominante entre as associações analisadas, no entanto, nem sempre revelada nos objetivos estatutários. A partir das fontes documentais, identificou-se ainda 4 associações (Tabela 1) que confirmam esta situação:

Através de pesquisa documental foi constatado que algumas associações (Tabela 1) foram fundadas em períodos anteriores às datas mencionadas no estatuto da década de 50, cujas informações referiam-se a alterações ligadas à nomenclatura e alguns itens relacionados à dinâmica interna do clube. Isto constituía uma reforma estatutária e não a fundação de uma nova associação:

Tabela 1

<i>Nome das Associações</i>	<i>Data de fundação e localização – de acordo com estatuto</i>
Clube de Caça e Tiro Germano Tiedt	03/06/1953 – não consta
Sociedade Recreativa e Esportiva Vitória	15/11/1955 – Itoupava Central
Sociedade Esportiva e Recreativa Cultural Salto do Norte	15/08/1957 – Salto do Norte
Sociedade Esportiva Primavera	30/01/1959 – Vila Itoupava

Pode-se evidenciar então, que alguns aspectos ligados aos Clubes não estavam contemplados pelo estatuto. Por exemplo: o Clube de Caça e Tiro Germano Tiedt, de acordo com o estatuto não possui localização registrada, mas, através de um guia turístico de Pomerode<sup>23</sup>, tornou-se viável saber que essa associação tem como local de fundação a atual região de Pomerode.

Também através de pesquisa documental foi constatado que algumas associações (Tabela 2) foram fundadas em períodos anteriores às datas mencionadas no estatuto da década de 50, cujas informações referiam-se a alterações ligadas à nomenclatura e alguns itens relacionados à dinâmica interna do clube. Isto constituía uma reforma estatutária e não a fundação de uma nova associação:

<sup>23</sup> Guia Turístico, no Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva" na Coleção Municípios: Pomerode - Turismo.

Tabela 2

<i>Fundação Oficial / Ano</i>	<i>Nomenclatura na década de 50 / Ano de fundação registrado em cartório</i>
Schützenverein Badenfurth, 1926 <sup>24</sup>	Clube de Caça e Tiro Badenfurt, 1950
Schützenverein Passa Manso, 1895 <sup>25</sup>	Clube de Caça e Tiro Passo Manso, 1950
Schützenverein Victória, 1907 <sup>26</sup>	Sociedade Recreativa e Esportiva Vitória, 1955
Sociedade de Atiradores Salto do Norte, 05/09/1926 <sup>27</sup>	Sociedade Recreativa Esportiva e Cultural Salto do Norte, 1957

Diante do exposto, a análise dos resultados aponta para a necessidade dos Clubes de Caça e Tiro adaptarem-se aos novos discursos do período e às leis nacionais vigentes, conforme expressam os estatutos.

Esta adaptação é operacionalizada através das diversas exigências em torno do funcionamento de um Clube de Caça e Tiro. Observando o Código de Caça em vigor neste período, nota-se que as associações que praticam este exercício, precisam passar por um processo burocrático extenso correspondente às licenças exigidas. Assim, consta: “para o exercício da caça e do tiro ao vôo são necessárias duas licenças: uma para o trânsito com arma de caça, expedida pela Policia Civil, e outra para o exercício da caça ou do tiro ao vôo, concedida pela Divisão de Caça e Pesca ou repartições devidamente autorizadas, mediante a apresentação da primeira”<sup>28</sup>. Todas as licenças expedidas anualmente possuem, cujas taxas deveriam ser pagas pelos caçadores ou pelas associações.

## 2.2 Os Clubes de Caça e Tiro no pós-guerra

Mas, a reorganização dos clubes ultrapassou o controle implementado pelas leis de caça que passaram a vigorar após a Segunda Guerra Mundial.

No período anterior à guerra, durante a Campanha de Nacionaliza-

<sup>24</sup> PETRY, Sueli Maria Vanzuita. **Os Clubes de Caça e Tiro na Região de Blumenau: 1859 - 1981.** Blumenau: Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1982, p.86.

<sup>25</sup> Idem, p.86.

<sup>26</sup> Os documentos que registram o nome do Clube na sua fundação estão em alemão gótico manuscrito e tudo indica que chamava-se Schützenverein Victoria. Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”, Coleção Esportes - Clubes de Caça e Tiro (7.1.1.2.37).

<sup>27</sup> Banco de dados do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Movimentos Sociais - Nepemos.

<sup>28</sup> Decreto-lei nº 5.894. Op. cit..

ção do Governo Vargas, estas associações foram fechadas e proibidas de atuar sob qualquer circunstância. As atividades dos Clubes de Caça e Tiro foram paralisadas e seus documentos apreendidos. “Com seus Clubes tradicionais fechados, impedidos de falar a língua que sabiam, proibidas as aglomerações e reuniões públicas, toda a vida social e recreativa se extinguiu. O associativismo dos teuto-brasileiros ante o forte controle político e social ia se exaurindo”<sup>29</sup>.

Eric Hobsbawm afirma que “as práticas tradicionais existentes – canções folclóricas, campeonatos de ginástica e de tiro ao alvo – foram modificadas, ritualizadas e institucionalizadas para servir a novos propósitos nacionais”<sup>30</sup>, algo que se aplica na Alemanha do século XIX e, salvaguardadas as devidas especificidades, de certa maneira, à região do Vale do Itajaí no período que sucede à Guerra (após 1945).

Convém mencionar que não se trata de estudar as causas e consequências da Campanha de Nacionalização e Segunda Guerra Mundial, mas sim investigar a maneira como a sociedade civil em questão se organizou após as rupturas e silenciamentos da década de 40. Cabe enfatizar que a análise histórica crítica e o historiador procuram explorar o “não-dito”, fazer falar o silêncio e identificar as ausências para ir além da oficialidade.

Michel Pollak explica a função daquilo que não é revelado e não possui uma oficialidade, mencionando que “a fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar a impor”<sup>31</sup>.

Comparando a década de 50, que possui um total de 16 associações ligadas ao tiro ao alvo registradas em cartório, com a década de 60, onde estão registradas apenas 5: Sociedade Recreativa Treze de Maio, Clube Esportivo e Recreativo Nova Aurora Caça e Tiro Futebol (CERNA) Sociedade Recreativa e Esportiva Liberdade, Grêmio Esportivo e Recreativo Dr. Blumenau e a Sociedade Recreativa e Esportiva União, sendo que estes

<sup>29</sup> PETRY, Sueli Maria Vanzuita. Op. cit., p. 85.

<sup>30</sup> HOBBSAWM, Eric. TERENCE, Ranger. Op. cit., p.14.

<sup>31</sup> POLLAK, Michael. Op. cit., p.8.

dois últimos não mencionavam a prática do tiro ao alvo, tornando-se um indicativo de que este período representa momentos de reelaboração interna e externa para os Clubes de Caça e Tiro.

Na entrevista realizada com o sr. Ingo Bugmann, sócio fundador da Sociedade Recreativa e Desportiva Centenário, criada em 1950, fica evidenciada algumas alterações na dinâmica interna de determinadas associações, influenciadas pelo processo de reestruturação dos Clubes de Caça e Tiro na década de 50: “sempre 31 de dezembro tinha o baile de fim de ano, mas depois começou a cair, porque nós tínhamos [bairro Garcia] o Caça e Tiro Garcia-Jordão onde era uma tradição o baile de fim de ano. Aí começou a cair aqui, [S.R.D. Centenário] e deixaram de fazer o fim do ano”<sup>32</sup>.

Da segunda metade dos anos 50 em diante foi possível observar, através dos jornais de circulação local, que as associações iniciam um processo de abertura em relação ao seu funcionamento interno, aumentando a divulgação das assembléias e bailes a serem realizados. Só no ano de 1956 foram cerca de 8 publicações de vários clubes no jornal, além de ter sido fundada no jornal *A Nação* uma “Coluna do Tiro” (13/05/1956).

A partir de então, as associações passam a se apresentar com uma nova roupagem. Conforme a conjuntura, estes espaços se utilizam de todos os mecanismos possíveis para se manter em funcionamento, enfrentando os “novos tempos” trazidos pela modernidade que se insurgia, considerando as tradições como elementos do passado. Para se contrapor a essa situação, as associações buscaram remodelar suas ações de acordo com novos interesses reinterpretando sua existência.

Este momento histórico no Brasil revela um período de alargamento das concepções culturais até então estabelecidas e o cinema, bem como a televisão e o rádio trouxeram informações, moldaram comportamentos e, num sentido próprio, modificaram a vida familiar. Houve um reforço do individualismo e a transformação dos rituais mais íntimos, tais como casamentos, aniversários, dia das mães, dia dos pais, em acontecimentos sociais voltados para o consumismo, longe das vibrações emocionais e afetivas de outrora<sup>33</sup>.

---

<sup>32</sup> BUGMANN, Ingo. Depoimento: [out. 2004] Entrevistadoras: Cristina Ferreira, Anne Caroline Peixer Abreu: FURB, 2004. 1 fita cassete (60 min.). Entrevista concedida ao subprojeto: “Associativismo Civil: Mudanças e Tendências. Um estudo das associações desportivas, recreativas, hobby, lazer e entretenimento”.

<sup>33</sup> SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: **História da Vida Primava do Brasil; 3**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 602-603.

Marcos Konder, político radicado em Itajaí, no período que sucedeu o término da Segunda Guerra Mundial afirma:

Em Itajaí, que é hoje um núcleo quase totalmente luso-brasileiro, os Atiradores já ressurgiram, embora debaixo de outro nome... Nos dias 20 e 21 do corrente mês de maio realizaram-se os festejos dos Atiradores de Itajaí, com uma frequência desusada, a ninguém havia de pensar que a propriedade, ocupada pelo exército durante a guerra, pudesse reconstruir-se em tão pouco tempo. Si assim se dá na cidade de Lauro Mueller, onde as tradições teuto-brasileiras costumam desaparecer tão depressa, será possível que Blumenau queira deixar-se envergonhar pelos itajaienses?<sup>34</sup>.

Para além das questões étnicas e concorrenciais entre as cidades, este comentário revela certa cautela por parte dos descendentes de alemães de Blumenau a fim de reestruturar as práticas culturais de seus antepassados e reitera a necessidade dos atores sociais ligados às associações desportivas de justificar seus atos publicamente para procurar evitar o obscurantismo de suas práticas.

Konder também menciona sobre as “páginas negras do passado” e uma possível “nova campanha de nacionalização, que surgiu com o propósito deliberado e consciente de suprimir a língua e os costumes e as tradições dos alemães e seus descendentes”<sup>35</sup>. Este comentário deixa transparecer uma certa tentativa de “esquecer”, conforme a conveniência, porém lembrar com vigor os momentos difíceis e restrições impostos pela guerra, cujo impacto motivou mudanças na conduta dos moradores de Blumenau.

Mesmo com a Festa do Centenário de Fundação de Blumenau (1950) para reafirmar a cultura germânica, consolidar o orgulho de pertencer à cidade, buscando preservar a memória dos colonizadores, no pós-guerra nota-se uma tentativa de “omissão” do passado por força das leis nacionais estabelecidas, visando maquiagem as questões relacionadas à etnicidade alemã.

Jacques Le Goff, ao referenciar a memória em consonância com a História, ressalta que a partir da década de 50 do século XX, ocorre uma necessidade de se buscar no passado uma reafirmação do presente:

<sup>34</sup> KONDER, Marcos. **Ecos do primeiro centenário da comuna de Blumenau**. Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”. Coleção Dossiê, caixa 7.1.1.1, doc 01, 1953.

<sup>35</sup> KONDER, Marcos. **A Nação**. 21 abr./1951, p.3.

A segunda metade do século XX entre a angústia atônita e a euforia do progresso científico e técnico, volta-se para o passado com nostalgia e, para o futuro, com temor ou esperança (...). A aceleração da história, por outro lado, levou as massas dos países industrializados a ligarem-se nostálgicamente às suas raízes: daí a moda do *retro*, o gosto pela história e pela arqueologia, o interesse pelo folclore, o entusiasmo pela fotografia, criadora de memórias e recordações, o prestígio da noção de patrimônio<sup>36</sup>.

A década de 50 prenuncia diferentes contornos para os hábitos cotidianos e valores, procurando acompanhar, com cautela e segurança, o ritmo acelerado das transformações do pós-guerra. Sendo assim, as associações passam a ser regidas por um ritmo diferente, sem se desfazer de “velhas” práticas, porém apresentando novos objetivos e dinâmicas de funcionamento, baseando-se na tendência de progresso e modernidade.

### 2.3 Sociedades desportivas e recreativas revestidas de modernidade

No mesmo ano do Centenário de Blumenau, a Confederação Brasileira de Caça e Tiro, “...deliberou realizar o VI Campeonato do Brasil de Tiro aos Pratos neste Estado, na 2ª quinzena do mês de outubro do corrente ano, escolhendo a cidade de Blumenau, em comemoração ao seu centenário”<sup>37</sup>. Após cinco edições deste campeonato, que iniciou no ano de término da Segunda Guerra Mundial, Blumenau é escolhida como sede, o que demonstra a recuperação da prática do tiro ao alvo, mas não com a finalidade cultural e sim, buscando desenvolver o “espírito esportivo” da cidade.

Neste momento histórico, muitas associações criam mecanismos para encapsular sua atuação interna, tais como recriar uma nova data de fundação ou reestruturar seu estatuto de acordo com as ordens nacionais. No entanto, o tiro ao alvo, conforme aponta Theobaldo Jamundá, continuava sendo o “pano de fundo” das associações, ou seja, apesar da inserção de outras práticas culturais e sociais, esse é o seu alicerce de sustentação. No interior das Sociedades foram criadas fissuras para manter o caráter de tradição, porque “nelas, a comunidade resistiu às mudanças culturais impostas politicamente. Nelas, a comunidade apresentou-se com o melhor que

---

<sup>36</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 2ª ed., São Paulo: Unicamp, Coleção Repertórios, 1992, p.220.

<sup>37</sup> **Lume**. Em Blumenau o VI Campeonato B. de Tiro aos Pratos. Blumenau, 19 jan. 1950, p.7.

possuía. Nelas, a comunidade sorriu satisfeita; tramou apreensiva”<sup>38</sup>

A fórmula encontrada para obscurecer o significado do tiro ao alvo como amálgama da tradição alemã foi revestir essa prática cultural com um cunho essencialmente desportivo, porque muitas vezes ocorre uma ruptura, nítida ou discreta, entre as práticas do passado e as práticas do presente. Isto se torna “visível mesmo em movimentos que deliberadamente se denominam ‘tradicionalistas’ e que atraem grupos considerados por unanimidade repositórios da continuidade histórica da tradição, tais como os camponeses”<sup>39</sup>.

Na pesquisa realizada nos jornais da década de 1950, as poucas notícias encontradas sobre os Clubes de Caça e Tiro remetem à sua finalidade como local para prática de esportes. Verifica-se somente artigos descrevendo a realização de campeonatos, onde os atiradores de Blumenau eram exaltados, devido a sua atuação desportiva esmerada, tornando-se motivo de orgulho para a população blumenauense, caracterizada pelo jornal *A Nação* (15/08/1952) como “fãs do tiro nesta cidade”. O campeonato de tiro ao alvo era muito prestigiado e considerado um “acontecimento de alta expressão social-esportiva, conforme tivemos ensejo de noticiar, terá por sede, novamente, a cidade de Blumenau”<sup>40</sup>.

Os Atiradores passam a ser vistos como esportistas que precisam estar preparados fisicamente para competir, “...nossos representantes encontram-se em perfeita forma técnica e mais uma vez tudo farão para elevar bem alto o bom nome esportivo de Blumenau, tentando a conquista do penta campeonato de Tiro ao Alvo e o hexacampeonato de Tiro aos Pratos”<sup>41</sup>. Este campeonato ocorreu em Blumenau e foi instituído pela primeira vez em 1947, período em que as lembranças e marcas de tempos tumultuados ainda estavam muito vivas.

Cabe esclarecer que o propósito evidenciado pelos campeonatos era reiterar e reforçar que o tiro ao alvo era uma atividade de cunho essencialmente esportista. No entanto, obviamente a manutenção da tradição dos

<sup>38</sup> JAMUNDÁ apud SOARES, Doralécio. **Schützenverein Sociedade de Atiradores**: cultura popular teuto-brasileira. Florianópolis: IOESC, Caderno nº 3 (Comissão Catarinense de Folclore). s.d., p. 06.

<sup>39</sup> HOBBSAWM, Eric; TERENCE, Ranger. Op. cit., p. 15.

<sup>40</sup> **A Nação**. Preparada a Equipe de Atiradores Blumenauense para a Conquista de mais um campeonato Estadual. Ano IX, nº 111, 11 out. 1952.

<sup>41</sup> Idem.

atiradores dependia da correta administração desse discurso desportivo, que pretendia ser reforçado aos olhos da sociedade local. Mas, “para muita gente poderá ele [tiro ao alvo] se constituir num divertimento original...”<sup>42</sup>, mostrando as lembranças e intenções reais que circundavam a prática do tiro ao alvo e suas representações mais primitivas<sup>43</sup>.

Portanto, pode-se dizer que em locais onde ocorrem fortes transformações no conjunto social local existe uma necessidade de instituir “...novos instrumentos que assegurem ou expressem identidade e coesão social, e que estructurem relações sociais”<sup>44</sup>.

O tiro ao alvo não deixa de ser um elemento de integração étnica apenas porque sua finalidade foi alterada aos olhos da sociedade. Os atiradores eram regidos por uma memória repleta de significações e ritualística, pois “a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irreduzíveis”<sup>45</sup>.

Por outro lado, o mundo contemporâneo permite pensar em um “novo ideal comunitário”, cujo alicerce encontra-se em “novos entusiasmos: as efervescências esportivas, musicais e festivas que pontuam a vida social”<sup>46</sup>.

Talvez por isso a questão do esporte tenha recebido tanta notoriedade em Blumenau e as associações desportivas e recreativas estivessem tão empenhadas em divulgar a cidade através dos vários torneios e campeonatos esportivos.

Blumenau é, sem sombra de dúvida, uma cidade que progride a olhos vistos. É um motivo de justo orgulho para Santa Catarina e para o Brasil.

O seu povo, de índole laboriosa e ordeira, está perfeitamente cômico do seu dever de propugnar pela grandeza da gleba em que nasceu.

Com respeito à Religião, à instrução pública, à vida sindical, a assistência aos necessitados, à imprensa falada e escrita, aos esportes e às agremiações sociais,

---

<sup>42</sup> Ibidem.

<sup>43</sup> Esta expressão é utilizada no mesmo sentido que Eric Hobsbawm aborda em sua obra “Rebeldes Primitivos: estudos sobre formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX”, onde discute determinados Movimentos Sociais através da noção de antigo, tradicional.

<sup>44</sup> HOBBSAWM, Eric; TERENCE, Ranger. Op. cit., p.271.

<sup>45</sup> POLLAK, Michel. Op. cit., p. 9.

<sup>46</sup> MAFFESOLI apud FLORES, Maria Bernardete Ramos. Op. cit., p. 31. .

Blumenau pode ser apresentada como terra modelo, pujante e futura, como as que mais o sejam<sup>47</sup>.

O escritor Joaquim de Sales relaciona os esportes e as associações sociais, como duas das características que faziam de Blumenau um modelo para ser admirado e seguido.

É preciso destacar que as associações deste período, não apenas aquelas que praticam o tiro ao alvo, apesar de demonstrarem uma tendência esportiva, deixam visíveis em seus estatutos que as práticas desportivas e recreativas estavam totalmente imbricadas, compondo assim o que se poderia considerar “esportes sociais”. Como exemplo pode-se citar a Sociedade Recreativa e Esportiva Vitória, uma das Associações anteriormente citadas (Tabela 1), que apesar de praticar o tiro ao alvo não menciona em seu estatuto. Situada no bairro Itoupava Central, a associação conta com um diretor “social-esportivo”, tendo como objetivos: “o conagraçamento das famílias bem formadas da Itoupava Central, e o aprimoramento do seu meio social, através das práticas esportivas e reuniões sociais recreativas de qualquer espécie, regulamentadas pelo respectivo regimento interno”<sup>48</sup>.

Neste sentido está composta a maior parte dos estatutos, mostrando que internamente as associações tinham uma função de espaço para prática de esporte e recreação social. No entanto, externamente as associações procuram se mostrar como puramente desportivas, através dos jornais e mesmo dos estatutos, participando de novos calendários que não eram os seus habituais.

Em 1952 muitos Clubes de Caça e Tiro ainda não haviam conseguido retomar suas atividades, ou não estavam demonstrando as suas práticas externamente, visto que foi na década de 50 que muitos Clubes introduziram outros esportes, passando a integrar as novas práticas desportivas oferecidas pelas associações.

Essa implantação de novos esportes pode ser pensada através da necessidade provocada por uma ruptura cultural relacionada a “uma transformação decisiva na difusão de velhos esportes, na invenção de novos e na

<sup>47</sup> SALES, Joaquim de. Sejam Amigos de Blumenau. *A Nação*, 07 fev. 1960.

<sup>48</sup> Banco de dados do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Movimentos Sociais – Nepemos.

institucionalização da maioria, em escala nacional e até internacional. Tal institucionalização constituiu uma vitrina de exposição para o esporte...”<sup>49</sup>.

De acordo com o depoimento do sr. Ingo Bugmann, houve uma tendência esportiva na década de 50 que influenciou a associação em que participava, porque “eles achavam que só dança não era o suficiente. Então, eles achavam de praticar um esporte. Onde foi criado primeiramente a bocha e o bolão”<sup>50</sup>.

O entrevistado deixa visível esse “movimento esportivo” no Associativismo ligado ao lazer neste período, possibilitando pensar que as associações buscavam se adaptar às tendências do momento, para manter ou conquistar novos associados.

Essa disseminação de outros esportes nas associações agora intituladas desportivas e recreativas pode ser observada através dos objetivos, que se encontram nos estatutos das mesmas. A prática do tiro ao alvo tornou-se coadjuvante dentro dos Clubes de Caça e Tiro, pois através da análise dos estatutos pode-se perceber que a mesma não era mais divulgada como atividade central das Sociedades de Atiradores. Dentre as 16 associações analisadas, apenas 5 mencionavam o tiro ao alvo como principal objetivo de recreação (Sociedade Caça e Tiro Tell, Clube de Caça e Tiro Braço do Sul), sendo que dessas 5, 3 associações estavam situadas na atual região de Pomerode (Sociedade de Caça e Tiro Dr. Wunderwald, Clube de Caça e Tiro Primeiro de Maio, Clube de Caça e Tiro Pomerode) e deveriam seguir de acordo com o estatuto, as “normas da ética e espírito das leis nacionais” que regulavam a prática do tiro ao alvo.

No período analisado, a nomenclatura “Clube de Caça e Tiro” não detém mais a mesma representatividade de outrora, passando a envolver-se com “valores modernos”, que levam a um “...fenômeno de desencantamento do mundo, o qual foi analisado por Max Weber, com seu processo de burocratização, racionalização e individualismo”<sup>51</sup>. Desta forma, não se encaixa mais para a nova conjuntura que está instaurada e para os propósitos que agora norteiam a prática do tiro ao alvo e a função sócio-cultural desse espaço associativo.

---

<sup>49</sup> HOBBSAWM, Eric; TERENCE, Ranger. Op. cit., p. 306.

<sup>50</sup> BUGMANN, Ingo. Op. cit..

<sup>51</sup> FLORES, Maria Bernardete Ramos. Op. cit., p. 31.

Das 16 associações que praticam o tiro ao alvo, 6 denominam-se apenas Clube de Caça e Tiro e 3 associações ainda utilizam “Clube de Caça e Tiro”, porém acrescentam o nome “Sociedade”. Por outro lado, 7 associações deixam de usar esta nomenclatura e passam a denominar-se “Sociedade Esportiva Recreativa” ou a combinação de apenas um dos dois elementos.

Em nota no jornal, a Sociedade Esportiva Recreativa Cultural Salto do Norte apresenta a seguinte justificativa: “Esclarecemos que além do esporte de tiro ao alvo, praticamos em nossa sociedade o canto, sendo este talvez (sic) o principal motivo porque não usamos o nome Clube, ou sociedade de tiro ao alvo, mas sim; Sociedade Esportiva Recreativa e Cultural”<sup>52</sup>. Nos anos 50, esta associação já possuía esta nomenclatura, o que indica que o fato de não praticarem apenas o tiro ao alvo, fazia com que o nome “Clube de Caça e Tiro” não fosse mais considerado pertinente para representar as funções exercidas naquele espaço associativo.

Também neste período (1950) consta registrado em cartório a fundação da *Federação Catarinense de Tiro ao Alvo*, organização que aglutina diversas associações que se voltam para prática do tiro ao alvo. Segundo Giorgio Vigarello este tipo de instituição é “uma das maiores originalidades do desporto: clubes agrupados numa associação mais vasta para elaborar um quadro dos encontros hierarquizados, campeonatos locais e nacionais ou mesmo internacionais”<sup>53</sup>.

Esta Federação tinha como objetivos:

estimular periodicamente, por meio de campeonatos e competições de armas esportivas, o desenvolvimento do desporto do tiro e das sociedades filiadas. Estabelecer uniformidade nas provas e nos concursos desportivos para tal fim, regulamentos especiais, que deverão seguir as normas internacionais em uso e as que forem adotadas pela Confederação Brasileira de Tiro ao Alvo. Intensificar a aproximação dos atiradores civis e militares, de sorte a que o desporto de tiro ao alvo no Brasil corresponda a sua finalidade essencial: formar núcleo de atiradores adestrados, que possam ser utilizados pela autoridade militares, na sua tarefa de defender a integridade do solo e da Pátria e as suas instituições<sup>54</sup>.

<sup>52</sup> ZUEGE, Harry (secretário geral da sociedade). Sociedade Esportiva Recreativa Cultural Salto do Norte. Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”. Coleção Dossiê Esporte – Clubes de Caça e Tiro (7.1.1.2.2.7, doc 01)

<sup>53</sup> VIGARELLO, Georges. Op. cit., p.245.

<sup>54</sup> Banco de dados do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Movimentos Sociais – Nepemos.

Os campeonatos organizados rompem com os modelos tradicionais de atuação dessas associações, pois as competições criam novas dinâmicas de funcionamento, de preparação e ocupação do ambiente associativo, na mediada em que o ritmo é alterado em função de novas atividades e objetivos. Agora não se atira mais apenas nas festas tradicionalmente determinadas, outro calendário é instaurando, rompendo sutilmente com padrões de tradição há muito tempo instaurados e criando uma nova ordenação para suas práticas.

Percebe-se que os dirigentes das associações desportivas e recreativas empenham-se em destacar o tiro ao alvo como esporte, “pois a organização que imprimiram às referidas disputas esteve impecável, sendo mesmo notáveis os espetáculos oferecidos ao público local”<sup>55</sup>. O apelo ao espetacular, à precisão, à sincronia está presente nestas competições, criando o perfil de um ambiente cenográfico, onde todos têm sua função e seguem um roteiro de atuação.

A encenação dos encontros como espetáculo, a publicidade ininterrupta sobre as provas e os recordes mostram que a imagem do tempo nas nossas sociedades oscila ainda mais. Não apenas o tempo do lazer ou do trabalho, mas o da sensibilidade quotidiana. É ao tornar-se menos ‘separado’ das atividades habituais, ao participar mais no nosso tempo imediato, ao ponto de se identificar com ele, que o desporto mostra até que ponto o século XX transformou a imagem do passar do tempo<sup>56</sup>.

Imerso nestas transformações, o Associativismo desportivo e recreativo assume um papel primordial na estruturação do tempo livre, criando espaços e relações diferenciadas que se baseiam em outros ritmos e configurações.

## CONCLUSÃO

Após um estudo da historiografia acerca de Blumenau conclui-se que os Clubes de Caça e Tiro, organizados pelos imigrantes alemães, podem ser considerados precursores do Associativismo Civil na região do Vale do Itajaí, pois se revelam responsáveis pela sociabilidade entre os habitantes, funcionando como um elo para integrar as tradições e preservar a cultura de seus

---

<sup>55</sup> **A Nação**. Novamente Campeão o Clube Blumenauense de Caça e Tiro dos Certames Estaduais de Tiro ao Alvo. Ano IX, nº 113. 14 out. 1952.

<sup>56</sup> VIGARELLO, Georges. Op. cit., p. 257.

antepassados. Isso é um indicativo de que os Clubes de Caça e Tiro funcionam desde seu surgimento como instituições responsáveis pela manutenção das tradições germânicas.

Ao analisar os estatutos das associações da década de 50, constata-se que mesmo tendo como principal atividade a prática do tiro ao alvo, optam por não explicitar claramente em seus objetivos este tipo de recreação. Portanto, os membros dessas associações passam a ocultar detalhes importantes do funcionamento interno das mesmas, indicando uma ruptura cultural após o fechamento dessas associações durante a Segunda Guerra Mundial.

A partir de então, os Clubes de Caça e Tiro passam a se afirmar como associações com fins desportivos e recreativos, secundarizando a prática do tiro ao alvo diante de fontes oficiais (estatuto), na tentativa de encapsular sua finalidade cultural de origem étnica. A estratégia utilizada foi resguardar as funções culturais e desviar o foco para as atividades desportivas e recreativas.

Aos poucos a prática do tiro ao alvo passa a ser deixada em segundo plano, motivando as associações inclusive a alterar sua razão social para “Sociedade Recreativa e Esportiva”, demonstrando, pelo menos oficialmente, que as atividades realizadas no interior destes clubes, no período subsequente à Segunda Guerra Mundial, estavam praticamente restritas à



recreação: bailes, soirés (bailes aos domingos à tarde), festas de conagração e algumas poucas festas de atiradores; e à prática de esportes diversificados, tais como: bolão, bocha e tiro ao alvo.

Com base na pesquisa documental e bibliográfica realizada, pode-se afirmar que o interior destas sociedades era marcado pela ritualística e pelo caráter simbólico, elementos que aparentemente proporcionavam tanto para a instituição quanto para seus integrantes, um caráter de solidez, pois num certo sentido revelavam capacidade administrativa, sustentadas por meio da história e/ou da tradição, por sua vez, cultuadas através de uma simbologia e de um calendário de celebrações festivas.

## REFERÊNCIAS

**A Nação.** Novamente Campeão o Clube Blumenauense de Caça e Tiro dos Certames Estaduais de Tiro ao Alvo. Ano IX, nº 113. 14 out.1952.

**A Nação.** Preparada a Equipe de Atiradores Blumenauense para a Conquista de mais um campeonato Estadual. Ano IX, nº 111, 11 out. 1952.

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”. Coleção Municípios: Pomerode, Turismo, Guia Turístico.

BRASIL. Decreto-lei nº 5894, de 20 de outubro de 1943. Aprova e baixa o Código de Caça. Capítulo I, art. 3º.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim:** o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Epoque. 2ª edição. São Paulo: Editora da Unicamp, 2001.

CORBIN, Alain (org.). **História dos tempos livres:** o advento do lazer. Portugal: Teorema, 1995.

FARCY, Jean-Claude. O tempo livre na aldeia (1830-1930). In: CORBIN, Alain (org.). **História dos tempos livres:** o advento do lazer. Portugal: Teorema, 1995.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. **Oktoberfest:** turismo, festa e cultura na estação do chopp. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** 2ª ed., São Paulo: Unicamp, Coleção Repertórios, 1992.

HOBSBAWM, Eric; TERENCE, Ranger. **A Invenção das Tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

KILIAN, Frederico. Sociedades e Associações em Blumenau. In: **Centenário de Blumenau: 1850 – 2 de setembro – 1950**, Edição da comissão de festejos.

KONDER, Marcos. **A Nação**. Carta a Redação. 21 abr./1951, p.3.

KONDER, Marcos. Ecos do primeiro centenário da comuna de Blumenau. Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”. Coleção Dossiê Esporte – Clubes de Caça e Tiro (7.1.1.1, doc. 01, 1953).

**Lume**. Em Blumenau o VI Campeonato B. de Tiro aos Pratos. 19 jan./1950, p.7.

PETRY, Sueli Maria Vanzuita. **Os Clubes de Caça e Tiro na Região de Blumenau: 1859 – 1981**, Blumenau: Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1982.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989, p.3.

SALES, Joaquim de. Sejamos Amigos de Blumenau. **A Nação**, 07 fev./1960.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Cidadania sem Fronteiras: ações coletivas na era da globalização**. São Paulo: Hucitec, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: **História da Vida Primava do Brasil; vol. 3**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 513-619.

SOARES, Doralécio. **Schützenverein Sociedade de Atiradores: cultura popular teuto-brasileira**. Florianópolis: IOESC, Caderno nº 3 (Comissão Catarinense de Folclore).

TURNATURI, Gabriella. As metamorfoses do divertimento cidadão na Itália unificada (1870-1915). In: CORBIN, Alain (org.). **História dos tempos livres: o advento do lazer**. Portugal: Teorema, 1995.

VIGARELLO, Georges. O tempo do desporto. In: CORBIN, Alain (org.). **História dos tempos livres: o advento do lazer**. Portugal: Teorema, 1995.

ZUEGE, Harry (secretário geral da sociedade). **Sociedade Esportiva Recreativa Cultural Salto do Norte**. Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”. Coleção Esporte – Clubes de Caça e Tiro (7.1.1.2.2.7, doc. 01, 29 ago. 1971).

Entrevista:

**BUGMANN, Ingo**. Depoimento: [out. 2004] Entrevistadoras: Cristina Ferreira, Anne Caroline Peixer Abreu: FURB, 2004. 1 fita cassete (60 min.). Entrevista concedida ao subprojeto: “Associativismo Civil: Mudanças e Tendências. Um estudo das associações desportivas, recreativas, hobby, lazer e entretenimento”.

# Locomotiva Macuca

*Luiz Carlos Henkels<sup>1</sup>*

Artigos

Patrimônio histórico  
do Vale do Itajaí

A pequena “Locomotiva N° 1”, exposta no jardim da Prefeitura Municipal de Blumenau, simboliza toda uma história ferroviária ocorrida no Vale do Itajaí desde 1.906, quando se deram os passos definitivos para a construção da Estrada de Ferro Santa Catarina (EFSC), até a atualidade. Mesmo desativada e depois extinta, a ferrovia continua, vez por outra, a ser notícia.

Sinônimo de progresso e modernidade quando para cá veio em 1.908, a Macuca e as outras duas locomotivas alemãs que faziam parte do material rodante de tração da Santa Catharina Eisenbahn, quando esta iniciou suas atividades em 1.909, significaram a melhoria nos transportes e conseqüentemente a melhoria de vida do povo do Vale do Itajaí, que passaria a não se deslocar mais a passo de carroça ou charrete, mas sim nos 30Km/h do trem de ferro.

---

<sup>1</sup> Luiz Carlos Henkels é Indaialense . Funcionário da Cia Hering (1.971-2005). Tem-se dedicado a observar os trens da EFSC desde a tenra idade, tornando-se por ela e pelos trens um verdadeiro apaixonado, o que o levou a associar-se a Associação Brasileira de Preservação Ferroviária ( ABPF), em 1.981, com a intenção de ajudar a resgatar a memória ferroviária Brasileira que pouco a pouco estava se perdendo, notadamente no Vale do Itajaí. Além da atividade de preservacionista e de pesquisa ferroviária.

O texto em parte estão fundamentados em anotações e observações realizadas pelo autor entre o período de 1.968 a 2.005.



## Origem

A Macuca foi fabricada em Berlim – Alemanha, em março de 1.908 pela Orenstein & Koppel, onde obteve o nº de fabricação 2.672. O bom observador poderá ainda na atualidade verificar nas suas rodas motrizes a inscrição “KRUPP – 1.908”, nome do fornecedor destas rodas na Alemanha. É uma locomotiva tanque, ou locotender, visto que diferentemente das outras locomotivas, o tender, isto é, o tanque para reserva de água está acoplado ao lado da caldeira da locomotiva. Nas outras locomotivas o tender vem a reboque, formando um só conjunto. Importante ressaltar que a Macuca possui mais um tanque para armazenagem de água por entre as rodas motrizes.

A Macuca possui seis rodas motrizes, bitola métrica, sendo três em cada lado, sem roda guia ou roda de sustentação. É, portanto, uma locomotiva rodagem 0-6-0T, onde o T significa que o tender está acoplado à caldeira como já mencionamos. Cabe aqui uma observação técnica importante, visto que na atualidade há muita confusão na distinção da Macuca das outras duas locomotivas alemãs de marca BORSIG, mais robustas, fabricadas em 1.907, que também operaram na ferrovia nos seus primórdios e que eram rodagem 0-6-4T, isto é, possuíam as mesmas seis rodas motrizes, porém tinha um pequeno truque rodeiro de sustentação sob a cabine, uma vez que eram mais compridas que a Macuca. Estas duas locomotivas eram originalmente as nºs 1 e 2, enquanto que a Macuca sempre operou na ferrovia como a nº 3, conforme nos conta o pesquisador Jürgen Otto Berner em seu relato na Revista Blumenau em Cadernos em 1.969, em “As locomotivas da EFSC”, baseado nos relatórios do engenheiro Joaquim Breves Filho, diretor da EFSC entre 1.920 e 1.930. Infelizmente em muitas publicações recentes e de credibilidade, este engano é muito comum, provavelmente em razão da numeração, aparecendo fotos da BORSIG nº 1, como sendo a Macuca.

## Início de atividades

Mesmo não sendo oficialmente a nº 1, é a Macuca a primeira locomotiva a ser fotografada já em 1.908, ao longo do Vale do Itajaí, na nobre

missão de levar material de construção para a ponta das obras ferroviárias entre Blumenau e Indaial (vide foto no arquivo histórico de Blumenau), sendo este material composto por dormentes, trilhos e a estrutura das pontes metálicas. A bem da verdade, a Macuca veio para o Vale do Itajaí como uma locomotiva para trens de serviço, enquanto que as outras duas locomotivas vieram para tracionar os trens de passageiros, possuindo para isto “chaminé balão”, o famoso chaminé “para chispas”, que impedia que as fagulhas provenientes da queima da lenha que abastecia a fornalha, chegassem aos passageiros, técnica que nossa Macuca não possuía já que não fora construída para ser utilizada em trens de passageiros, o que na verdade mais tarde acabou não sendo levado em conta. Aqui cabe mais uma informação cultural importante. Para trazer o material de construção do cais do porto de cargas em Itoupava Seca até o pátio de obras, hoje IPT da FURB, a empresa construtora da ferrovia, Bachstein & Koppel, se valeu dos trabalhos de uma outra pequena locomotiva de bitola de 0,60 mts, de rodagem 0-4-0T, que na verdade foi a primeira que veio ao Vale do Itajaí e a primeira a apitar em Blumenau.

No início de 1.909, com a ferrovia já quase implantada até Warnow, a Macuca, contradizendo suas funções técnicas, passou a ser utilizada em trens mais nobres, trens especiais, levando autoridades ferroviárias e governamentais e até militares em inspeção ao longo da via férrea em construção. Um destes trens ocorreu em 13 de fevereiro de 1.909, portanto, antes da inauguração oficial da estrada. Ressalte-se, porém que não foi a Macuca que puxou o trem inaugural de 03 de Maio de 1.909, como consta na placa onde ela está como monumento, porém, foi uma das locomotivas BORSIG 0-6-4T a quem coube esta tarefa.

### Por que Macuca ?

Qual a origem deste exótico e carinhoso apelido?

Muitos blumenauenses afirmam que este apelido provém do apitar da Macuca, muito parecido com o piar do Macuco, ave da nossa fauna silvestre. Entrevistando várias pessoas, muitas afirmaram que realmente a Macuca “apitava diferente”, porém ninguém relacionou o apito com o pio

do Macuco. Na atualidade não dá mais para saber, já que seu apito não mais existe!

Há, no entanto, outra versão. Olhando-se a Macuca de longe, sua silhueta é extremamente parecida com o corpo do macuco, onde sua chaminé fina e comprida imita o pescoço, seu corpo bojudo, em função do tender acoplado à caldeira, se parece com o corpo roliço desta ave, e a ausência do tender a reboque, imita o rabo curto, quase ausente, no macuco.

### **A ferrovia é inaugurada**

Em 01 de outubro de 1.909, a Santa Catharina Eisenbahn foi inaugurada na totalidade do seu trajeto de 70 km, entre Blumenau e Hansa. Hansa, a estação terminal, ficava onde hoje se situa o trevo de acesso da BR470 para a cidade de Ibirama, naquela época ainda uma terra crua, em colonização, reduto bugreiro, época em que Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, o conhecido Kathanguara, iniciava seu trabalho de aproximação com os indígenas. Estes muitas vezes devem ter observado a aproximação da Macuca do alto das montanhas, na confluência do Rio Itajaí com o Itajaí do Norte, e o Kathanguara, com certeza se utilizara de trens puxados pela Macuca. Já para os moradores destes sertões o apitar do trem significava conforto e alento. Nossa Macuca muitas vezes por lá foi fotografada, cumprindo sua tarefa colonizadora! No entanto, as atividades ferroviárias de linha cabiam em especial as locomotivas BORSIG, mais potentes, sendo a Macuca uma locomotiva auxiliar, ajudando na manutenção da via férrea e tracionando trens especiais de carga.

### **A americanização das locomotivas**

Em 1.918, os alemães perderam a concessão para exploração da Santa Catharina Eisenbahn, em função da ocorrência da 1ª Guerra Mundial, onde Brasil e Alemanha jogaram em lados opostos. Nossa ferrovia passa então a chamar-se Estrada de Ferro Santa Catarina, passando a ser administrada por uma comissão militar. É também o início da “americanização” das locomotivas e da própria ferrovia, mediante a aquisição de quatro novas locomotivas em 1.919 do construtor Baldwin dos Estados Unidos. Assim,

a partir de 1.920, as locomotivas alemãs, entre elas a Macuca, pouco a pouco vão perdendo a serventia. Os vagões também vão se tornando mais pesados, mais aptos para as locomotivas americanas. As locomotivas BORSIG a partir de 1.920 são destinadas para os trens de lastro, utilizadas principalmente na construção do trecho ferroviário entre Subida e Lontras, e a Macuca permanece como locomotiva manobreira, em Itoupava Seca e Blumenau.

### Salva por milagre em 1.932

Com um substancial aumento de cargas e tráfego, já que o trajeto ferroviário pouco a pouco ia sendo aumentado ao longo do Vale do Itajaí com a chegada dos trilhos à região de Rio do Sul em 1.933, a EFSC adquiriu mais três novas e potentes locomotivas em 1.925, condenando cada vez mais ao obsoletismo as pequenas locomotivas alemãs. Assim, em 1.932, a diretoria da ferrovia decide sucatear as locomotivas BORSIG rodagem 0-6-4T, mas, milagrosamente, decide manter em funcionamento como manobreira a Macuca, renumerando-a para nº 1, já que as nºs 1 e 2 originais não mais existiam.

É novamente Jürgen Otto Berner que nos conta que a Macuca passou a ostentar o nº 1, a partir de 1.935, ano em que todas as locomotivas da EFSC foram renumeradas. A Macuca, de 1.935 até o final da década de 50, continua operando como manobreira em Itoupava Seca, puxando vagões entre o porto fluvial de cargas que se situava nos fundos do hoje IPT da FURB, e o pátio da Estação de Itoupava Seca. Muitas vezes era vista entre Itoupava Seca e Blumenau, levando vagões entre uma estação e outra, geralmente, como contou o maquinista Mário Hack, fazendo um esforço muito grande no acrive que existia nas imediações da atual ponte do Tamarindo. Além disso, trabalhava também no pátio da oficina, rebocando locomotivas para fora e para dentro dos galpões, ocasião em que era conduzida geralmente por maquinistas e foguistas aprendizes. Era nestes casos “locomotiva – escola”. Não havia maquinista na EFSC, pelo menos em sua história recente, que não tivesse por primeiro operado a Macuca, o que não

impediu que também houvesse pessoas na ferrovia que não gostavam da máquina, principalmente o picador de lenha, para quem a Macuca dava trabalho em dobro, uma vez que a lenha em metro, comprada para abastecer as demais locomotivas era imprópria para a fornalha e o próprio depósito de lenha da Macuca, que eram muito pequenos. Assim, o jeito era picar a lenha, deixando-a mais ou menos com meio metro, uma trabalhadeira imensa, que ninguém gostava de fazer!

### **A Macuca é emprestada a uma serraria**

No final da década de 50, ainda em bom funcionamento, porém já bastante gasta, e obsoleta para os pesados vagões da época, a Diretoria da EFSC resolveu emprestar a Macuca para a serraria do Sr. Fritz Missner, localizada na localidade de Subida. O Sr. Missner se interessou pela locomotiva, desativada em Itoupava Seca, e demonstrou sua intenção de levá-la até sua serraria, onde acoplaria correias aos eixos motrizes, os quais em movimento, movimentariam a correia que acionaria todo o equipamento da serraria. Em troca, o Sr. Missner forneceria para a EFSC todo o casqueiro proveniente do corte das toras, casqueiro este que seria aproveitado nas poucas locomotivas que ainda queimavam lenha na ferrovia, que já adotara o Fuel Oil como combustível nas máquinas a vapor. Infelizmente, ou felizmente, a idéia de Missner não deu certo, acabando por abandonar a locomotiva em Subida, onde ficou estacionada por muitos anos num desvio morto. Mais uma vez não fora sucateada! Quem nos contou esta história foi o gerente comercial da EFSC, Sr. Victor Persuhn, grande conhecedor dos destinos da nossa ferrovia.

### **A macuca é resgatada**

Na primavera de 1.968, a Macuca começou a fazer parte da minha história. Na tarde deste dia, deparei com a locomotiva 302 aproximando-se da estação de Encano, em frente a qual residia, puxando os restos de uma pequena locomotiva a vapor. Na estação, pudemos contemplar a locomotiva, que estava sem a cabine, sem braçagens e sem as peças principais dos comandos. Até então não conhecia a Macuca, uma vez que nunca a

tinha visto em operação na região onde morava, já que a partir de quando comecei a me interessar pelas locomotivas e pela própria ferrovia a partir de 1.959/1.960, a Macuca já estava confinada na serraria do Sr. Missner. Naquele dia com uma boa conversa com os ferroviários que estavam fazendo o serviço de reboque, fiquei sabendo que se tratava da primeira locomotiva da EFSC, porém ninguém disse qual era a finalidade daquele resgate. Muito surpreso e com a adrenalina em alta, uma vez que nunca tinha visto uma locomotiva tanque, fiquei a observar a esquisita composição afastar-se na direção de Itoupava Seca.

### **Macuca vira monumento em Blumenau**

Em maio de 1.969, cerca de sete ou oito meses após o evento do resgate, tive a resposta do porquê deste resgate. Ao dirigir-me de ônibus ao Colégio onde estudava, vislumbrei a Macuca, garbosa e bonita pintada de verde, na praça Victor Konder em Blumenau, nas imediações da antiga Estação. Mais uma novidade! Nunca tivera visto uma locomotiva em praça pública! A resposta veio pelo rádio ao meio dia do mesmo dia. A diretoria da EFSC, comandada pelo Dr. Victor Doetsch, num largo gesto de grandeza, resolveu comemorar os 60 anos de funcionamento da estrada com uma pequena solenidade, plantando a Macuca em praça pública, já que era ela a locomotiva pioneira a trafegar na ferrovia. Infelizmente, neste ano de 1.969, os ferroviários e a própria ferrovia já começavam a amargar as primeiras notícias da sua iminente desativação, que iria ocorrer já no início de 1971, no dia 13/03.

### **Macuca é retirada da praça**

A glória da Macuca como locomotiva monumento não iria longe. Em 1.972, decidiu-se construir um novo fórum na cidade de Blumenau, e o terreno escolhido para tal obra era justamente o local onde ficava a antiga estação ferroviária, justamente onde a Macuca estava alojada. Com a locomotiva atrapalhando as obras, tratou-se rapidamente de retirá-la daquele local. Com a ferrovia desativada, pensaram alguns, não haveria necessidade de deixar a locomotiva em praça pública, uma vez que, antes símbolo de

progresso, o trem agora significava obsolescência e atraso aos “progressistas pensamentos blumenauenses” daqueles tempos.

Numa reportagem do Jornal de Santa Catarina (JSC) registra o momento em que a Macuca é transportada em carreta para os galpões das oficinas da desativada ferrovia. Havia terminado o seu primeiro reinado<sup>2</sup>!

### **Em 1.973, a Macuca mais uma vez é salva do sucateamento**

O ano de 1.973 foi fatídico para as históricas locomotivas da EFSC, as únicas peças de material rodante que permaneceram em Blumenau, após sua desativação. Após leilão em Curitiba, sede da SR 5 da RFFSA, todas foram condenadas para o sucateamento com a posterior venda de suas peças para os compradores interessados, fato que se realizou na segunda metade de 1.973.

Apesar de estar depositada junto com as demais locomotivas nos galpões das oficinas, após sua retirada de praça, a macuca não foi sucateada. Quem sabe não houvesse ordem oficial da RFFSA para tal, ou alguém relacionado com a ferrovia se lembrou da Macuca como locomotiva monumento, solicitando seu não sucateamento. O fato é que após este evento a nossa Macuca ficou solitária no pátio das oficinas depositada sobre o antigo girador que existia nos fundos do pátio, uma vez que em 1.974 os galpões haviam sido alugados para a Fábrica de Carrocerias Grahl. Ficou ao relento, sem manutenção, um monumento histórico abandonado a própria sorte durante oito anos.

### **Em 1.982, um francês descobre a locomotiva**

PATRICK DOLLINGER, um francês radicado no Brasil, inconformado com o material ferroviário histórico que o Brasil “jogava fora” fundou em São Paulo, em 1.977, a ABPF – Associação Brasileira de Preservação Ferroviária - entidade da qual estou filiado desde 1.981. Numa de suas viagens pela região do Vale do Itajaí, descobriu o estado de abandono da Macuca e resolveu intermediar junto à Prefeitura de Blumenau, sua

<sup>2</sup> **Jornal de Santa Catarina.** Para que servem estes ferros? Ano I, nº 193, 11maio 1972, p.9.

restauração, e é atendido. Patrick registrou o fato em carta de 11 de julho de 1.983, dirigida a mim, mas, não cita nomes das pessoas que felizmente levaram a sério suas preocupações. O fato é que já em 1.982 a Macuca volta à praça, pintada de verde, desta vez sendo alocada sobre um pequeno trecho do antigo leito ao lado da rua São Paulo, na altura do nº 2000, na praça Ralf Fuhrmann. Dois anos depois, passa a ser pintada de preto com detalhes dourados. O local, um pouco ermo naquela época, não foi ideal para expor a Macuca, que ficou também exposta aos vândalos e andarilhos, além de ladrões, que passaram a roubar peças importantes da máquina, como a placa de fabricação, as mandíbulas e o corpo dos engates, o bonito farol e outras peças menores. Em março de 1.987, o Jornal de Santa Catarina noticia com preocupação o seu estado lastimável de abandono e corrosão.

### **A Macuca é desalojada novamente**

Em 10 de março de 1.989, o Jornal de Santa Catarina reporta que provavelmente a Macuca terá que ser desalojada de onde está na praça Ralf Furhmann, em virtude das obras de prolongamento da Avenida Martin Luther, que ocupara a partir do centro de Blumenau o leito da EFSC, e agora deveria se interligar com a Rua São Paulo, justamente nas imediações desta praça. A comunidade blumenauense desta vez, se manifesta no sentido de realmente retirar a locomotiva deste local impróprio e, restaurada, deveria ir para algum logradouro mais seguro.

Em 29 de abril de 1.989, o JSC noticia, com várias fotos, a retirada da locomotiva desta praça, e, sendo guardada na garagem da Prefeitura Municipal de Blumenau no Bairro Ponte do Salto.

### **A luta pela nova restauração**

Em 17 de junho de 1.989 o JSC noticia a problemática encontrada para a restauração da Macuca, tarefa na qual se engajara de corpo e alma o arquiteto Paulo de Zutter, diretor da então Divisão de Patrimônio Histórico da Fundação Cultural de Blumenau. O problema consistia em arrecadar recursos para a obra de restauração, e um novo local para expor a locomotiva. Enquanto isso, na garagem da Prefeitura, a Macuca recebe generosas

doses de pulverização a óleo para conter a corrosão. Em 21 de agosto de 1.989, o JSC aborda novamente a temática da restauração da Macuca, tornando-se um dos maiores baluartes por esta causa. Durante todo o ano de 1.990, eu pessoalmente colaborei com informações e sugestões junto ao arquiteto Paulo de Zutter, na qualidade de preservacionista ferroviário, representando a ABPF no Vale do Itajaí, objetivando o breve retorno da Macuca.

### Os patrocinadores surgem, a macuca é reformada

Durante o ano de 1.990, uma importante obra de restauração era realizada em Blumenau. A grande ponte de ferro sobre o Rio Itajaí-Açu finalmente voltaria ao convívio da comunidade, após o abandono, com o fim das atividades ferroviárias. A Empresa ROCCA, responsável pelas obras de restauro da ponte de ferro gentilmente iria ceder a mão de obra especializada para a reforma da Macuca. O material necessário para esta reforma seria patrocinado pela Sul Fabril Malhas, na pessoa do Sr. Gerd Fritsche. O novo local para expor a Macuca seria nos jardins da Prefeitura Municipal, local onde no passado era o Km 0 da EFSC, e onde muitas vezes podia ser vista em atividade. A decisão foi tomada pelo então Prefeito Victor Fernando Sasse, após consultar as lideranças culturais de Blumenau.

Em 29 de julho de 1.991, fui contatado pela chefia de gabinete da Prefeitura de Blumenau, Sr. Oscar Jenichen. Era preciso saber quais as cores que a locomotiva deveria adotar. A resposta foi dada por correspondência em 31 de julho de 1.991, onde propus as cores preta para o corpo da locomotiva e vermelho vivo para as rodas, limpa trilhos e pára-choque traseiro. As rodas deveriam ter seu friso pintado de branco, e os detalhes no corpo da locomotiva deveriam ser amarelo ouro, sugestão que foi plenamente aceita, demonstrando o padrão de cores que a EFSC adotara durante os anos 40 e 50 nas suas locomotivas. Queria com esta atitude atizar as lembranças daquelas pessoas que naqueles tempos se utilizavam da ferrovia, muitas das quais, ainda se encontravam em nosso meio naquele 1.991.

Deixei esclarecido também nesta correspondência ao Sr. Oscar Jenichen e Paulo de Zutter a necessidade de deixar a locomotiva ao abrigo

de uma cobertura, para que não sofra mais os danos causados pelas intempéries, e, conseqüentemente, a necessidade de outras reformas, onerando os cofres públicos. Também reiterarei que um bem histórico para o Vale do Itajaí como o é a Macuca não deveria permanecer exposta em praça como mero enfeite, mas sim dignamente guardada num museu, ou local onde ficasse a salvo dos vândalos e andarilhos, que mesmo em local público como o é o jardim da Prefeitura, na calada da noite, fariam novamente suas indesejadas visitas. Nestes itens, infelizmente não fui atendido.

### **Macuca volta à praça**

Em 31 de agosto de 1.991, a Macuca volta a reinar como monumento em Blumenau. O ato contou com solenidade de descerramento da placa comemorativa, que coube à Gerd Fritzche da Sul Fabril Malhas e Raul Osório de Almeida da Empresa ROCCA, respectivamente os fornecedores do material e mão de obra para o restauro da locomotiva. O evento também marcou o início da semana da Pátria e os 141 anos da cidade de Blumenau. Foi, portanto, uma cerimônia bastante concorrida.

Mais uma vez charmosa e bonita nas cores preta e vermelha, fotografei a velha locomotiva, que tantas vezes já escapara do sucateamento e do abandono.

Em 1.997, seis anos após este evento, o JSC, sempre atento, volta a noticiar que a Macuca, infelizmente, está necessitando de reforma novamente. A corrosão, principalmente na parte da cabine local preferido pelos andarilhos, havia tomado conta, e havia lá enormes buracos, que precisavam ser fechados. Somente em março de 2.000, o JSC noticia o início das obras de manutenção, que, no entanto, não foram bem feitas, ficando a locomotiva com letreiros tortos e mal acabada. Nova pintura iria ocorrer em 2.002, também noticiada pelo JSC.

### **O que o futuro reserva para a Macuca ?**

Locomotiva pioneira, colonizadora, manobreira, locomotiva escola, monumento...!

Salva do sucateamento e do abandono inúmeras vezes, por pessoas

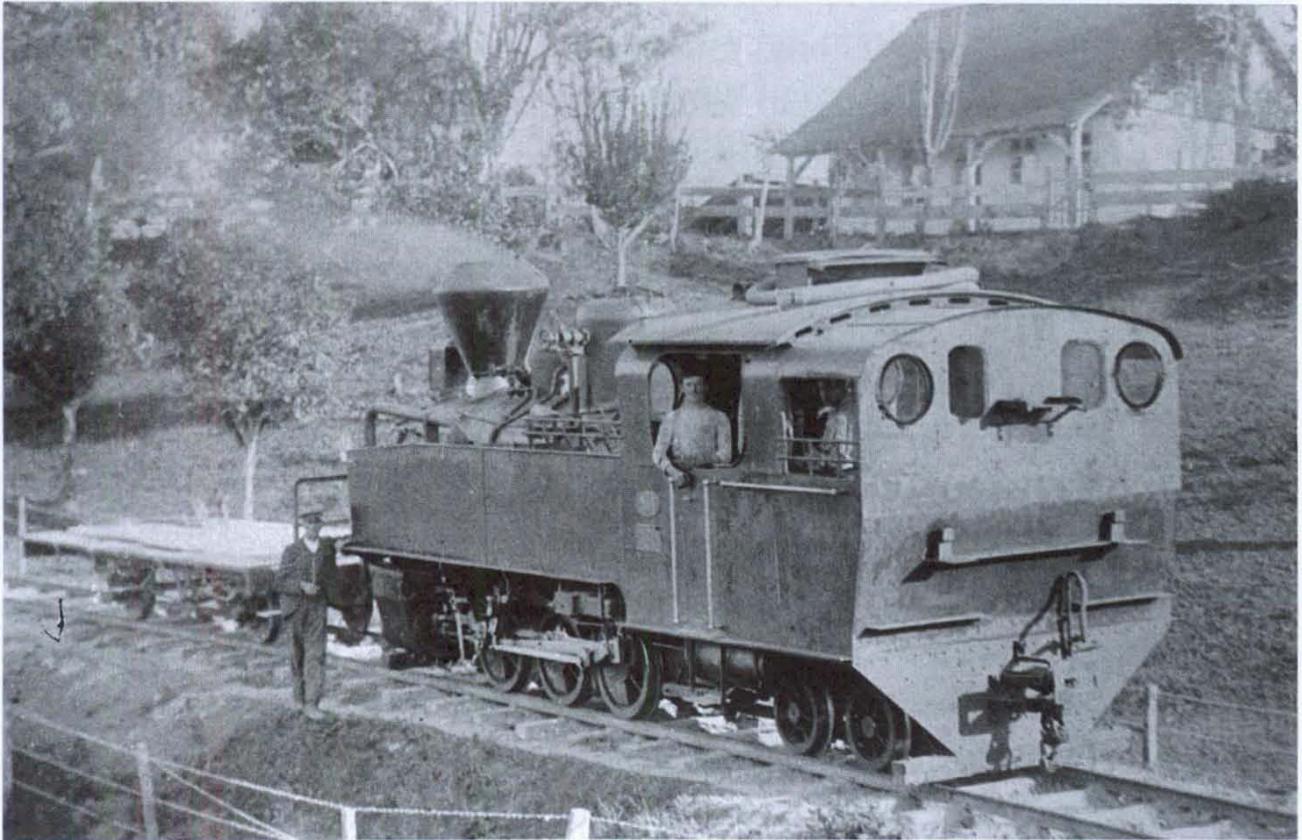
sensatas que nela vislumbraram a própria história da EFSC. Quantas razões para que continuemos a tratar bem a única locomotiva que sobrou da frota de locomotivas da EFSC!

A partir de 2.006, a Macuca fará parte de um seleto grupo de locomotivas do Brasil, que estão sendo fotografadas e catalogadas com a finalidade de compor um livro de arte patrocinado pela Revista Ferroviária. Em 2.007, a velha locomotiva estará completando 100 anos de existência! Creio que é hora das pessoas, com senso de responsabilidade, pensarem num presente para lhe oferecer pela passagem desta data. Na minha opinião, dada a importância histórica desta máquina, o melhor presente seria oferecer a ela um melhor tratamento, não mais a tratando como locomotiva monumento, hoje um mero enfeite no jardim da Prefeitura, mas tratá-la realmente como patrimônio histórico, uma peça de museu que precisa ser novamente restaurada e guardada ao abrigo de um museu ou pelo menos que tenha uma cobertura que a proteja das intempéries e do vandalismo.

Mas, pensando bem, porque não restaurá-la para que volte a funcionar, a exemplo de tantas locomotivas a vapor no Brasil que já estavam em praça e voltaram a operar como museu dinâmico, contando a vivo e a cores sua própria história? Basta tão somente realizar um teste hidrostático na sua caldeira para ver a espessura da chapa. Caso o teste for favorável, o restante das peças em falta e que precisam de conserto são de razoável fácil obtenção e fabricação, ainda mais com a moderna tecnologia da atualidade. Evidente que há um custo para isto, mas, creio que é o mínimo que se pode fazer pela veneranda locomotiva.

Voltando a funcionar, o próximo passo é arranjar um pequeno trecho de via férrea para que possa fazer suas demonstrações à população. Neste caso, creio que uma boa referência seria um pequeno trecho do antigo leito, hoje convertido em rua, porém de pouco movimento entre o IPT da FURB, antigas oficinas, até a ponte do Tamarindo, passando por cima da fantástica ponte de pedras de três arcos que ali ainda existe, completamente abandonada e que também caiu no esquecimento dos blumenauenses, obra esta também do ano de 1.908!

Atualmente a ABPF – Núcleo Regional do Vale do Itajaí em parceria com a Fundação Estrada de Ferro Vale do Itajaí – TREMTUR - está restaurando em Rio do Sul, a locomotiva 232, uma velha locomotiva de 1.920, proveniente da Rede Mineira, que irá tracionar a composição histórica – museu dinâmico – que contará a história da nossa ferrovia ao longo dos 28 kms a serem restaurados entre a Estação de Matador em Rio do Sul e a Estação de Subida, no município de Apiúna, um projeto mais que audacioso. Creio que juntamente com estes 28 kms, não haveria problema em acrescentar mais 500 mts de linha em Blumenau no trecho acima citado. Evidentemente, precisa haver interesse e boa vontade por parte dos blumenauenses. A Macuca neste caso poderá ser restaurada pela própria ABPF – TREMTUR, deixando definitivamente de ser um mero “vaso de flores”, para ser uma autêntica peça de museu vivo, lembrando os tempos em que sua chegada às localidades isoladas do Vale do Itajaí significava alento e progresso, puxando a reboque o fruto do trabalho do laborioso povo do Vale do Itajaí.



Locomotiva nº 1 da E.F.S.C. (conhecida “Macuca”) no ramal de Itoupava Seca. Foto de 1909.

**Referências**

BERNERT, Jürgen Otto. As locomotivas da EFSC. Ind Blumenau em Cadernos tomo X - nº5 maio 1969.

**Periódicos**

**Jornal de Santa Catarina.** Afinal, o que vão fazer com a Macuca? Ano I, nº 194, 12 maio 1972. p.1.

**Jornal de Santa Catarina.** Levaram a Macuca, esconderam num galpão. É direito?

Ano I, nº 194, 12 maio 1972. p. 3.

**Jornal de Santa Catarina.** Macuca será desalojada novamente. Ano XVIII, nº 5.330, 10 mar 1989. p. 20.

**Jornal de Santa Catarina.** Velha locomotiva deixa praça e vai para reforma. Ano XVIII,

nº 5.371, 29 abr 1989. p. 13.

**Jornal de Santa Catarina.** A velha macuca ainda espera reforma para voltar à praça. Ano XVIII, nº 5.413, 17 jun 1989. p. 14.

**Jornal de Santa Catarina.** Macuca continua abandonada. Ano XVIII, nº 5.468, 20-21 ago 1989. p. 1.

**Jornal de Santa Catarina.** Só a lei Sarney pode salvar a Macuca. Ano XVIII, nº 5468, 20-21 ago 1989. p. 14.

**Depoimentos:**

Deoclides Junkes - Marceneiro - EFSC

Domingo Passo da Silveira - ex-Maquinista - EFSC

Gilberto Pasta - ex-Mecânico - EFSC

José Pacheco - ex-Maquinista - EFSC

Luis Oliveira (in memorian) - ex-Maquinista - EFSC

Mário Hack (in memorian) - ex- Maquinista - EFSC

Patrick Dollinger (in memorian) - Fundador da ABPF

Sebastião Francisco (in memorian) - ex-Foguista - EFSC

# O apagão

Anamaria Kovács <sup>1</sup>

## Contos Natalinos

Aquela seria uma noite de Natal como todas as outras. Claudiomiro, o primogênito, bocejava discretamente; sua mulher e as irmãs discutiam a educação das crianças e Clóvis, o caçula, beijocava a noiva. Seus cunhados assistiam a um especial sobre a data na tevê, açúcarado e saudosista. A garotada corria pelo apartamento, aos gritos, os mais velhos aproveitando a vantagem do seu tamanho sobre os menores. Dona Clorinda cumpria seu papel de mãe e avó, terminando os preparativos da ceia, na cozinha trancada.

Ela acabara de colocar na mesa a última travessa quando o inesperado aconteceu, acompanhado de um desolado “Ooh!” de todos: num fenômeno freqüente nos últimos anos, a energia caiu. As crianças reagiram imediatamente; Leninha e Tiago, os mais novos, gritando pela mãe, enquanto Augusto, Armando e Felipe iniciaram seu repertório de sons aterrorizantes.

<sup>1</sup> Anamaria Kovács é carioca, tem 56 anos e vive em Blumenau desde 1976. Formou-se em Comunicação Social e fez o doutorado em Letras. Trabalhou em jornais do Rio de Janeiro e de Blumenau, na Universidade Federal Fluminense e na Universidade Regional de Blumenau. Publicou, entre outros, os livros infantis *O Pingüim que Procurava o Sol*, *Que Bicho é Esse?*, *As três Casas* e *O Burrinho que Calculava*, e os infanto-juvenis *O Monstro Atômico* e *O Canto da Sereia*.

- E agora? – murmurou Mariana para Claudiomiro.
- A gente acende umas velas e janta, ora essa – resmungou o marido.
- Eu tenho uma lanterna no carro – ofereceu Sérgio, o cunhado gor-ducho.
- ‘Tá louco, homem? Numa hora dessas é que os assaltantes fazem a festa! – apavorou-se a mulher dele.

Enquanto os filhos discutiam, Dona Clorinda tomava providências discretamente. Tateou pelo corredor até o quarto de empregada, onde escarafunchou as gavetas de uma velha cômoda. Voltou à sala com uma lanterna na mão e uma caixa embolorada na outra.

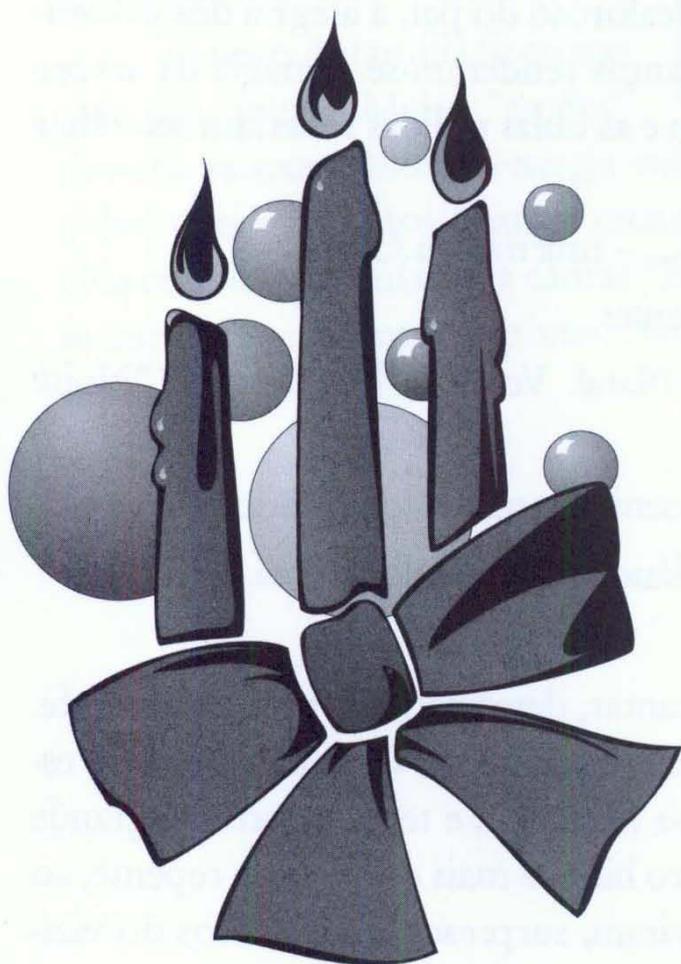
- Augusto e Armando, venham ajudar a vovó – chamou.

A família silenciou. Fazia muito tempo que não ouviam aquele tom de voz de Dona Clorinda. Claudiomiro viu-se aos quinze anos, levando um sermão por fumar escondido. As gêmeas se entreolharam na escuridão – ali

estava a mãe capaz de trancá-las em casa por uma semana, depois que a escola denunciara sua cabulação de aulas. Clóvis, que declarara sua independência ao ir morar com a noiva, deu uma risadinha e apertou a mão de Suzana.

- A velha vai deitar e rolar – cochichou.

Suzana não respondeu. Observava a futura sogra. Via uma sessentona alinhada, bem penteada e vestida com gosto, discretamente. Aliás, Dona Clorinda sempre lhe parecera discreta, até demais – raramente opinava em assuntos pessoais, não defendia o filho quando



ela se queixava. Parecia, mesmo, a sogra ideal. Talvez fosse esta a ocasião de ver o seu “outro lado...” Suzana aproximou-se dela, dizendo:

- Posso ajudar em alguma coisa?

- Puxa-saco... – sussurrou Clara entre os dentes.

- Veja – disse Dona Clorinda – Essas são as velas que usávamos quando os meninos eram pequenos, para iluminar a árvore de Natal. Terão boa serventia agora... É só colocá-las nos suportes e prendê-los nos galhos. Você fica com os mais altos, que eu não alcanço.

Em poucos minutos, as velas estavam em seu lugar. Dona Clorinda e Suzana acenderam as de cima, e os meninos, as dos galhos mais baixos.

Uma luz suave e quente foi tomando conta da sala, tirando das sombras um rosto, o lampejo de uma jóia, o brilho de um olhar. Aos poucos, as vozes excitadas de crianças e adultos foram diminuindo de volume, baixando o tom... Até que um silêncio surpreso os envolveu. Claudiomiro e seus irmãos voltaram à infância, ao abraço caloroso do pai, à alegria dos presentes simples e das brincadeiras. As crianças renderam-se à magia da árvore iluminada, onde os enfeites cintilavam e as bolas polidas refletiam seu olhar encantado.

- Pena que o som não funciona... – murmurou Clóvis.

Dona Clorinda reagiu prontamente:

- Podemos cantar os hinos de Natal. Vocês se lembram de “Noite Feliz” ?

- Sim! Sim! – responderam os meninos, que o aprenderam na escola.

- Mais ou menos... – hesitou Cláudia, cutucando a irmã.

- Podemos tentar – disse esta.

Vozes inseguras começaram a cantar, desafinando a primeira estrofe. Depois, porém, lideradas pelos meninos e por Dona Clorinda, que não esquecera uma palavra da letra, foram se firmando, e terminaram em grande estilo. As crianças logo sugeriram outro hino, e mais outro, e de repente, ao terminarem o terceiro ou quarto, ouviram, surpresos, os aplausos do vizi-

nho, que chegara à janela para ouvir melhor, junto com seus convidados.

Dona Clorinda não se deu por achada, sorriu e agradeceu, como maestrina experiente, enquanto os netos gritavam “Feliz Natal!”

- Agora podemos fazer uma oração, como fazíamos quando vocês eram pequenos – disse Dona Clorinda.

Os netos prontamente se colocaram em volta da árvore e olharam para a avó-sacerdotisa.

O resto da família ficou nas sombras, atento. Mal o “amém” deixara os seus lábios, a energia voltou. As crianças começaram a gritar e pular, mas os adultos ficaram estatelados, piscando. Enquanto o ar se enchia com o coral infantil a cantar “Jingle Bells”, os filhos de Dona Clorinda se entreolhavam entre lágrimas. Nunca mais o Natal seria o mesmo.



# O Natal e seus símbolos<sup>1</sup>

## Símbolos de Natal

Ao longo de toda sua existência, o homem manifestou sua crença em Deus, utilizando símbolos. Iniciamos pelo Natal, um período rico em simbologias. Uma data que revela as realidades mais profundas da humanidade, pois celebramos o nascimento de Jesus Cristo.

### Presépio



No Museu do Latrão, é conservada uma gravura datada de 343 d.C., mostrando o Menino Jesus reclinado sobre o chão, entre animais. Outra gravura

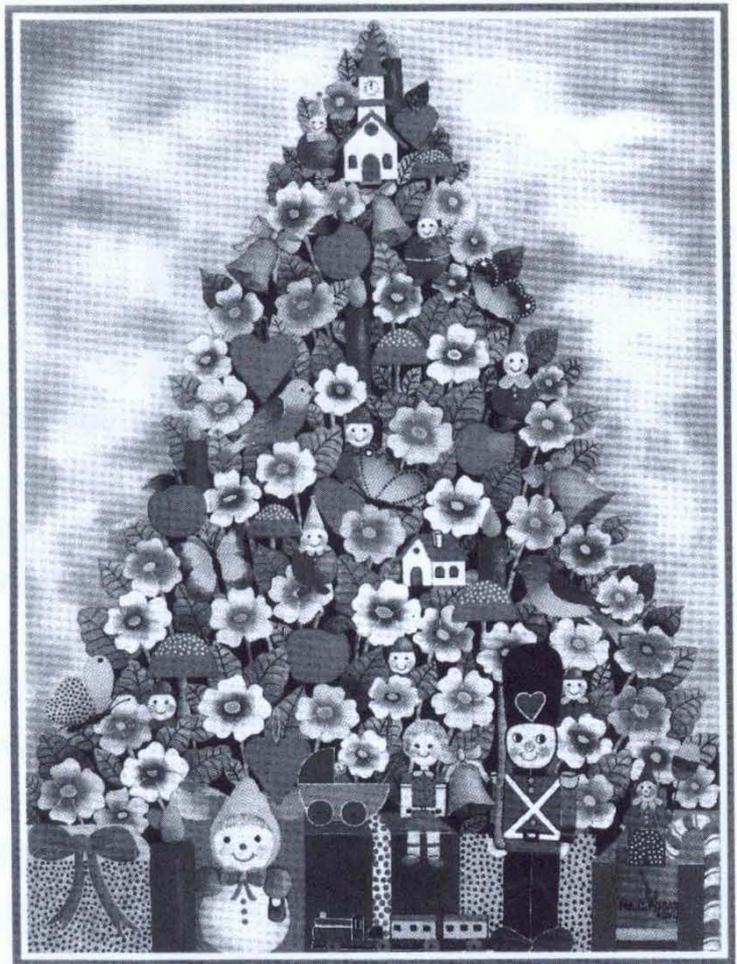
famosa está afixada na capela da Basílica de Santa Maria Maior, em Roma. São evidências que atestam serem antigas as tradições e a tentativa de representar o nascimento de Cristo. O Presépio moderno surgiu em 1223, pelas mãos de São Francisco de Assis. Os franciscanos foram os maiores divulgadores, tornando-o conhecido em todo mundo.

### Estrela de Natal

Lembra a estrela que guiou os magos até Belém. É símbolo de Cristo, luz do mundo. No mar da vida, como aos navegantes, Cristo – a estrela – deverá nos guiar até Deus, até a eternidade.

### Árvore de Natal

Na maioria dos povos, a árvore representa um sinal de força e de vida. O pinheiro é o que melhor representa a vida, pois permanece sempre verde. Cristo é a verdadeira vida. Então, o pinheiro é sinal de Cristo em nossas vidas. O pinheiro de Natal pode lembrar a árvore da vida de que nos fala Gênesis (2,9), que significava a felicidade. Ornada de luzes e bolas coloridas, a árvore de Natal quer lembrar os frutos de nossa espiritualidade.



### Sinos de Natal

Normalmente, os sinos tocam na manhã festiva. Às vezes, tocam de maneira triste, como nos funerais. Num momento ou outro, repicam sole-

nemente. No Natal, transmitem alegria, anunciando a chegada do Salvador, nosso mestre, guia e amigo, que nos conduz para a casa do Pai.

### Velas de Natal

O profeta, falando do nascimento de Cristo, diz que uma grande luz brilhou para o povo que andava nas trevas (Is 9,2). Cristo é esta grande luz para todos os povos, simbolizando a vela natalina.

### Ceia de Natal

Muitas famílias costumam fazer uma ceia festiva na noite de Natal, reunindo amigos e parentes. A refeição tem sempre caráter de reunião, de encontro, de convívio. Mas sem oração, sem um cântico de Natal, ela nada se distingue de outra refeição festiva. Esta ceia deve ser precedida ou seguida da Ceia Eucarística. Nessa, Cristo se faz nosso alimento.



### Cartões de Natal

Cada pessoa é um ser comunicativo. Todos apresentam uma necessidade natural de comunicação: palavras, sinais, escritos... Deus também se comunica. Ele falou ao longo da história da salvação, revelando seu plano de amor a nosso respeito. Finalmente, através de seu filho, cumpriu sua palavra e se fez um de nós. No Natal, Cristo se torna para nós a boa nova. Por isto, o cristão que recebe Cristo comunica sua alegria de várias maneiras. Uma delas é a mensagem escrita.

# História de uma greve

Luis Reis<sup>1</sup>

Fragmentos da  
nossa história Local

Insinuando-me na intimidade dos arquivos, como velha traça saudosista, dispondo-me a reunir imagens dispersas pelo tempo, captando sonoridades distantes, cujos fracos ecos ainda têm o poder de transmitir-nos a imagem da eternidade.

Recompondo, ao arbítrio do pensamento, paisagens antigas e curiosas figuras de um mundo ausente e, no entanto, sempre vivo, como uma ternura ressuscitada, procurando dar vida às cores já cansadas de esquecidos quadros. Acho-me assim, assim por instantes, na presença de um passado longínquo, cuja aproximação sutil mais adivincho do que sinto, e ouço, bem nítida, a animação de tantas vozes que estiveram solidariamente irmanadas na mesma marcha, que hoje retomamos pelo ideal comum.

Contam-me, então, fatos interessantes do nosso histórico ferroviário, como este, que reproduzo com a fidelidade de honestos depoimentos.

Tendo o Brasil declarado guerra à Alemanha, o Governo Brasileiro, por decreto sob nº 12.907, de 6 de março de 1918, tornou nulo o contrato de arrendamento mantido com a Companhia Estrada de Ferro Santa Catarina e a empresa alemã, passando a ferrovia à administração da União, por intermédio da Inspetoria Federal das Estradas.

Em virtude disso, no dia 8 daquele mesmo



<sup>1</sup> Diretor e redator do Jornal "O Ferroviário" (Órgão da Classe Ferroviária do Vale do Itajaí). Este artigo foi extraído do exemplar nº2/Ano I de 08/08/1959.

mês e ano, o engenheiro Oscar Castilho, fiscal da referida inspetoria junto à Estrada, tomava posse do cargo de chefe do tráfego e assumia, interinamente, a direção da E. F. Santa Catarina.

A entrega da pequena ferrovia (Blumenau-Hansa) processou-se normalmente, mas provocou certos ressentimentos entre uma minoria de funcionários categorizados, do velho regimento, os quais, agindo ousadamente, procuraram criar dificuldades para a administração nacional, indispondo-se contra ela o pessoal subalterno, menos esclarecido. E conseguiram o que pretendiam, lançando o falso boato de que todos os operários de nome alemão seriam demitidos pelo novo diretor, que estava para chegar.

Com esta notícia tendenciosa, surgiu o primeiro movimento grevista registrado na Estrada. No dia 13 de março de 1918, os operários das oficinas de Itoupava Seca, com exceção do mestre e de dois marceneiros, paralisaram os trabalhos, demitindo-se coletivamente, alegando que não estavam dispostos a “ensinar aprendizes ou outros operários estranhos”, que, conforme se propalava, viriam a substituí-los dentro em breve.

O grosso dos ferroviários porém não se envolveu nos acontecimentos. Apenas alguns funcionários solicitaram demissão, “por serem alemães”, enquanto outros não compareciam ao serviço, pretextando doença. O Dr. Castilho baixou uma circular, com a advertência de que todo aquele que se ausentasse de suas funções, sem causa justificada, estaria sujeito às penalidades regulamentares em vigor, e concedeu, com prazer, uma única exoneração declarando ter assumido essa responsabilidade porque o requerente F. B. “nasceu nesta terra, naturalizou-se alemão, manifestando sempre, em todas as oportunidades que se deparava, seus ardorosos sentimentos patrióticos alemães, aliás, muito louváveis e honrosos para quem lá nasceu, porém, nunca para quem teve esta terra por berço”.

Como medida de precaução, o diretor interino solicitou o concurso do Tiro de Guerra local, que, além de guardar as dependências da Estrada, ainda destacou vários de seus rapazes, operários e mecânicos de profissão, para servirem nas oficinas, em substituição aos grevistas. Nenhum incidente houve. Aos poucos, foram regressando ao trabalho os ferroviários faltosos, reiniciando-se, em poucos dias, o tráfego dos trens.

Com a chegada do novo diretor, Major Oscar Barcelos, que tomou posse em 6 de abril de 1918, e o afastamento de uns poucos elementos radicais, restabeleceu-se a normalidade dos serviços da Estrada de Ferro de Santa Catarina.

Título	Autor	Nº	Página
“Açu” – Festa da cultura barriga verde.		3/4	066
“Monges” (Os) - história e lenda.	Enéas Athanázio	5/6	118
Acidentes de trabalho nas fábricas de Blumenau - (SC).	Lourenço Mário Prunes	5/6	094
Alguém se lembra?	Homero Bruno Malburg	3/4	064
Ano de Érico Veríssimo (O).	Enéas Athanázio	9/10	114
Anos cinquenta – os filmes.	Homero Bruno Malburg	9/10	079
Apagão (O).	Anamaria Kovács	11/12	102
Armações baleeiras ao turismo de observação em Santa Catarina (Das).	Mônica Krieger Goulart	1/2	104
Arquitetura de Blumenau.	Arquitetura Rosália Wal	5/6	064
Blumenau de ontem: experiências e recordações de um imigrante.	Karl Kleine	3/4	009
Bom de bola e de texto.	Gervázio Tessaleno Luz	7/8	090
Brabeza nos primeiros imigrantes de Rio dos Cedros.	José Curi	1/2	024
Caçada de bugres (Uma).	Pe. Schüler	1/2	009
Celebrações de casamentos de 100 anos atrás em Pomerode.	Roseli Zimmer	3/4	098
Ciclo das enchentes em Brusque, SC (O) – O Fenômeno geográfico e o discurso técnico-político.	Nilton César Fraga	3/4	072
Clubes de caça e tiro após a Segunda Guerra Mundial em Blumenau (Os).	Cristina Ferreira e Anna Caroline Peixer Abreu	11/12	065

Conjuntura de Itajaí à época da edificação da Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento (A).	Edison d'Ávila	9/10	059
Correspondência & Tradução – De H. Blumenau /Lauterberg.	Curt Heise	7/8	115
Correspondências – De H. Trommsdorff para Dr. Blumenau.	Tradução Curt Heise	5/6	110
Cozinha alemã (A).	Alda Niemeyer	9/10	056
Desenvolvimento recente do sistema produtivo regional de Blumenau (O).	Ivo M. Theis e Carolina Bagatolli	11/12	030
Dr. Amadeu Prada Beduschi.	Alvaro Correia	5/6	074
Escravidão e liberdade numa vila do Brasil Meridional.	José Bento Rosa da Silva	9/10	048
Etimologia do topônimo Camboriú.	Lino João Dell' Antônio	3/4	055
Fonso.	José Curi	11/12	009
Fontes para a Historia Regional.	Sueli Maria Vanzuita Petry	9/10	081
Friedenreich em Blumenau.	Aurélio Sada	7/8	094
G. E. Olímpico – Campeão da Liga Blumenauense de Futebol em 1949.	Walmor E. Belz	5/6	091
Glória maior do Guarani: o título regional de 60.	Aurélio Sada	1/2	093
Greve de 1919.	-	5/6	106
História de uma greve.	Luis Reis	11/12	109
Incidente desagradável (Um).	Karl Kleine	9/10	009
Influência do “Talian” na fala catarinense (A).	José Curi	5/6	020
Influência do “Talian” na fala catarinense (final) (A).	José Curi	7/8	037
Intervenções do Estado na imprensa de Blumenau (1937-1945).	Méri Frotscher	1/2	074

Jornada do Itajaí.	Karl Kleine	7/8	009
Levantamento de raízes tuberosas no Vale do Itajaí e Joinville.	Antônio Henrique dos Santos e Paul Richard Momsen Miller	1/2	060
Locomotiva “Macuca” patrimônio histórico do Vale do Itajaí.	Luiz Carlos Henkels	11/12	088
Lugar chamado Vila Itoupava (Um).	Elke Tschersovsky	9/10	068
Mar de letras.	Enéas Athanázio	7/8	118
Matando saudades.	Aurélio Sada	7/8	092
Migração e memória: entre a pólvora e o bálsamo.	Ancelmo Schörner	7/8	099
Morar na periferia – localização e segregação espacial: as cores vívidas da realidade.	Ancelmo Schörner	11/12	048
Nacionalização do Vale do Itajaí.	Raquel de Queiroz	1/2	065
Noite no eremitério (A).	Alfredo Scottini	1/2	089
Paixão pelos livros (A).	Enéas Athanázio	3/4	116
Papel da Igreja Evangélica na preservação da língua alemã na Colônia Hammonia (O).	Harry Wiese	9/10	035
Passarelas amazônicas.	Enéas Athanázio	11/12	114
Passeio pela cidade de Desterro em 1858 (Um).	Pastor Flos	5/6	009
Paul Kellner e dois episódios.	Flávio Farab	1/2	046
Publicidade veiculada nas emissoras de rádio de Blumenau nas décadas de 60 e 70 (A).	Clóvis Reis – César Martins	3/4	038
Relação dos moradores residentes na região do Rio Tijucas Grande e Perequê até a Caixa de Aço.	-	9/10	088
Saga de Zumbi (A).	Enéas Athanázio	1/2	116
Seis anos e meio de trabalho em prol da estação agro-pecuária – Gado Vacum.	-	1/2	100
Ser italiano (Para): Sentidos da comemoração do centenário de imigração italiana em Nova Trento, 1975.	Caroline Jaques Cubas	7/8	078
Turismo e História no Parque Ecológico Spitzkopf.	Aurélia Maria Santos	5/6	076

# Passarelas Amazônicas

Enéas Athanázio<sup>1</sup>

Autores  
Catarinenses

## 1. Passarelas amazônicas (Visão de um catarinense)

Alguns amigos estranham minha mania de viajar pelo Brasil. Para eles isso é sinônimo de sofrimento, no que não deixam de ter alguma razão. Mas a verdade é que prefiro trilhar nosso chão que passar nossos parques dólares para as mãos dos “gringos.” Com essa disposição, lá fui eu, acompanhado de minha mulher, no rumo da Amazônia.

Depois de várias horas de vôo, com as aborrecidas conexões em São Paulo e Brasília, além de uma escala em Cuiabá, estávamos nós em Porto Velho, a capital de Rondônia. Cidade com mais de 700.000 habitantes, tem avenidas e ruas bem traçadas, retas e largas, com poucos prédios altos. Para uma cidade amazônica, possui pouquíssimas árvores, o que indica que os “cortadores de árvores”, degredados de Portugal, devem ter feito estágio por lá. Isso aumenta o calor, que é de rachar catedrais – como dizia



<sup>1</sup> Escritor e Advogado.

Nelson Rodrigues.

À margem do imenso rio Madeira estão bares e restaurantes agradáveis, os “points” da população. Nas mesas colocadas à sombra servem peixes, pratos locais, frutas e sucos deliciosos. A vista é maravilhosa.

Um pouco além, tutelados pela Funai, estão os índios (guajará e outros) em sua morada. Em nossa visita, pedi que falassem na língua nativa: é ininteligível aos nossos ouvidos, toda consonantal, sem vogais. Compramos objetos artesanais, como colares, brincos, cocares. Minha mulher, por brincadeira, se propôs a comprar uma indiazinha de três meses, que estava nua. Uma das irmãs correu para pegá-la e a mãe respondeu de pronto: “Faça uma!” Sua Excelência, o cacique, nem se dignou levantar da rede. Afinal, quem eram aqueles “caras pálidas” para tirá-lo de seus cômodos? À medida em que a conversa prosseguia, eles começaram a nos tocar nos braços, nas pernas e nas cabeças. Lembrei-me de que Darcy Ribeiro observou que os índios não sabem falar sem tocar no interlocutor. E antes que eles resolvessem tocar em partes menos apropriadas, decidimos partir.

Visitamos, em seguida, aquilo que foi a sede da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, a “ferrovia do diabo”, hoje desativada. Está no mais completo abandono. Barracões, locomotivas, litorina, vagonetes, trilhos, tudo entregue à ferrugem e ao vandalismo. Nem mesmo o passeio turístico, tão divulgado, pode ser feito em virtude de desmoronamentos na linha. Uma estrada que custou fortunas, centenas de vidas, suor e sofrimento, entregue à intempérie, no centro da capital. Melancólico fim da lendária “ferrovia do diabo.” Mas Farquardt, o mesmo Percival de nosso “Contestado”, construtor da Madeira-Mamoré, é nome de avenida.

Locais bonitos da cidade são o Parque das Seringueiras, arborizado com essas árvores, onde o pessoal pratica esportes, caminha e faz seus piqueniques, e o porto de onde saem barcos de passeio. São barcos grandes, de boa madeira, limpos e confortáveis. Ali existe uma feira onde vendem comidas, frutas, bebidas e sucos. Local de reunião da moçada. Nas margens do rio, onde foi retirado o capim, é visível a erosão que carrega para o leito a terra arenosa.

A capital tem movimento intenso e um comércio variado, embora

sem luxo. Existem feirinhas que oferecem badulaques. Cabras, pássaros, cães e gatos são vendidos nas ruas. Só encontrei uma livraria, misturada com papelaria, e algumas bancas de jornais mal instaladas. Existe um só “shopping”, muito modesto, mas a cidade conta com seis emissoras de televisão, quatro jornais e universidade. “Alto Madeira”, um dos jornais, tem publicado coisas minhas na página literária editada por Selmo Vasconcellos, com quem jantei. O Hotel Vila Rica, onde ficamos é excelente. Centraliza as atividades sociais e culturais da cidade. O povo é amável e acolhedor.

### 2. Passarelas amazônicas

Viajamos de Porto Velho para Guajará-Mirim, no extremo oeste do Brasil, na divisa da Bolívia, em excelente ônibus da “Eucatur”, pertencente ao grupo paranaense “União Cascavel.” A estrada é uma buraqueira infernal, retrato perfeito da “já era FHC.” Nesse trajeto restaram poucas matas. A devastação foi violenta, sendo queimadas imensas áreas, com as árvores em pé. Disso resultou a presença lúgubre de troncos calcinados, com seus galhos estirados, como braços implorantes apelando sem resultado ao bom-senso. Pelos nomes que ouvi, tudo indica que os “queimadores de matas” são os mesmos, ou seus descendentes, que devastaram o Rio Grande do Sul, o nosso oeste e depois foram subindo, entregues à faina destruidora. Mas o resultado parece ter sido pífio, pois as fazendas são pobres e mal povoadas de um gadinho feio. É claro que tudo foi feito com a conivência de políticos e funcionários corruptos, comentando-se que o valor da propina corresponde ao tamanho da devastação.

Guajará-Mirim, cidade antiga, tem ruas retas e largas. Está mal cuidada, com mato nas sarjetas, terrenos baldios, materiais de construção nas calçadas. Precisa com urgência de pavimentação para livrar-se da lama vermelha. O novo prefeito, aliás catarinense, assumiu há pouco e a população lhe dá um crédito de confiança. Vamos esperar que ele corresponda.

Partindo dali, percorremos 22 quilômetros de estradinha de chão, carroçável, numa caminhonete alta e de dupla tração. Em pouco tempo entramos na selva verdadeira, cruzando trechos que parecem túneis vege-

tais, até chegar ao “Pakaas Palafitas Lodge”, hotel situado em plena floresta, construído em 1997 por Paulo Saldanha, advogado e bancário aposentado, por ele próprio dirigido, com o auxílio de toda a família. Edificado sobre palafitas de concreto, muito altas, na confluência dos rios Pakaás Novos (águas negras) e Mamoré (águas acastanhadas), é coberto de palha nativa e os apartamentos são cabanas fiéis à tradição local. Dotadas do conforto dos melhores hotéis, as cabanas têm nomes de pássaros, frutas e árvores da região (açai, gameleira, ipê rosa, bico-de-fogo etc). Tudo é interligado por uma rede de passarelas de madeira, elevadas em até três metros do chão, de forma que a pessoa caminha na altura das copas das árvores. Elas também se estendem em outras direções, penetrando fundo na mata fechada e algumas cobertas pela vegetação. Um vai ter ao heilporto, outra ao porto, uma terceira passa sobre as águas da baía e outra, a mais baixa, percorre uma floresta sombreada de xaxins gigantes. Isso permite uma visão da floresta por dentro. É um impressionante emaranhado de árvores, cipós, trepadeiras, espinhos, parasitas, folhas de mil formas e tons, capins, frutas silvestres, ninhos, flores. Alguém a pé, perdido ali, jamais sairia.

À noite é possível observar os jacarés em seu “habitat”, mas não tivemos sorte, eles não apareceram. Em compensação, à tarde, vimos um cardume de botos brancos se exibindo. Andando pela passarela mais distante, ao anoitecer, ouvimos animais grandes em disparada, rugidos distantes, uivos e gritos, pássaros em vôos pesados e sons indefiníveis. No rio que passa sob o terraço da cabana vemos os pulos dos peixes e a movimentação das aves aquáticas. A floresta é um mundo de vida!

Alo longe, em plena escuridão, ouve-se o matraquear de um motor. É um pescador solitário que desafia a noite.

### 3. Passarelas amazônicas

Em Guajará-Mirim, entramos num barco com destino à vizinha Bolívia. Barco longo, com tolda e sanefas, com capacidade para 15 passageiros, tem o bico chato, talvez por isso conhecidos como “chatas.” Partem na ordem da chegada à fila, como os táxis, e só levam passageiros, retornando

vazios. O percurso inverso é feito pelas “chatas” bolivianas. A travessia do Mamoré, largo e caudaloso, é feita num sentido enviesado, evitando as ondas da parte mais larga, e dura cerca de dez minutos. Nunca dizem “atravessar”, mas sempre “fazer a travessia.”

No outro lado está Guayramerin, cidade boliviana bastante grande, cuja maior curiosidade é a quase total ausência de carros. Lá imperam as motos de todos os tipos, inclusive aquelas com charretes cobertas, para duas pessoas, acopladas na parte de trás – os “riquixás.” Mal descemos do barco e somos cercados por taxistas, motoqueiros, guias e vendedores. Escolhemos o Alexander, rapaz simpático e que fala bem o português, fã declarado de nosso futebol. No “riquixá”, que ele diz ter importado do Peru, percorremos a cidade, de canto a canto.

Visitamos as avenidas, larguíssimas, as praças bem arborizadas, as feiras, mercados e lojas. Não oferecem muita coisa, mas mesmo assim compramos tecidos, lembranças, cartões e jornais. O dono de uma lojinha se diz “quéchua” e fala algumas frases na língua nativa, tão ininteligível como a de nossos índios. A presença de brasileiros é constante, não constitui novidade. O tratamento que nos dispensam é sempre amistoso e alegre. A cidade tem um ar de grande tranqüilidade em virtude da ausência de carros, é limpa e bem cuidada. Ela vive muito mais em função do Brasil que do Altiplano, onde estão La Paz e as maiores cidades bolivianas.

No lado brasileiro, visitamos o Museu Histórico, instalado na estação da extinta Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Tem um excelente acervo, mas chamam a atenção um jacaré e um boto empalhados e, acima de tudo, uma sucuri (anaconda) com doze metros de comprimento e uma grossura impressionante. No pátio, entregues à ferrugem e ao mato, estão duas marias-fumaças da ferrovia. Na frente delas, voltadas para o porto, tremulam a bandeira do Brasil e o pavilhão tricolor da Bolívia. Ambos contemplam, impotentes, a incúria de nossos governos.

No dia seguinte, partindo do hotel, fazemos uma incursão pelo Pacaás das águas negras. Numa “voadeira”, como chamam as lanchas, que desenvolve 70 km por hora, subimos e subimos o curso do rio. Profundo e calmo, é limpo, sem os plásticos, latas e papéis que bóiam nos nossos. A vegetação

refletida nas águas cria efeitos curiosos. Aves aquáticas estão em toda parte. Visitamos a casa de um sitiante ribeirinho, “seu” Chico Maturana, que se diz índio mas foi criado pelos padres. Mora em duas cabanas, próximas, uma destinada à cozinha e outra ao quarto de dormir, ambas cobertas de palhas, no melhor estilo local. Penetramos fundo na picada que vai às roças onde ele cultivava mandioca, milho, feijão, banana, hortaliças, fruteiras etc. A mulher está doente e ele braceja sozinho pela sobrevivência. É hospitaleiro, conversa e nos oferece café forte – “comprado”, como faz questão de declarar. Compadeci-me da luta daquele brasileiro perdido num desvão da floresta imensa, só, abandonado, sem assistência e ajuda. Mas ele se mostra sereno, afrontando a dureza do destino, como altivo descendente dos donos desta terra que nós invadimos e que não sabemos conservar.

Muito haveria ainda a dizer. Mas uma coisa é o relato, outra a realidade. Concluo, pois, afirmando que foi uma experiência única para sulinos como nós, revelando facetas incríveis deste País extraordinário que todos nós deveríamos tratar bem melhor.

### **Quem escreve o quê e onde (II)** **De longe e de perto**

Teresina – Desde a simpática cidade verde chegam dois livros de poesias, ambos de autoria de Dílson Lages Monteiro. Esse Lages que não é lageano de nossa princesa dos campos, mas que vive às margens do Parnaíba, aquele que Da Costa e Silva apelidou de “velho monge” e que parece envolver a cidade-capital, envia-me “Os Olhos do Silêncio” (Scortecci Editora – S. Paulo – 1999) e “O Sabor dos Sentidos” (Edição do Autor – Teresina – 2001), ambos analisados por nomes representativos das letras e que contam com apreciável fortuna crítica. A poesia de Dílson Lages Monteiro é, quase sempre, bastante breve, econômica de palavras, e cada vocábulo é buscado com afinco na intenção de extrair o máximo de seu significado real e simbólico. Fatos às vezes mínimos do cotidiano alimentam a criatividade do poeta, sobre eles construindo versos que cantam, instigam e provocam. Embora não seja uma poesia fácil, não chega ser

hermética, pelo menos não tanto como outras que tenho lido. As coisas da terra também se impõem ao poeta, confirmando que o pó do chão natal permanece para sempre incrustado na alma. Assim, por exemplo, em “Marataoã”, onde evoca esse rio sertanejo que marcou sua infância: “O rio corre em meu coração/e separa os sentimentos da areia. . . - O rio corre em meu coração/e deságua nas correntezas do caminho.” Também não se furta o poeta a experiências com os jogos de palavras e letras, mostrando-se aberto a todas as correntes que lhe toquem a sensibilidade. É, enfim, um poeta que sabe trabalhar sua poesia, rico de idéias e imagens, devotado à sua literatura e que mereceu de Caio Porfírio Carneiro estas boas palavras: “Dílson Lages Monteiro é “total”, abrangente, objetivo, filosófico, garimpeiro da Alma e da Vida, e, justamente por tudo isto, universal.”

Fortaleza – Enviado pelo professor e crítico Sânzio de Azevedo, recebi “Os Pescadores da Taíba”, de Álvaro Martins (1868/1906). Trata-se de edição **fac-similar** de um livro publicado em primeira edição no ano de 1895, elaborada com extremo cuidado, com aquarelas de Côca Torquato e excelente introdução do próprio Sânzio. O livro em si já é uma obra de arte. Ele contém o longo poema que descreve as agruras e tristezas dos humildes pescadores da vila da Taíba, na verdade mais tapera que povoado. O poema revela um poeta sensível e hábil, captando com perfeição os sentimentos dos personagens, figuras que descreve com precisão e simpatia, além de dar vida e beleza a episódios e momentos, paisagens e situações. É um poema para ler e reler, proporcionando sempre bons momentos de convivência com poesia de verdade. Tanto a Taíba como Xiquita passaram a habitar o meu mundo. Admirável também a carta-prefácio de Pedro Moniz, publicada na edição original. Um grande livro para um grande poeta, fazendo justiça a quem merece.

Porto Alegre – Vindo do outro extremo do país, recebo “RS Modernidade (1890/1930)”, coletânea de ensaios editada pelo Círculo de Pesquisas Literárias – CIPEL (Porto Alegre – 2003). Reúne diversos trabalhos a respeito de nosso vizinho do sul, entre eles um de autoria de Cleber Pacheco, exímio poeta e crítico. Nele o autor aborda “O romance “Celeste” e a neurose do homem moderno”, partindo da análise desse romance, pu-

blicado em 1893, por Maria Benedita Bormann, escritora gaúcha que usava o pseudônimo de Délia. Mostra que a obra se filia ao naturalismo, ainda que tendo muito de romântico, faz uma breve exposição sobre o enredo e se aprofunda no exame da neurose da personagem central – Celeste – que “além de nervosa e histérica, é sedenta de volúpia.” Aprofunda-se, a seguir, no exame do romance, seu estilo, características da personagem, comparações com outras obras, a neurose e o amor nos tempos em que o livro foi publicado. Conclui mostrando que o romance de Délia é atual no que se refere à conciliação impossível entre sexo e amor. “Se a histeria no Século XIX era proveniente de o amor não poder nem dever ser ligado ao sexo, no Século XXI ela ocorre porque pode-se desfrutar deste de modo quase ilimitado, mas totalmente desprovido de amor” – arremata o ensaísta. Como todos seus trabalhos que tenho lido, este é mais um ensaio modelar.

São Paulo – Meu amigo Trajano Pereira da Silva, um dos mais dedicados lobatianos da atualidade, envia três preciosidades relacionadas a Monteiro Lobato (1882/1948). A primeira é uma petição da lavra do criador do “Sítio do Picapau Amarelo”, na época Promotor Público da comarca de Areias, no Vale do Paraíba, em São Paulo. A petição, manuscrita, pede a citação de um jurado para que pague a multa e custas devidas por não ter comparecido à sessão do julgamento e nem tampouco justificado a ausência. A petição é redigida em linguagem sumária e não contém data. Graças ao despacho de juiz é que se pode verificar que foi recebida em 15 de outubro de 1908. Lobato foi Promotor naquela comarca entre 1907 e 1911, ano em que deixou o Ministério Público para gerir a fazenda que herdara do avô – a célebre Buquira. Naquele mesmo ano, segundo edital publicado no “Diário Oficial”, o Promotor Monteiro Lobato denunciava um casal por crime de furto. Veio ainda o jornal “Contato”, publicado no Vale do Paraíba, contendo crônica de José Carlos Sebe Bom Meihy a respeito da paixão lobatiana por Nova York e artigo de Ana Marcondes sobre o pintor Waldemar Belisário Pellizzari, estimulado e apoiado por Lobato, e que fôra casado com Patrícia Galvão, a Pagu, cujo casamento conseguiu anular sob a alegação de que havia sido enganado. Enquanto isso, lavra na imprensa a “guerra” entre a Editora Brasiliense e os herdeiros de Lobato. Alegam estes que

a editora não cumpre as cláusulas do contrato firmado entre o escritor e Caio Prado Jr., então proprietário da casa editora. A Brasiliense, por sua vez, sustenta que “os herdeiros só atrapalham” e nunca aprovam suas iniciativas. Com isso, no vai e vem dos recursos, Lobato vai sendo esquecido e sua obra vai se tornando raridade bibliográfica, só encontrada em sebos, a preços proibitivos, em especial a obra adulta.

Campinas – Está circulando mais um número (197) da conhecida revista “Notícia Bibliográfica e História”, editada pela PUC de Campinas e que tem como diretor o Prof. Odilon Nogueira de Matos. Neste número aparecem inúmeros artigos e ensaios de interesse, merecendo destaque “A textualidade contida de Graciliano Ramos”, de autoria de Fábio Lucas, “Fritz Müller, um príncipe da natureza”, de Duílio Battistoni Filho, e “Quarto centenário de nascimento de João Maurício de Nassau”, de Hitoshi Nomura, entre outros. Importante o estudo sobre a historiografia paulista de autoria do próprio diretor. Toda a revista merece leitura, inclusive pelas curiosidades históricas que estampa, revelando o espírito pesquisador que a norteia.

Petrópolis – Jurista, romancista, contista, cronista, autor teatral e, acima de tudo, poeta, Gerson Valle está dando a público o livro “Vozes trazidas pelos ventos”, reunindo uma coletânea de seus poemas mais recentes (Edição Poiésis – RJ – 2005). Dividido em sete “livros”, o volume contém um leque muito largo de poemas construídos frente a inúmeros fatos e sensações que tocaram a alma da poeta, onde os sons e seus ecos têm uma presença forte, inclusive os sons das vozes que o vento transporta. “Tento fazer uma poesia ainda possível de ser compreendida – depõe o poeta, - e que se afine com as preocupações de nosso tempo, mas numa linguagem mais geral que o limite da contemporaneidade. Assim, além de me dar grande satisfação em sua composição, eu estou prestando um serviço aos que desejam sentir o lirismo natural de todo sempre, sendo atual pela visão, sem, no entanto, afogar-me na chatice do nonsense eterno e repetitivo com que o surrealismo achatou a modernidade poética. Metáforas, sim, mas não unicamente metáforas.” Os poemas de Gerson Valle instigam e surpreendem, constituindo sua leitura a renovação do prazer provocado pela boa poesia.

Florianópolis – O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC) está distribuindo a bem feita plaqueta “Oswaldo Rodrigues Cabral na Historiografia Catarinense” reunindo ensaios e artigos de vários autores abordando as mais variadas facetas da personalidade e da obra daquele renomado historiador e jornalista cultural. Assinam os trabalhos Sílvio Coelho dos Santos, José Curi, Norberto Ulysséa Ungaretti e Jali Meirinho, este último fazendo profunda e fundamentada incursão na obra do homenageado em ensaio que deu nome à coletânea. O ensaísta se revela admirável conhecedor da obra de Cabral, focalizando cada um dos títulos mais importantes e sua evolução no aprofundamento da pesquisa e da valorização das fontes. É ensaio elaborado com afincamento e seriedade, despertando o interesse do leitor pela obra analisada e divulgando-a como merece. O volume contém ainda o discurso proferido por Oswaldo Rodrigues Cabral (1903/1978) ao receber o título de Professor Emérito da UFSC, em 1974, e um minucioso currículo. Publicado na Série Ensaios do IHGSC, é importante contribuição ao conhecimento de um dos grandes intérpretes de Santa Catarina e sua gente.

Merece referência ainda o ensaio “Presença francesa na costa catarinense: mito e história”, de autoria do mesmo historiador Jali Meirinho e publicado nos anais da XXIV Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH), realizada em Curitiba, em 2004. O autor analisa a existência de fatos inverídicos que, à força da repetição, adquirem o caráter de “verdades históricas”, em que pese não encontrarem sustentação na realidade. Aponta o perigo que constitui a transformação de mitos, ou meias verdades, em supostos acontecimentos reais, motivados por interesses pessoais ou locais, a exemplo do turismo. É um chamado à consciência dos que lidam com a História, evitando que ela se transforme em ficção com fumos de veracidade.

Também de nossa Capital chegam os livros “Automáquina” e “perpetuocontinuum”, ambos de contos de autoria de meu conterrâneo Cláudio Dutra. São peças inovadoras, criativas, livres e desembaraçadas nas quais o contista se despe de compromissos limitadores. “Num estilo inovador e arrojado, o autor propõe uma verdadeira viagem ao labirinto da

imaginação. Entre o conclusivo e o reticente, desprende-se das limitações da linguagem e de regras gramaticais, apresentando os meandros do pensamento, seu ritmo, seus compassos e descompassos” – como afirmou um crítico. É a literatura encarada como “atividade artística”, em que o autor envereda pelos escaninhos da filosofia, não fosse ele bacharel nessa área. Está visto que é uma literatura refinada, trabalhosa, elaborada e que, aparentemente, se satisfaz com leitores poucos mas de qualidade.

Blumenau – “Lendas e Causos de Santa Catarina”, de Isabel Mir Brandt e Maria José Ribeiro (Tuca), em dois volumes, publicados pela Nova Letra (2004). São dois belos álbuns, com esmerada feição gráfica e ilustrações, reunindo lendas e causos correntes em nosso Estado, colhidos ao vivo, evitando assim que desapareçam. Nesse sentido creio que constitui um trabalho pioneiro. Segundo as autoras, as histórias foram “contadas” para avaliação e só então escritas, revelando o cuidado que cercou cada uma delas. Algumas histórias podem ser bem conhecidas, mas sua leitura é sempre deliciosa, revelando aspectos curiosos da imaginativa popular. É uma iniciativa que preencheu uma lacuna até então existente e as autoras, assim como os que participaram da equipe, merecem nossas felicitações.

### **Crônica**

#### **Moro onde não mora ninguém**

Eu trocava pernas pela extensa avenida semideserta de Piçarras. A noite, ainda jovem, estava agradável e uma leve aragem soprava do mar. Céu claro e que principiava a ficar pontilhado de estrelas. Foi então que se aproximou um homem baixote, um tanto gordo, empurrando um carrinho, desses com rodas de bicicletas, e estacou pouco adiante. Tratava-se de um catador de papéis e plásticos, dos tantos que não cessam de proliferar nestes tempos bicudos de desemprego. Arquejante, num jeito cansado, ele se encostou ao veículo para um descanso, enquanto eu me aproximava.

“Como foi o seu dia?” – indaguei, puxando conversa.

“Mal, muito mal – respondeu ele, levantando pequenos sacos que estavam no carrinho, coisa leve. – Isso não vai dar nada, nem para comer”

– concluiu em voz baixa.

“É sempre assim?” – perguntei.

“É cada vez pior – respondeu. – Todo dia surgem novos catadores. Logo não vai dar mais para ninguém.”

Encostou-se outra vez, revelando grande cansaço. Passava as fraldas da camisa na testa suada, tirava e punha o chapéu furado, pondo à mostra fiapos de cabelos grisalhos.

“Você mora para aqueles lados?” – aponte para o norte, rumo que ele seguia antes de parar.

“Não, não tenho morada, não moro em lugar nenhum – afirmou. – Durmo na rua mesmo, em algum canto. Tenho uns papelões no carrinho, estendo-me neles e me cubro com um acolchoadinho velho que ganhei...” – E ele me mostrou a ensebada coberta, um desses acolchoados conhecidos como “pulgueiros”.

“E quando chove?” – continuei inquirindo.

“Aí vou para o cemitério de carros e tento dormir em alguma cabine. Quando o vigia não permite – tem um que é duro – o jeito é dormir num vão de porta ou debaixo de alguma marquise. Não tem outro jeito”.

Tristeza enorme me invadia.

“No mês passado – contou – roubaram os pneus do carrinho enquanto eu dormia. Passei dias com fome porque não podia trabalhar.”

Mundo cão é pouco! – pensei comigo.

“Você não tem família, mulher, filhos? Ninguém?” – inquiri.

“Tenho dois filhos, mas ficaram “grandes”, são doutores, nem sei onde andam. Nunca se incomodaram comigo.” – Dizia isso sem rancor, em tom conformista. Que poderia fazer?

“E o Serviço Social não ajuda? Não tem um abrigo provisório ou coisa assim?”

Ele fez um ar de riso.

“Nada, nada. Só dá passagem de ônibus para ir embora e leva até a rodoviária.”

“Como agüenta essa vida? – ainda perguntei. – Tem saúde?”

Levantou a camisa fiapenta e mostrou a barriga. Largas cicatrizes marcavam a pele escura, para baixo e os lados.

“Já fui operado de hérnia, vesícula e apendicite. Agora ando com dores no peito e tenho sentido falta de ar. Parece que a força começa a faltar” – arrematou numa fala entrecortada.

Tirei algum dinheiro do bolso e lhe dei uma “mesada”. Pelo menos não dormiria com fome. Levantou com esforço o carrinho e retomou o caminho pelo calçamento irregular. Logo adiante entreparou, voltou-se e perguntou:

“O senhor não tem um cantinho para eu dormir?”

Com desolação fiz um gesto negativo. Ele me contemplou por instantes e seguiu devagar até sumir na escuridão.



Para proceder a assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R\$ 70,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R\$ 55,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R\$ 80,00
- Exemplares avulsos: R\$ 10,00 (edições dos anos 70 a 2003)  
R\$ 15,00 (anos 60)  
R\$ 20,00 (anos 50)
- Encadernação R\$ 30,00 o volume (até 1997, um volume para cada tomo. De 1998 em diante, dois volumes por tomo.
- Tomo completo encadernado: R\$ 120,00 (para tomos de 1998 em diante). Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento.

( ) Sim, desejo assinar a revista *Blumenau em Cadernos* para o ano de 2005 (Tomo 46). Anexo a este cupom, a quantia de R\$ .....,00 (..... reais) conforme opções de pagamento abaixo.

**Formas de pagamento:**

- ( ) Vale Postal – Fundação Cultural de Blumenau – Blumenau em Cadernos
- ( ) Depósito no BESC – conta 77.995-2 – Agência 003. Após o pagamento, passar FAX do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.
- ( ) Cheque - Banco: ..... Número do Cheque: .....

**Dados do Assinante:**

Nome: \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_ Cx. Postal: \_\_\_\_\_  
CEP: \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_ Fone para contato: \_\_\_\_\_  
Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
**Assinatura**

**Arquivo Histórico José Ferreira da Silva**  
Caixa Postal 425 - Cep 89015-010 - - Fone: (47) 326-6990 – Fax (47) 222-2259  
Blumenau (SC) – E-mail: [arquivohistorico@fcblu.com.br](mailto:arquivohistorico@fcblu.com.br)



Unidades  
Culturais

Arquivo Histórico  
Prof. José Ferreira da Silva  
[arquivohistorico@fcblu.com.br](mailto:arquivohistorico@fcblu.com.br)

Mausoléu  
Dr. Blumenau

Museu  
da Família Colonial

Centro Cultural  
da Vila Itoupava

Biblioteca Pública  
Dr. Fritz Müller

Museu  
de Arte de Blumenau

Galeria  
Municipal de Arte

Centro de Publicação,  
Documentação e  
Referência em Leitura

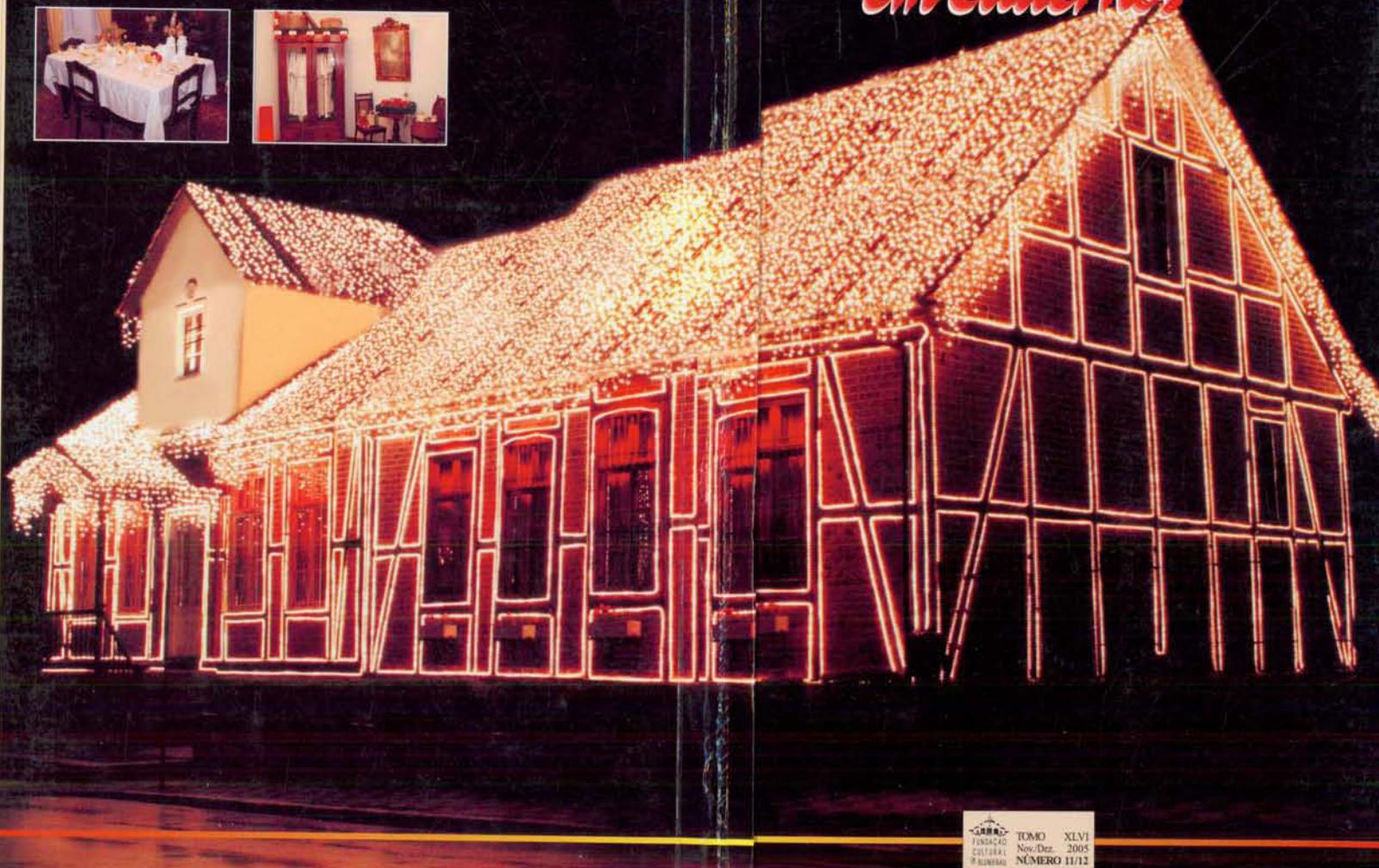
Editora  
Cultura em Movimento  
[editora@fcblu.com.br](mailto:editora@fcblu.com.br)

[www.fcblu.com.br](http://www.fcblu.com.br)



ISSN 0006-5218

# BLUMENAU *em Cadernos*



## BLUMENAU *em Cadernos*

TOMO XLVI  
Novembro/Dezembro de 2005  
Nº 11/12

### Apoio Cultural:

Genésio Deschamps

Victória Sievert

Willy Sievert (*in memoriam*)

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Eletro Aço Altona S/A

Hildegard Rossmark Schramm

43 S/A Gráfica e Editora



